



DINEU DE PAULA

ROMANCE MEDIÚNICO

PELO ESPÍRITO
BERNARDO

A HISTÓRIA DE
MATILDE

EDITORA
EYE

Confraria dos Livros Bons

DINEU DE PAULA

PELO ESPÍRITO
BERNARDO

A HISTÓRIA DE
MATILDE
ROMANCE MEDIÚNICO

Confraria dos Livros Bons

Capivari-SP
- 2017 -

Dedicatória

Nesta versão eletrônica, a numeração de algumas das páginas não segue rigorosamente a da versão impressa, pois as páginas em branco e as meramente ilustrativas foram removidas.

Confraria dos Livros Bons

Para Ruth, que não desistiu de mim.

Prefácio

Bernardo, espírito bondoso e evoluído, narra neste romance experiências de entes que com ele dividiram seus caminhos em encarnações pretéritas.

Com isso, pretende fazer um alerta aos que ainda se deixam levar pela busca equivocada do prazer por meio da satisfação de instintos primários.

Evidencia que o apego ao poder e a prática de subjugação, vingança e fugas do dever mediante subterfúgios aparentemente fáceis apenas conduzem a equívocos e se resumem a prazeres fugazes e insólitos.

Jesus pregou com ênfase que só o amor verdadeiro pode trazer paz, e que homens, mulheres e crianças têm igual direito a dignidade e respeito.

Bernardo começa seu relato no ano 1.470 da era cristã, mostrando que, tantos anos após a vinda do Messias, muito pouco havia sido assimilado da mensagem que ele trouxe aos habitantes do planeta.

Esse relato objetiva levar os leitores à reflexão de que o prazer obtido mediante atos inescrupulosos é efêmero. Que somente a disposição em seguir os ensinamentos trazidos pelo Mestre pode levar à conquista da real paz e felicidade. Ao seguir caminho inverso, o sofrimento é inevitável, gerando a seu tempo arrependimento e tormento. Isso sem falar em uma demora significativa na conquista da paz que a evolução traz.

O modo como o livre-arbítrio é exercido revela-se fundamental para que o caminho rumo à redenção e à paz interior seja trilhado com maior ou menor rapidez. Porém, o encontro com o divino é inevitável e está reservado para cada um dos filhos do Altíssimo.

No correr da narrativa, é fácil identificar que Arnaldo, por resistir ao bem, insistindo em desfrutar prazeres primários, experimenta muitos sofrimentos em sua trajetória.

O autor pretende levar os leitores a refletirem sobre a forma como conduzem seus passos nesta caminhada terrena. Isso para que se deem conta de que o Evangelho de Jesus é a bússola que conduz os irmãos a seguirem com paz e resignação rumo à felicidade plena a que são destinados.

**Espírito Irmão Justus,
pela médium Ilda Garcia Kolling**

Prólogo

O tempo passou, os séculos rolaram, e jamais esqueci a figura alegre da pequena Matilde.

Era filha do oleiro Jonas e gostava muito de crianças. Tinha belas faces rosadas, pequenos olhos azuis muito alegres, e sua figura rechonchuda inspirava imediata simpatia.

Desde pequena, sempre externou uma alegria contagiante, possuindo uma natureza completamente feliz. Trabalhava com a família, mas gostava mesmo era de cuidar de crianças.

Nos domingos e dias de guarda, era comum vê-la passeando de mãos dadas com praticamente todas as crianças do lugar, a quem conduzia e divertia de forma incansável.

Matilde também era devota, mas de um jeito peculiar: sua alegria não condizia com a frieza da religiosidade da época. Ela gostava de cantar no coral e de enfeitar a igreja com as flores que cultivava e que colhia pelos campos.

Havia quem a considerasse meio tola, por seu sorriso sempre afixado no rosto e sua disposição para ajudar quem dissesse dela precisar. Mas era impossível não gostar de Matilde, não se alegrar com sua presença ou com sua simples passagem.

Eu amava Matilde.

Sempre que a via passar, enquanto arava o campo, sentia uma fraqueza estranha, um aperto no peito. Eu era mais pobre do que ela, e talvez seu pai tivesse outros planos para a filha. Por vezes, tomava a coragem de lhe falar, sentindo-me desajeitado.

Aliás, desajeitado eu era mesmo, em meus 18 anos de sofrida vida no campo e nenhuma instrução.

Matilde também às vezes parava para falar comigo, quando passava. Eu me sentia então o mais feliz dos homens e sonhava com nosso casamento. Imaginava a felicidade que seria viver com Matilde e ter filhas que saíam à sua feição, com a mesma alegria contagiante.

Um dia, decidi que a abordaria, pois tinha um medo terrível de que se tornasse a prometida de outro. Mas nesse mesmo dia de domingo, a cavalaria passou por nosso vilarejo.

Matilde passeava de mãos dadas com as crianças, com flores nos cabelos, quando o tumulto começou. Ela tentou proteger as crianças, fugir com elas para a floresta, mas não foi rápida o suficiente. Um homem mal-encarado, com ar de comandante, viu a figura querida da risonha Matilde e a perseguiu.

Eu a tudo assisti, sem nada poder fazer. Enquanto a tragédia ocorria, com o vilarejo sendo devastado pela soldadesca cruel, precisei ajudar três meninas pequenas que choravam desesperadas. Foi o dia mais triste da minha vida.

Após esconder as três crianças, corri gritando atrás da cavalaria, disposto a morrer para salvar Matilde, mas foi em vão, pois os cavalos logo se distanciaram. E eu fiquei chorando no meio da estrada.

Ela se fora para sempre, levada pela cavalaria, sabe-se lá para qual destino.

Nunca mais veríamos sua figura alegre, nunca mais ouviríamos seus risos e canções. No altar da igreja, suas flores não mais estariam.

Eu vivi assombrado por aquela lembrança e pelo desejo intenso de saber o que fora feito dela.

Agora, após tanto tempo, não sou mais um campônio bronco.

Desvendo o éter cósmico, para nele ler a história da menina que amei.

Esta é a história de Matilde.

Rapto

Matilde acordou tarde naquele domingo e espreguiçou-se gostosamente na cama.

Estava feliz, muito feliz. Sonhara que o eleito de seu coração se declarava. Um sorriso preguiçoso iluminava seu semblante suave e ela refletia: será? Será que o jovem ruivo, tímido como ele só, tomaria coragem para se declarar? Não sabia o que fazer para encorajá-lo. O rapaz ficava com as faces coradas sempre que conversavam. Então, ele parecia ter dez braços e vinte mãos, sem saber onde colocar nenhum deles.

Matilde ria, antecipando um momento que esperava havia longo tempo.

Saiu da cama e logo tratou de ajeitá-la, pois era muito meticulosa. Abriu a janela, deparou-se com um dia lindo, com céu azul límpido, não obstante a brisa fria que soprava.

Ficou ainda mais contente, pois poderia passear com as crianças após o almoço. Ela adorava crianças: eram a sua paixão. De novo, pensou no jovem ruivo e imaginou como seriam os seus filhos com ele.

Saiu do quarto, e a família já havia feito o desjejum; só ela ainda não o fizera. Sua boa mãe a deixara dormir até tarde.

A família havia saído, e a casa estava vazia. Verificou que o dia já estava mesmo adiantado e concluiu que havia perdido a missa. Sentiu-se um tanto culpada por isso, mas não demais, pois achava os longos sermões meio chatos.

Fez seu desjejum e, de repente, sentiu uma pontada no peito. Sozinha ali, na casa de sua família, experimentou uma solidão inexplicável, uma profunda melancolia.

Pareceu-lhe que aquela era sua nova realidade: sozinha, apartada de todos os que amava. Àquele pensamento, sentiu um arrepio e teve medo, sem saber a razão.

Ser temerosa não era de sua natureza. Ao contrário, sempre achava que o melhor ocorreria. Entretanto, em um átimo, sentiu-se imensamente só. Buscou se livrar daquele sentimento, sem muito sucesso.

Arrumou-se e decidiu passear. Lutava para retomar sua costumeira alegria,

enquanto observava tudo com um ar de estranheza, como se fosse uma estrangeira. Pareceu-lhe que se despedia da aconchegante casa de sua família. Andou pelo jardim que cuidava com esmero e sentiu uma inexplicável vontade de chorar.

Estaria ficando louca? Nunca fora dada a pressentimentos e de repente sentia como se seu mundo fosse acabar. O que poderia ocorrer de tão grave?

A não ser... A não ser que o jovem ruivo estivesse mesmo em vias de pedi-la em casamento e o sentimento fosse o de que sua vida iria mudar de modo definitivo em razão disso.

Mas aí a mudança seria para melhor! Ah, como amava aquele rapaz tímido, alto e magro, que parecia sempre deslocado em sua presença. Tinha vontade de tranquilizá-lo, de incentivá-lo.

Sempre que possível, achava um modo de passar perto da propriedade da família do moço. Se dava sorte, parava para conversar com ele, secretamente divertida em vê-lo tão constrangido.

Às vezes também se irritava um pouco: por que ele não criava coragem e se declarava? Ela não metia medo em ninguém, sabia disso. Nunca brigara na vida. O que de pior poderia ocorrer com o rapaz, caso lhe dirigisse alguns galanteios respeitosos? Que ela não correspondesse. Mas isso não seria o fim do mundo. Ele não seria o primeiro nem o último homem do mundo a encontrar alguma resistência ou mesmo a ter uma negativa. Mas ela não tencionava dizer não, de modo algum.

Tentou se confortar com aquele pensamento: seria pedida em casamento, e essa era a mudança que intuía pairando sobre seu destino. Passeou um pouco pelas cercanias da casa em que morava, lutando com um aperto no peito que a incomodava. Desgostosa consigo mesma, resolveu voltar e começar a preparar o almoço da família.

Matilde gostava de cozinhar. Depois de cuidar das crianças, era a sua ocupação favorita. Cozinhava bem melhor do que sua mãe, que lhe deixava essa parte das obrigações domésticas de bom grado.

Entreteve-se com as panelas, e, quando percebeu, sua família já estava de volta da igreja.

Matilde sentiu uma tristeza imensa ao ver seus pais e irmãos entrando na ampla cozinha. Controlou a custo a vontade de chorar, enquanto mirava a cada um com atenção, como se quisesse gravar a imagem da família na memória para sempre.

Seu inabitual mutismo chamou a atenção da mãe, que lhe indagou o que ocorria. Matilde desconversou e logo as atenções se desviaram para outro tema.

Após o almoço, Matilde continuava silenciosa, em uma atitude contemplativa de tudo o que a cercava.

Depois de um pequeno descanso, resolveu se dedicar ao seu passatempo favorito: divertir as crianças. Ela lhes contava histórias, que inventava com uma facilidade espantosa. Brincava com elas, andava pelo lugarejo todo, ora cantando, ora correndo, por vezes simplesmente apreciando a paisagem.

Matilde saiu e não demorou a encontrar a petizada que amava. Era quase um ritual: muitos meninos e meninas a esperavam sob as árvores frondosas que ficavam em frente à igreja.

Ela precisou se esforçar um pouco naquele dia, pois seu coração insistia em não participar do que deveria ser um instante de alegria. Entretanto, ao contato com as crianças, finalmente conseguiu superar aquele sentimento que a incomodava desde a manhã.

Após inventar algumas histórias e comandar várias brincadeiras, decidiu levar as crianças em um passeio em direção ao campo.

Era um espetáculo bonito de se ver. Matilde estava com um ar primaveril, com suas longas tranças loiras, entremeadas de flores, rodeada de crianças, a quem conduzia em atitude de evidente carinho. Quem poderia resistir àquela imagem idílica?

Para melhorar o dia de Matilde, enquanto passeava, ela encontrou o rapaz de quem estava enamorada. Como era um dia de novidades, ele a mirou mostrando no semblante um ar decidido, completamente novo. Cumprimentou-a e perguntou se demoraria muito no passeio. Disse que gostaria de falar com ela, quando retornasse, e que a esperaria em frente à igreja.

Matilde recompensou essa coragem com um sorriso luminoso e assegurou que não pretendia demorar muito. Foi com o coração cantando, completamente

esquecida dos sentimentos tristes que havia experimentado de manhã, que Matilde continuou seu passeio.

Entretanto, não foi muito longe, pois prestou atenção a um movimento incomum na estrada que desembocava no pequeno lugarejo. Uma nuvem de pó se levantava, anunciando a presença de uma grande tropa de cavalos. Matilde sentiu um leve estremecimento, mas cuidou de se colocar à parte com as crianças.

Finalmente, percebeu de que se tratava: eram soldados, era a cavalaria que avançava rapidamente e com estardalhaço. Ciente de que aquilo não prenunciava nada de bom, a jovem arrebanhou as crianças, com o intuito de conduzi-las à floresta.

As crianças estavam muito assustadas e obedeceram sem questionar, inclusive porque confiavam em Matilde.

Nisso, ela notou o semblante do homem que estava à frente da cavalaria e seu coração ficou pequeno. Sentia que conhecia aquele homem de algum lugar e tinha muito medo dele. Petrificada, Matilde ficou olhando a tropa que avançava e de repente seu olhar cruzou com o do temido comandante.

Um frio de gelo tomou conta do coração da jovem, que sentiu dificuldade para respirar e temeu desmaiar. Tomada de um pavor que jamais havia experimentado, pôs-se a correr conduzindo as crianças que a acompanhavam.

O cavaleiro que a observara de forma especial não titubeou e lançou-se a uma perseguição com objetivo específico: queria apanhar Matilde.

Agudamente ciente disso, ela entendeu que constituía um perigo para as crianças, perigo representado pelas patas do cavalo que se aproximava e também pelo cavaleiro que o conduzia. Largou das mãos das crianças e gritou para que corresse, enquanto ela própria se lançava em louca correria, afastando-se dos pequeninos.

Lançando um olhar para trás, vislumbrou que o cavaleiro já estava perto demais, terrivelmente perto dela.

Seu pensamento se elevou em uma prece desesperada, rogando ao Criador que a socorresse, enquanto tentava fazer umas fintas, correr para o lado e voltar, na

tentativa de lograr seu perseguidor.

Tudo foi em vão, pois logo ela se sentiu arrebatada por dois braços fortes, que a puxaram para cima do cavalo. Matilde gritou, enquanto grossas e quentes lágrimas rolavam por seu belo rosto.

Seu algoz gargalhava de alegria, parecendo encontrar um prazer especial naquela caçada e no desespero de sua vítima. Matilde se debatia em vão entre os braços daquele homem de uma força descomunal, tentando escapar.

Seguiu-se um tempo que lhe pareceu infinito, enquanto assistia, de posição tristemente privilegiada, ao estrago que era feito no vilarejo pela tropa ensandecida. Os homens pilharam quanto puderam, mataram muita gente, divertiram-se espalhando o terror naquele local habitualmente pacífico e ordeiro.

O comandante gritou para quem parecia secundá-lo na chefia do bando que iria se adiantar na retirada.

Gozando de uma felicidade terrível, a do predador que apanhou a presa esquiva, fez seu cavalo ganhar velocidade, conduzindo a carga preciosa. Matilde se debatia, embora já estivesse bem contundida, e também chorava sem parar. O comandante se divertia com aquilo.

– Pequena, não entendeu que não tem escapatória? Doravante, você é minha. Não a deixarei partir. Ninguém jamais foge de mim. Aceite isso.

A menina arfava de terror e nada respondia. O homem terrível gargalhava, como se o espetáculo do desespero daquela jovem indefesa lhe agradasse imensamente.

Exausta e ferida pelo aperto que recebia, que até dificultava sua respiração, Matilde desmaiou. Ao sentir o corpo pesado e inconsciente contra o seu, o comandante Arnoldo experimentou uma inquietação: será que a matara?

Mexeu um pouco com ela, notou que respirava com dificuldade e afrouxou o abraço. Percebendo que o desmaio não era fingimento, e também não temendo a fuga, pois já se afastavam bastante do vilarejo, pôs-se a observá-la de modo detido.

Reparou na delicadeza dos traços de Matilde, no recato de suas roupas, nas

flores que ornamentavam suas tranças. Sentiu o cheiro bom que dela emanava. Recordou o modo como conduzia crianças pela mão, quando a vislumbrara de longe, antes que ela o visse.

Observou que o rosto da jovem estava lavado de lágrimas, que estava corada do esforço para se libertar. Ali, possivelmente pela primeira vez em sua vida, o insensível Arnaldo experimentou uma inexplicável onda de ternura. Por alguma razão que lhe escapava, de repente a carga que conduzia lhe pareceu imensamente preciosa.

Ele notou o inusitado do sentimento. Matilde não era de modo algum a primeira moça que raptava em suas andanças.

Em geral, tratava de violá-las sem demora, para satisfazer seu desejo bestial. Algumas deixava na beira da estrada, a chorar pelo ocorrido. Outras levava consigo um tempo para libertá-las quando se fartava de sua presença. Algumas, que o irritavam demais, terminava por oferecer à tropa, o que costumava representar para elas uma sentença de morte.

Entretanto, a ideia de violar Matilde desgostou-o profundamente. Em um átimo, entendeu que queria ser desejado por aquela menina.

Como era um homem muito caprichoso, não questionou muito aquele sentimento novo, pois considerava bom e justo tudo o que desejava. Fossem roubos, estupros, incêndios ou assassinatos, o comandante Arnaldo não questionava seus atos e desejos nem admitia que fossem questionados por alguém.

Registrou, claro, uma pequena surpresa com aquele desejo novo, aquela necessidade de cuidar da jovem a quem conduzia e fazer-se desejar por ela. Enquanto a conduzia, pensava: o que agradaria a rapariga? Era uma camponesa que, pelos trajes e pela compleição, não devia passar necessidade.

Não seria com boa comida que a seduziria. Talvez amasse joias, pois parecia gostar de se enfeitar. Ao pensar nisso, cheirou novamente os cabelos de Matilde, cheios de flores, e seu coração pulsou forte, de uma forma até dolorosa. Soltou uma imprecação e gargalhou, surpreso com tudo aquilo. Falou em voz alta:

– Com os diabos! Acho que encontrei diversão de primeira. Vou ter com que me ocupar por um bom tempo!

Dali a pouco, a tropa o alcançou, fazendo seu habitual alarido. Mais algumas moças haviam sido raptadas e seguiam chorando ao reboque dos insensíveis cavaleiros. Arnaldo sorriu ao ver o resultado do ataque.

Não fazia aquelas investidas em suas retiradas de retorno à própria casa por necessidade. Ao contrário, era bastante rico. Contudo, entendia que dinheiro nunca era demais e se divertia muito com as desgraças que causava. Achava que fazia bem ao espírito da tropa aquilo que considerava uma inocente diversão.

Esse era o homem que raptara a doce e alegre Matilde: insensível, cruel e egoísta ao extremo. Contudo, por alguma razão, o comandante Arnaldo experimentava um agudo sentimento de ternura pela jovem. O que aquilo prenunciaria?

A cada instante, Arnaldo experimentava o desejo de se certificar de que Matilde continuava respirando.

Ele a examinava atentamente, como se quisesse registrar bem sua imagem na mente. Tinha uma sensação estranha de reencontro. Buscava em sua mente a imagem de alguma mulher que parecesse com ela, algo inquieto. Estava convencido de que já vira alguém muito semelhante àquela menina, em algum momento. Só podia ser isso. Aquela sensação de proximidade, aquele desejo absolutamente novo de cuidar. Aquilo deveria ter uma explicação, que ele buscava.

Não era um homem de crises de consciência, mas o sentimento que brotava em seu peito era novo e forte demais para ser ignorado. Inquieto a contragosto, embora também contente pela conquista que fizera, angustiava-se pela demora de Matilde em recobrar a consciência.

Prisioneira

A cavalgada seguia impetuosa e a tropa já estava bem distante do pequeno burgo de seu nascimento, quando a jovem começou a recobrar a consciência. Ela gemeu baixinho, sentindo-se perdida, claramente sem atinar com o que ocorria. O que era aquele movimento todo? Deus, o que fazia em cima de um cavalo?

Aí a realidade se impôs e Matilde arfou, com todo o pavor de sua situação a invadindo. Arnaldo notou aquela retomada de consciência, experimentando um alívio imenso, como se um peso terrível tivesse sido tirado de seus ombros.

Notou que estivera muito tenso, que tinha passado um longo tempo respirando superficialmente. Encheu o pulmão com o ar fresco da campina, sentindo uma plenitude estranha e um premente desejo de acalmar a jovem.

– Menina, não tenha medo. Não pretendo lhe fazer mal.

Afirmativa estranha de ser feita por um homem que acabava de raptar uma donzela desconhecida e praticamente destruir o vilarejo em que ela morava.

Sem saber o que dizer, a moça silenciou.

– Não vou lhe fazer mal, repito. Mas perca qualquer expectativa de fugir de mim. Nunca ninguém jamais conseguiu me escapar. E a menina não será a primeira. Quanto antes se tornar minha amiga, melhor para você. Qual é o seu nome?

Um longo silêncio se seguiu àquele discurso, que de tranquilizador nada tinha. Ele não lhe faria mal, mas doravante era seu dono! Entendendo a delicadeza de sua situação, Matilde decidiu conversar. Afinal, se o homem se irritasse, sabe-se lá o que faria com ela.

– Meu nome é Matilde.

– Matilde! Lindo nome. Não tema, Matilde, seja minha amiga que tudo ficará bem para você.

– Por favor, deixe-me voltar para casa. Meus pais devem estar mortos de preocupação comigo.

– Esqueça seus pais e sua antiga casa. Doravante, sua vida será comigo. O que passou, passou. É melhor que se acostume logo com a ideia.

Lágrimas recomeçaram a rolar dos belos olhos da donzela. Um silêncio se impôs, enquanto a cavalgada parecia não terminar mais.

Sem ter o que fazer, Matilde começou a prestar atenção em tudo ao seu redor. Conscientizou-se de que a tropa era realmente muito numerosa e seu coração foi ficando cada vez menor. Quais seriam suas chances reais de conseguir fugir daquele bando de loucos?

Quando a noite caiu, Arnaldo procurou abrigo com seus homens. Ele devia conhecer bem a região, pois se encaminhou a uma propriedade de bom tamanho. Foi bem recebido, sem que houvesse qualquer questionamento quanto à singularidade de haver jovens claramente mantidas a contragosto.

Ao contrário, quem parecia ser o proprietário do local lançou um olhar admirativo a Matilde, que se sentia completamente desamparada em sua situação de sequestrada. Não havia dúvida de que os homens se conheciam de longa data, pois um clima de camaradagem se estabeleceu logo entre eles.

Prestando atenção à conversa, Matilde entendeu que Arnaldo e quem o acolhia com sua tropa eram primos. Desolada, sem ter o que fazer, foi conduzida a um aposento e trancada nele.

Após um tempo que lhe pareceu muito longo, a porta foi aberta e uma criada velha e desembaraçada apareceu com roupas, comida e colocou à disposição dela o necessário a que se asseasse, caso o quisesse.

Sentindo-se completamente suja, tanto pela poeira, como pelo cheiro do cavalo e do próprio cavaleiro que a abraçara por horas, Matilde se agarrou ao oferecimento como um náufrago o faz em relação a um bom pedaço de madeira com o qual possa boiar.

A velha criada ofereceu-se para auxiliá-la, mas Matilde agradeceu, pois era uma camponesa, habituada a se virar sozinha em todas as suas necessidades.

A velha ficou ali, observando-a, e esperou que se banhasse, vestisse e alimentasse.

Matilde sentiu o olhar penetrante da velha sobre si, com uma curiosidade mal disfarçada, e entendeu que a serva queria conversar. Sem saber o que fazer, encarou a mulher com serena firmeza, pois não era medrosa.

– Estou curiosa, menina, muito curiosa.

– Sorte sua, que está só curiosa. Eu estou profundamente triste. Fui retirada hoje de meu lar por um bando de bandidos e não tenho a menor ideia do que me espera.

– Não sei o que a espera, mas sei do que se livrou.

– Como assim?

– Suas companheiras, acaso acha que estão na mesma situação?

– Companheiras?

– Sim, as outras trazidas pela tropa.

– Há mais alguma mulher raptada?

– Claro que há. O comandante Arnoldo e sua tropa não marcham à toa. Sempre que se movimentam, desgraças acontecem. Especialmente para as mulheres que têm a infelicidade de cruzar com eles.

– Quem são as outras raptadas? O que houve com elas?

– Quem são eu não sei, mas são várias. E lhe garanto que a noite será difícil para todas. Talvez menos para você, e é isso que me intriga.

O coração de Matilde contristou-se ao imaginar que algumas de suas amigas pudessem estar sendo desrespeitadas no momento. Lágrimas rolaram de seus olhos.

– Por que chora?

– Fui raptada, tirada do seio de minha família, e talvez amigas minhas estejam sendo maltratadas. Não acha que tenho motivo bastante para chorar?

– Penso que talvez não tenha, em verdade. O comandante é muito rico e parece

ter um interesse especial em você. Se souber agradá-lo, poderá viver ricamente.

– Eu não quero viver ricamente. Quero voltar para minha vida, para junto dos meus.

– Isso nunca ocorrerá! – sentenciou a velha, dando uma gargalhada. – Menina tola, aproveite sua boa sorte. Agrade o comandante, deite-se de boa vontade com ele, torne-se imprescindível. Claramente, ele a distingue. Valorize isso.

Escandalizada com a sugestão de que deveria se deitar de livre vontade com um homem que não fosse seu marido, Matilde engasgou e não soube o que dizer.

– Não se sinta chocada. Aceite meus conselhos e tire o melhor partido de sua situação.

A velha arrebanhou seus pertences e chamou o guarda que estava de vigília, o qual lhe abriu a porta. Ela ainda deu uma boa olhada em Matilde e pareceu considerar alguma coisa.

– Você parece muito inocente. Eu apostaria que nunca rolou no feno com algum pastor. É isso o que deve atrair o comandante. Tão cheio de perversões, ele vê em você algo que nunca teve. Há algo de diferente em seus olhos. Não sei bem o que é, mas deve ser isso.

A ideia de que um pervertido desalmado a distinguiu e que deveria agradá-lo, como único meio de se furtar a violências, estava longe de tranquilizar a pobre menina.

Ela cismou por longo tempo, chorou, orou ajoelhada no chão frio, sentindo-se completamente sozinha e desamparada. Mas estava cansada demais, após tantas emoções e a louca cavalgada a que fora submetida. Terminou adormecendo e teve um sono pesado e sem sonhos.

No dia seguinte bem cedo, a cavalgada recomeçou e a desesperançada Matilde se viu novamente nos braços daquele homem singular.

Ela tentou identificar alguma amiga sua que fizesse parte da triste caravana, mas ia à frente com o comandante, e havia ficado em lugar separado, ao passo que as outras moças enfrentavam sorte bem diferente.

Aquela rotina desgastante durou alguns dias, quando finalmente, ao cair de uma noite, chegaram ao que parecia ser uma cidadela murada, no cimo de um monte.

Evidentemente, Arnaldo era o senhor do lugar, pois foi recebido com amplas demonstrações de respeito. Aos olhos de Matilde, pareceu que ele era mais temido do que respeitado.

No correr dos dias de cavalgada, havia se estabelecido entre eles o hábito dos longos silêncios, entremeados de alguns diálogos. Arnaldo fizera muitas perguntas a Matilde, na intenção de sondá-la quanto a seus gostos, pendores e sonhos.

Sentindo-se frágil, como o pássaro mirado pela serpente, ela era bem cautelosa. A partir da conversa que tivera com a velha serva de sua primeira noite de cativo, passou a considerar que o que a distinguiu aos olhos daquele homem cruel era sua falta de experiência na seara do amor.

Cautelosa, embora tenha falado de sua família, cuidou de ocultar a presença em sua mente e em seu coração do jovem moço ruivo, de quem sentia uma saudade torturante.

Arnaldo insistiu várias vezes em querer saber se tinha algum prometido, se algum rapaz era especial para ela, se já tivera algum romance.

Matilde não precisou mentir muito, pois a verdade é que nunca tivera qualquer romance. Apenas trocava olhares inocentes com um camponês que morava perto de sua casa. Nada além disso. A moça era realmente pura, de um modo que nem ela atinava.

Vivendo no campo, ao contato com a natureza, em uma comunidade pequena, sabia que algumas moças eram namoradeiras e não tinham muito juízo.

Mas ela nunca tivera qualquer propensão ao deboche. Era casta, não apenas por imposição de seus pais, mas por convicção. Achava que a pureza de seu corpo deveria ser preservada para o seu futuro esposo. Era uma crença profunda de Matilde e também algo que decorria de seu natural pudor.

Ao longo da cavalgada, de vez em quando algum cavaleiro se aproximava para falar com o comandante. Este então a sondava de modo especial e reparava em como ela abaixava os olhos, como não encarava nenhum dos homens.

Sem saber ao certo a razão, Arnaldo se encantava com tudo aquilo, com a visível inocência de Matilde e com o genuíno recato que ela tinha e do qual não conseguia se defender.

Ele sorria feliz, sentindo-se proprietário de um tesouro. Tanto estava tomado por aquele sentimento que abdicara da ideia de se tornar íntimo da moça no correr da cavalgada. Isso era algo completamente inédito, tanto que a própria tropa comentava sobre a ocorrência.

Agora que chegavam à cidadela, Matilde foi encaminhada por Arnaldo aos cuidados de algumas mulheres, com a recomendação de que fosse acomodada em um específico quarto. Tal quarto ficava no alto de uma espécie de castelo, que dominava o pequeno burgo.

Arnaldo fora específico nas ordens para que fosse bem tratada, sem ser deixada sozinha em momento algum.

Matilde adentrou exausta em seu novo quarto. Após tantos dias de tensão, esperando ser violada a cada parada, ela finalmente relaxava um pouco. Entendera que não havia o que pudesse mesmo fazer, de modo que não ficaria sofrendo por antecipação.

Como era bastante religiosa, de seu modo especial, que não envolvia muita carolice, tinha esperança de que algum milagre propiciasse sua libertação.

Embora Arnaldo fizesse questão de tranquilizá-la, ele lhe provocava um medo terrível. Às vezes, no curso da conversa, ocorria de a moça esquecer com quem dialogava e deixar entrever algum recanto secreto de sua alma, como o imenso prazer que sentia ao cuidar de crianças. Mas de repente ela se lembrava da situação em que estava e seu coração gelava.

As mulheres que a conduziam, em número de três, deixaram que inspecionasse o aposento, enquanto trocavam olhares curiosos quanto ao significado da presença da camponesa naquele específico quarto.

Realmente, era um quarto rico, estrategicamente situado, com uma janela que permitia uma visão privilegiada da pequena cidadela.

Matilde se deteve na contemplação do movimento lá embaixo, verificou as muralhas que circundavam o vilarejo, prestou atenção nos vigias postados a

curtos espaços.

Mais uma vez entendeu como era frágil sua posição e como teria dificuldade para se evadir. Para piorar a situação, não tinha a menor ideia de onde estava. Como jamais saíra de seu pequeno burgo, logo no primeiro dia de cavalgada perdera o senso de orientação. Se precisasse retornar, não tinha a menor ideia de qual caminho deveria seguir.

Matilde se banhou em uma tina que foi colocada a sua disposição e encontrou no aposento roupas confortáveis, mas um tanto grandes demais. Após se alimentar, ficou com as três mulheres, sem saber o que dizer. Fez algumas perguntas, mas elas a fizeram saber que não podiam responder nada, por enquanto.

Um bom tempo depois, Arnaldo se apresentou no quarto e dispensou as servas, trancando a porta quando elas se retiraram. Matilde foi tomada de um terror profundo, que imediatamente se refletiu em seus olhos.

– Não tema, pequena, pois não pretendo lhe fazer mal.

Matilde não soube o que responder àquilo. Era a primeira vez em sua vida que ficava sozinha em um aposento com um homem que não fosse seu parente muito próximo. Durante toda a viagem até ali, passara as noites sozinha em algum quarto trancado.

– Pequena, não me olhe com tanto terror. Não sou um monstro. Se eu quisesse ter feito algo com você à força, isso já teria acontecido.

– O que quer de mim?

– No presente momento, quero conversar. Finalmente, estamos em minha casa, descansados e podemos nos acertar.

– O que quer de mim? – repetiu Matilde.

– Vou ser sincero e direto: quero que me ame.

– Amá-lo?

A Matilde pareceu um disparate que seu raptor, que a trouxera para longe de tudo o que tinha significado para ela, pretendesse ser amado.

– Sim, quero que me ame. E isso não deve ser tão difícil assim. Como pode ver, sou rico e poderoso, posso lhe dar muito conforto. O que seu futuro de camponesa lhe prometia? Uma vida de canseiras? Envelhecer cuidando de um marido ranzinza, preocupada com a lavoura ou com o rebanho? Receosa de que alguma seca ou peste a reduzisse à miséria?

Àquele discurso, passou rápida pela mente de Matilde a imagem de seu querido Bernardo, o rapaz ruivo que talvez pretendesse pedi-la em casamento. Ah, quem dera pudesse casar com ele, ter um monte de filhos ao seu lado e viver muitos anos cheia de trabalho para cuidar de todos!

Seus olhos se encheram de lágrimas àquele pensamento. Arnaldo não soube interpretar essas lágrimas, que o tocaram, entretanto. Desabituaado a esse tipo de sentimento, não sabia o que fazer. Seguramente, ela não era a primeira mulher a quem fazia chorar, mas era a primeira a quem não queria magoar.

– Não a quis ofender, apenas fui realista.

Uma desolação profunda tomou conta de Matilde, à medida que se conscientizava de que sua vida não seria como sonhara. De repente, aquilo começava a se tornar realidade: era a prisioneira de um louco cruel, que poderia torturá-la e abusar dela dos modos mais odiosos, caso não se entregasse de bom grado.

A imagem do doce rapaz de seu vilarejo pareceu brilhar a sua frente, como um tesouro que ela perdia e se distanciava no tempo e no espaço. Jamais seria a mulher dele, jamais viveria com ele, não teriam juntos os filhos com que sonhara! A tristeza cresceu de forma desmesurada e Matilde foi tomada de soluços violentos, a demonstrar a enormidade da dor que sentia em seu abandono.

Arnaldo, embora fosse o causador de tudo aquilo, sentiu o coração tocado por tão grande dor e se adiantou para abraçar a menina, no intuito de consolá-la.

Ela se assustou com o toque de seu algoz, tentou se furtar, mas o comandante era um homem muito alto e forte. Após resistir um tempo e tentar se afastar, por fim Matilde terminou soluçando nos ombros de Arnaldo. Ele a embalava, tomado de forte emoção.

Seria esperar demais que aquele homem pervertido e endurecido pudesse ter

algum sentimento casto por uma mulher. Ele decididamente não o tinha. Estava ali torturado de desejo, mas emocionado de um modo estranho, que transcendia ao apetite carnal.

Ele ninou Matilde, teve para com ela palavras de carinho, confortou-a. Após um tempo muito longo, os soluços abrandaram, e Matilde silenciou, naquele abraço caloroso que a perturbou um pouco. Afinal, a situação era realmente inédita na vida da moça.

Arnoldo a fez sentar na cama ao lado dele e esperou que ela se acalmasse bem.

– Matilde, não sofra assim. Com o tempo, chegará a me amar. Até agora só viu de mim uma parte ruim, mas eu posso ser gentil. Sou um homem experiente, sei como agradar uma mulher. Basta que tente me amar. Prometa que irá tentar.

Matilde evitava o olhar dele, mas Arnoldo tomou o rosto dela entre as mãos e forçou o contato visual.

– Prometa que tentará me amar.

O silêncio foi a única resposta, pois ela não podia prometer aquilo com sinceridade, mas também temia despertar a cólera daquele colosso.

– Ao menos prometa que deixará que a ame, que a ensine a me amar.

Um olhar de desamparo foi a resposta.

– Matilde, Matilde, eu não sou um homem com quem se pode brincar e não tenho o hábito de mentir. Pretendo ser paciente com você, mas não sei até quando. Se teimar em desprezar o amor que lhe ofereço, talvez chegue o dia em que desperte a minha fúria. Nem pense que poderá fugir de mim. A cidadela é bem vigiada. Mas, ainda que fuja, saiba que irei atrás de você. Caso não a encontre, serei obrigado a desagrar minha honra. Não permitirei que a tropa comente que fui logrado por uma mulher. Voltarei a seu vilarejo e exterminarei cada um dos habitantes.

Matilde ficou chocada com aquela ameaça.

– Não me force a ser violento. Ofereço-lhe o melhor de mim, mas também posso lhe oferecer o pior. Por alguma razão que desconheço, não desejo tomá-la à

força. Entretanto, quando fico com raiva, todos sentem o peso de minha cólera.

Ele a tomou pela mão e a levou até a janela.

– Veja como é bela a minha cidade. Sou o senhor de tudo isso, muito rico, poderoso, respeitado. Por ter me visto em atividade de conquista, não imagine que dependo de rapinagens para viver. Sou viúvo, Matilde. Minha primeira mulher morreu há alguns anos e nunca me animei a colocar outra em seu lugar. Este é o quarto dela e você é a primeira que trago para cá. Nem eu sei exatamente a razão disso tudo, mas é um fato: você é especial para mim. Sinto que pode me ajudar a ser melhor, como pode despertar o pior de mim. Olhe as crianças brincando nesta noite de verão.

De fato, era uma noite agradável e havia muitas crianças à vista, brincando descuidadas. Matilde nunca resistia ao espetáculo da alegria infantil e sorriu com a cena.

– Elas brincam em segurança porque eu sou forte e garanto a ordem do local. Em minha cidade, não há crimes nem abusos. Eu faço justiça, comando e controlo tudo e todos.

Matilde não entendia onde ele queria chegar com aquela conversa e sentia-se perdida.

– Sei que gosta de crianças. Quando a vi pela primeira vez, caminhava de mãos dadas com muitas delas. Também me falou sobre isso e notei que são importantes para você. Seja minha, Matilde, e poderá cuidar de todas as crianças que aqui moram. Entretanto...

– Entretanto?

– Eu me conheço, Matilde. Sinto que não a forçaria a ser minha, mas se me rejeitar e me fizer infeliz por muito tempo, acabarei transferindo minha raiva para outras pessoas. Talvez muitas dessas crianças sofram se você me fizer sofrer.

Havia maldade naquela ameaça, mas também sinceridade. Arnaldo era assim: insensível e cruel. Não hesitaria em fazer mal a crianças se esta fosse a única forma de convencer Matilde a se submeter a ele.

– Não está falando sério!

– Falo muito sério. Gritos e choros podem ser divertidos, mas também cansam. Quero algo diferente e quero com você. Se me frustrar, o pior de mim virá à tona. Não estou ameaçando nem mentindo. Eu sou assim, Matilde.

– Não pode fazer isso comigo.

– Posso, sim. Vou dar-lhe um tempo para que reflita. Terá liberdade dentro da cidadela, poderá conhecer tudo, sempre acompanhada de alguma mulher de minha confiança. Entretanto, saiba disso: se fugir, irei até o vilarejo em que nasceu e não deixarei pedra sobre pedra. Só não me faça esperar demais, pois será ruim para todos.

Matilde não sabia o que responder àquilo, mas nem teve oportunidade. Arnaldo a surpreendeu com um longo beijo. Ela nunca havia sido beijada antes e se assustou muito. A menina não tinha condições de saber, mas era a primeira mulher a quem Arnaldo não forçava a ceder imediatamente a seu desejo.

Ele se retirou e a deixou ali, ensimesmada. Matilde se encaminhou à janela e ficou observando as crianças. À ideia de que poderiam sofrer se resistisse ao comandante, um terror gelado tomou conta dela e novamente começou a chorar.

Com vagar, começava a assimilar que, quisesse ou não, terminaria por ter de aceitar Arnaldo. Nisso, veio-lhe de novo à mente a figura cândida de Bernardo e ela se entristeceu infinitamente. Como é difícil abrir mão dos próprios sonhos, Matilde chorou longamente em silêncio na janela do alto do castelo, enquanto observava a agitação das crianças naquela noite de verão.

Dilema de Matilde

No dia seguinte, certa rotina se estabeleceu na vida da sequestrada. Estava sempre acompanhada por uma mulher, mas podia se movimentar como lhe aprouvesse pela cidadela, conforme prometera Arnoldo.

Quando acordou, deu de cara com uma senhora de idade avançada, que a observava com tranquilidade, sentada em uma banquetta.

– Bom dia, senhora. Deve ter dormido bem, pois demorou para acordar.

– Não precisa me chamar de senhora. Ao contrário, eu é que devo chamá-la assim, pois sou bem mais jovem.

– Nem pense nisso. O comandante deu ordens específicas para que seja tratada com toda a deferência. E assim será.

Aquilo era muito novo para Matilde, acostumada à informalidade da vida que até então levava em seu longínquo vilarejo.

– Como se chama?

– Maria, senhora. Ao seu dispor. Hoje eu devo acompanhá-la o dia todo. Caso goste de mim, poderei ser sua aia de companhia permanente. Se não gostar, outra me substituirá.

Desconfortável em sua nova situação de senhora, Matilde deu de ombros. Fez o jejum em silêncio, notando a riqueza e a abundância do que lhe era servido.

A aia informou a sua senhora que ela estava livre para passear e conhecer a cidadela, embora sempre acompanhada, para sua segurança.

Ciente de que não era exatamente por uma questão de segurança que seria acompanhada, nem por isso Matilde deixou de gostar da perspectiva de andar um pouco. Afinal, passara longos dias na triste situação de conduzida forçada no lombo de um cavalo. Não à toa, dormira bastante na cama confortável do quarto em que fora instalada.

Ela fez o que pôde para se vestir com as roupas que encontrou, um pouco amplas demais.

– Não se agaste, senhora. As costureiras já estão avisadas e virão ainda hoje para fazer os ajustes necessários.

– De quem são essas roupas tão elaboradas?

– Eram da falecida dama, senhora.

– Ah...

Matilde não se empolgou com a ideia de perquirir o que ocorrera com a antiga companheira de Arnaldo. Em sua mente, passou a dúvida se fora uma esposa legítima ou uma concubina.

Maria pareceu ler a mente de sua nova senhora e tratou de esclarecer a questão.

– A dama morreu no parto de seu primeiro filho, há alguns anos. Era a esposa legítima do comandante. A cidadela compôs o dote da falecida.

Surpresa por estar destinada a suceder, de algum modo, mulher tão importante, a ponto de ter uma cidadela por dote, Matilde ficou bastante constrangida.

Tão logo a moça se aviou, elas saíram para fazer uma longa caminhada. Matilde ficou surpresa com a deferência que todos demonstravam quanto a ela. Cabeças se abaixavam quando passava, como se fosse alguém da nobreza. Seu rosto mostrava o espanto que aquilo lhe causava.

– As pessoas não sabem como tratá-la, senhora. Como não querem desagradar ao comandante, adotam a maior cautela possível. Ainda não está clara qual será sua posição, mas todos sabem que devem tratá-la com o máximo respeito.

– As pessoas falam sobre mim?

– Perdoe-me se lhe pareço abusada, mas minha idade às vezes me faz confundir as coisas. Se lhe desagradar, é só dizer e eu me calo. Apenas peço humildemente que não reclame de mim para o comandante.

– Eu jamais faria isso. E realmente prefiro que seja franca comigo.

– Então, eu o serei. Sua situação é única, senhora. Nunca uma dama ocupou o quarto da finada, sob qualquer pretexto.

– Mas o comandante deve ter tido muitas mulheres após sua viuvez.

– Teve, senhora, como todo homem poderoso o faz, ainda mais se livre. Mas os termos eram outros.

A conversa seguiu, mas Matilde demonstrou mais interesse na vida do povo do que na vida amorosa de Arnaldo. Gostou de ver a ordem reinante, embora fosse visível certo temor no ar. Intuiu que a presença de Arnaldo tornava todos muito cautelosos. Ele parecia realmente garantir a segurança, mas de modo severo, cruel mesmo.

Ela não sabia, mas Arnaldo não hesitava em matar quem o desagradasse ou corrompesse a ordem. Também punia com rigor as menores faltas. Não faltavam prisões, açoites e banimentos.

Se o local não era exatamente um paraíso, pela dureza do senhor que exercia o domínio, era muito pior ser expulso com uma pequena trouxa nas costas, com ou sem a própria família.

Assim, Arnaldo governava tudo e todos com mão de ferro e isso tinha suas vantagens e prejuízos para os governados. Dentre as vantagens, havia a ordem e a segurança reinantes. Não se temiam invasores ou roubos. As desvantagens óbvias derivavam do temperamento cruel e imprevisível de Arnaldo.

No passado, não foram raras as mulheres a quem requisitara para satisfazerem seus desejos, solteiras ou casadas, donzelas ou não. Quando ele saía para a rua, havia certo temor, com as mulheres belas e recatadas buscando ficar longe de seu caminho. Havia outras, que anelavam pela chance de agradar a um homem tão poderoso.

Em seu passeio, Matilde vislumbrava aqui e acolá algumas crianças, e seu semblante demonstrava o abalo interior que a acometia.

– Sofre ao mirar crianças? Deixou algum filho para trás?

– Não tenho filhos. Gosto muito de crianças, em verdade...

– Entretanto, parece sofrer ao mirar os pequeninos.

– Temo por eles, em verdade.

– O comandante sabe que tem predileção pelos pequenos?

– Sabe...

– Ah!

Entre as duas, ficou evidente que o futuro de muitas crianças dependia do comportamento da jovem. Se não agradasse a Arnaldo, este conhecia o modo certo de pressioná-la.

Matilde passeou a manhã toda e retornou ao castelo na hora do almoço. Não sabia exatamente como se sentia. Estava convencida de que Arnaldo a queria por concubina, ao menos por um tempo. Talvez depois se cansasse dela e a deixasse ir.

Seguramente, ele não pretendia se casar com uma camponesa, não depois de ter tido por esposa uma dama de alta qualidade, que lhe deixara em herança uma cidadela.

Mas qual seria o seu futuro? Se Arnaldo logo se cansasse dela, iria ajudá-la a voltar para casa ou simplesmente a abandonaria do lado de fora da cidadela? Se conseguisse voltar para casa, como seria recebida? Seus pais gostavam dela. Mas o que pensariam de ter uma filha desonrada em casa? E seus irmãos? E quanto a Bernardo? Como seria encontrá-lo e não conseguir mais olhar em seus olhos, após ter sido a amante de um homem?

Tudo aquilo fervia na mente de Matilde, quando adentrou o castelo. Ela demonstrava no semblante a aflição que sentia, quando cruzou com Arnaldo no corredor que conduzia a seus novos aposentos.

– Vejo que andou passeando? O que achou do lugar?

Matilde deu um salto, mas conseguiu responder:

– É tudo muito rico e organizado, senhor.

Arnaldo demonstrou gostar da resposta, pois abriu um raro sorriso, contemplando-a com um misto de ternura e desejo.

– Quero que almoce comigo. Refresque-se em seu quarto e logo vá para o salão

principal. Maria a conduzirá.

A aia fez uma funda reverência, sem olhar para Arnaldo.

Pouco tempo depois, sempre acompanhada por Maria, que ficou em um canto do aposento, Matilde tomou assento à mesa. Era a primeira vez que sentava a uma mesa de banquete e não sabia como se comportar. Sua vida de camponesa não a preparara para aquilo e temia dar vexame com seus modos rústicos.

Arnaldo, com a astúcia de um homem habituado a comandar, entendeu o que se passava.

– Não se preocupe com bobagens. Somos apenas nós à mesa e nenhum servo ousaria reparar ou comentar o modo como comemos.

Sentindo-se compreendida em seu desconforto, Matilde lançou a Arnaldo um olhar de gratidão.

– Para que fique mais confortável, mandarei que a instruem quanto aos hábitos dos habitantes do castelo.

A conversa foi truncada, praticamente inexistente, pois os criados impediam maior franqueza.

Após o almoço, Matilde conheceu várias dependências do castelo e aí sim ficou surpreendida com a riqueza de seu raptor.

À noite, após o jantar, ela estava em seu quarto, olhando pela janela, quando Arnaldo entrou, fazendo o costumeiro estrépito. Matilde se assustou, mas ele a tranquilizou.

– Fique tranquila. Vim apenas conversar.

Com um gesto, ele dispensou a aia Maria.

– Como foi o seu dia?

– Instrutivo e cansativo, senhor.

– Imagino. Tudo deve lhe parecer muito novo. Vejo que teme minha

aproximação. Entretanto, eu lhe prometi um tempo para que se acostume à ideia de ser minha. Sou um homem de palavra.

– Agradeço. Apenas não sou habituada a ficar sozinha com homens que não sejam de minha família.

– Quanto a mim, sugiro que se acostume rapidamente.

– Senhor, já que é sempre tão sincero, gostaria de saber o que me reserva.

– Pensei que isso já estava bastante claro: será minha mulher.

– Sim, mas em quais condições?

– Condições?

– Tentarei ser clara e peço que me perdoe se pareço tola ou presunçosa.

– Fale com franqueza.

– Disse que não me violará e deseja ter comigo algo mais doce. Entretanto, sou uma moça do povo. E é um grande senhor. Imagino que essa curiosidade que tem em relação a mim cedo ou tarde passará. O que poderei esperar depois que cansar de minha presença? Serei colocada para fora da cidadela? Há alguma possibilidade de me ajudar a voltar para junto de minha família?

Arnoldo nunca pensara nas consequências que seu desejo, uma vez satisfeito, tinha nas vidas das mulheres envolvidas. O raciocínio e a visível angústia de Matilde o apanharam desprevenido.

Ele jamais se ocupara da felicidade de qualquer mulher, nunca tivera afeto genuíno por nenhuma. Apenas respeitara sua falecida esposa por se tratar de uma grande dama, uma parenta sua, com quem se casara por interesse, em um arranjo de família. Lamentara a morte dela, em especial porque fizera malograr seu projeto de paternidade. Sua vaidade o fazia sonhar com uma vasta descendência, que perpetuaria e abrihantaria seu nome.

Após o óbito da esposa, que não conseguira parir o primogênito do casal, ele se tomara de infinita angústia, o que sempre significava grandes dores para os que o rodeavam.

Matilde não sabia, mas havia alternativas muito piores às que aventara. Não foram poucas as mulheres que Arnaldo, por um motivo ou outro, frequentemente por puro capricho, fizera entregar à soldadesca. Algumas encontraram a morte nessa entrega, por terem tido o azar de seu oferecimento coincidir com um período de bebedeiras.

Outras se tornaram prostitutas, à força ou por pura falta de opção, reduzidas a servir à soldadesca ou mesmo aos habitantes do local ou aos campônios da redondeza. Passavam a morar em uma vila vizinha, considerada um local de diversão pelos perversos da região.

Arnaldo demorava a responder, pois tinha mesmo sido surpreendido. Pensava pela vez primeira no que seus atos haviam representado e representavam atualmente nas vidas das moças que raptara em suas andanças. Não chegou a sentir culpa, apenas um leve desassossego, em especial ante a ideia de que algo semelhante pudesse ocorrer a Matilde. Observou-a claramente angustiada e experimentou o intenso desejo de tranquilizá-la.

– Não se preocupe, menina. Pode confiar em mim. Prometo que sempre cuidarei de você.

– Desculpe, senhor Arnaldo, mas eu me preocupo. O que significa sua intenção de cuidar de mim? Voltarei para a casa de meus pais quando seu interesse por mim terminar?

– Vou fazer-lhe uma promessa solene. Já lhe disse que sou um homem de palavra. Se algum dia eu me desinteressar de você, será consultada quanto ao destino que deseja ter. Se quiser ficar aqui, providenciarei recursos para que seja sempre bem tratada. Não ficará na miséria nem precisará trabalhar. Se quiser ir embora, poderá ir livremente. Caso queira voltar para o vilarejo de onde a tirei, providenciarei para que lá chegue em segurança.

Matilde experimentou um grande alívio, que se refletiu em seu semblante. Ao observar aquilo, Arnaldo sentiu um misto de alegria e ternura, com uma satisfação imensa por ter tranquilizado a moça.

A partir daí, a conversa seguiu mais amena. Eles miraram longamente a janela e o comandante falou sobre seus negócios, os recursos de que dispunha, como e a que título movimentava sua tropa. Ele era realmente muito rico e suas propriedades não se limitavam àquele local, em si mesmo bastante amplo.

No correr da conversa, mais tranquila, Matilde sorriu a uma observação de Arnoldo e ele se flagrou a admirá-la, desejoso de que a menina sorrisse mais, que gostasse dele. Realmente, não desejava violá-la, mas também sabia que não ficaria muito tempo naquele flerte.

Após um tempo, ele repentinamente a tomou com vigor nos braços, e foi visível o terror que tomou conta de Matilde.

– Menina, menina, não tema nada de mim. Ofereço-lhe o melhor que tenho, mais do que você jamais teria sem mim. Não desdenhe de meu amor, não me torture. De que exatamente está abrindo mão? Do afeto de sua família? Cedo ou tarde, haveria de se casar e possivelmente se distanciaria deles. Sendo minha, talvez logo tenha filhos a quem se dedicar. Como gosta muito de crianças, isso lhe dará um novo ânimo.

Matilde ficou surpresa com aquela ideia. Jamais se imaginara na condição de mãe de filhos bastardos, ainda mais de um grande senhor, um guerreiro poderoso. Entretanto, mesmo nesse contexto estranho, a perspectiva de ter filhos não era completamente ruim para ela. Arnoldo notou a perturbação de Matilde e sorriu.

– Vou deixá-la pensar mais um pouco, para que não me queira mal. Mas o tempo está passando.

Eles continuaram naquela situação indefinida mais alguns dias, mas era evidente que o comandante começava a ficar irritado.

Adeus às ilusões

Matilde estava ciente da fragilidade de sua situação. Entretanto, em seu pudor de donzela, sentia-se doente só de pensar em se deitar com um homem que não fosse seu marido. Para piorar a situação, pensava no jovem ruivo de quem era enamorada havia longa data.

Entretanto, não havia muito que ela pudesse fazer. E todos à volta começavam a sentir o peso do mau humor do comandante. As punições e chibatadas se tornavam graves e constantes, enquanto Arnaldo se agitava, mostrando-se mais e mais irritadiço.

Certa tarde, Matilde estava à janela do quarto quando viu um homem ser açoitado amarrado em uma espécie de pilar que havia na praça. Seu coração se contorceu de piedade, em especial quando notou que duas crianças choravam ao observar a cena. Acertadamente, entendeu que eram filhos daquele homem.

A aia Maria estava perto dela e não se fez de rogada.

– Senhora, a vida do povo da cidadela está ficando difícil.

– Por quê?

– O comandante está de muito mau humor e ninguém ignora o motivo.

– Como assim?

– A senhora o faz esperar. E ele não é um homem habituado a esperar. Tem muita gente sofrendo, senhora.

– Parece que sou culpada pela crueldade do comandante. O que eu poderia fazer?

– Já que pergunta, serei sincera. Pode dar ao comandante o que ele quer e terminará por conseguir, de um modo ou outro.

Com o rosto afogeuado, Matilde se afastou da janela e começou a chorar.

– A senhora sabe que há uma idade em que os meninos começam a ser testados para a vida de soldado?

- Como eu saberia disso?
- O comandante decidiu conduzir ele mesmo os testes. E isso é algo muito raro.
- Isso é ruim?
- Muito ruim para os meninos, em especial para os que não são muito corajosos. Ele se irrita com sinais de covardia e pode se tornar muito cruel.
- Meu Deus!
- Ouvi falar que, desta vez, mesmo meninos muito novos serão colocados para treinar.
- Por que isso?
- A senhora ignora mesmo?
- É por minha causa?
- Creio que sim. O comandante está ficando irritado com a senhora, mas não deseja maltratá-la. Deve pensar que, quando vir o espetáculo do treinamento desta janela, pois ele ocorre na praça aqui em frente, pensará nas consequências de sua indecisão.
- Quando ocorrerá essa seleção, esse treinamento?
- Está marcada para daqui a dois dias.

Matilde refletiu muito naquilo tudo. Passou o resto do dia com o semblante transtornado, pois sabia que precisava agir. Jamais conseguiria conviver com a ideia de que meninos seriam maltratados por sua causa.

Naquela noite, ela não dormiu e chorou muito. Em plena madrugada, abriu a janela e ficou olhando o horizonte. Orou longamente, pensou em sua família e em Bernardo, o jovem ruivo de seu vilarejo. Despediu-se de todos eles, em seu coração, sabendo que tomava uma decisão irreversível, mas da qual não tinha como fugir. Quando o dia clareou, Matilde se vestiu e pediu para avisarem Arnoldo. Desejava conversar com ele.

O pedido era absolutamente inédito, e a aia Maria, suspeitando de que se tratava, saiu quase correndo para dar o recado. Em um curto período de tempo, o comandante se fez presente no quarto, com visível expectativa no semblante.

– Soube que quer falar comigo.

– Sim, quero. Mas é uma conversa particular. Por favor, deixem-nos a sós – falou, dirigindo-se às servas que sempre arrumavam o aposento pela manhã e acabavam de servir seu desjejum.

As moças saíram acompanhadas da velha Maria. Arnaldo e Matilde ficaram frente a frente, em silêncio. Havia no semblante da menina algo novo, talvez maturidade, talvez a perda definitiva de suas ilusões.

– Comandante, pensei muito em tudo o que me disse desde que estou aqui. Creio ser chegada a hora de nos entendermos.

– É o que mais quero, Matilde!

– Gostaria apenas de ter algumas certezas.

– Diga o que quer.

– Se eu tiver filhos seus, jamais serei separada deles. Ainda que canse de mim, permitirá que cuide de meus filhos e também cuidará deles. Pouco importa o que aconteça entre nós, irá ampará-los.

– Prometo, Matilde. Dou-lhe a minha palavra de cavaleiro.

– Também é importante para mim que não faça nenhuma maldade com crianças em geral. Não suporto guerras, muito menos quando vejo crianças sofrendo pela estupidez dos homens. Quanto às crianças que vivem aqui, será, para mim, um motivo de alegria se passar a cuidar delas.

– Considere isso feito. O que mais?

– Gostaria de me instruir. Já estou aborrecida por não ter nada para fazer e devo ficar aqui muito tempo. Deve ter alguém culto na região que possa me educar.

– Há, sim. O meu mestre-escola está bem idoso e vive em um vilarejo próximo.

Não oporá qualquer dificuldade se eu o chamar. O que mais deseja?

– Que seja gentil comigo.

– Ah, Matilde, minha querida.

Dizendo isso, Arnaldo a abraçou tomado de intensa emoção. Beijou-a com sofreguidão e parecia disposto a consumir a união naquele momento, mas se lembrou de que um grande proprietário da vizinhança, com sua gente, havia chegado e o esperava. Naquela época, constituía uma prática importante a iniciação de cavaleiros e a vizinhança se fazia presente. Ele havia sido avisado da presença ilustre quando Matilde o chamara. Arnaldo soltou uma imprecação e falou da visita que o aguardava.

– Preciso ir. À noite, virei aqui. Mas também tenho um pedido: entre nós, não me chamará mais de comandante ou de senhor, mas apenas Arnaldo.

Matilde assentiu, em silêncio, e ficou quieta no aposento enquanto Arnaldo se ia, tomado de uma alegria e uma expectativa selvagens.

Ela tomou o desjejum em silêncio, sem dar confiança para a aia Maria, visivelmente curiosa e desejosa de colher alguma confidência.

Embora sua pouca idade, Matilde era bastante prática e emocionalmente madura. Havendo decidido que cederia à paixão de Arnaldo, ela se disciplinava para não fazer drama em excesso. Forçava sua mente a ficar no presente e se recusava a pensar em seus planos de felicidade do tempo em que era livre.

O dia foi movimentado na cidadela, com os preparativos para as justas do dia seguinte. A aia Maria, com os olhos brilhando, informou a Matilde de que o comandante aumentara muito a idade habitual da iniciação, de modo que apenas rapazes já bem crescidos dela tomariam parte.

Aquela notícia aliviou muito o coração da moça, que ficou quase tranquila por saber que muitos se beneficiariam de sua rendição.

Ela orou bastante no correr da tarde, rogando a Deus perdão pelo que faria: deitar-se com um homem com o qual não era casada. Embora achasse errado o que faria, segundo todos os ensinamentos que recebera, confortava-se ao refletir que Deus sabia o móvel de seus atos e haveria de perdoá-la.

Foi bastante tarde naquela noite, após um concorrido jantar com as visitas, que Arnoldo se fez presente nos aposentos de Matilde. Ela havia cansado de esperar e terminara por adormecer.

O comandante fez com que a serva de vigília se retirasse em silêncio e ficou mirando o sono de Matilde. Ele sentiu um respeito quase reverencial pela figura cândida e inocente de Matilde, que parecia absolutamente indefesa no enorme leito.

Tomou a decisão de protegê-la sempre, contra tudo e contra todos, surpreso pela ternura que o empolgava. Mas era um homem muito carnal, que jamais se contentaria com um amor casto. Não possuía, tampouco, valor suficiente para não forçar a jovem a um relacionamento clandestino.

Ele se deitou ao lado dela e a acordou, falando baixinho. A menina se assustou ao deparar com o rosto dele assim tão perto. Mas também teve um momento de reconhecimento, como se aquela situação já tivesse sido vivida, em algum contexto desconhecido.

Algumas horas depois, Matilde dormia, enquanto Arnoldo a mantinha em seus braços, em atitude admirativa. O comandante não sabia explicar, mas aquilo tinha um sabor muito novo para ele. Sua esposa também viera inocente para o leito nupcial e igualmente fora gentil com ela, mas a experiência daquela noite com Matilde fora especial.

Alguns anos depois, Matilde era uma mulher modificada, que pouco lembrava a menina que fora ao tempo de seu rapto. Instruída, elegante, culta e segura de si, com uma gravidade nova, que substituíra sua ingênua alegria de outros tempos.

Arnoldo como era previsível não se casara com ela, mas também não ajustara matrimônio com nenhuma outra nobre. Leviano, tinha alguns casos de passagem e não se privava de aventuras, em especial quando saía com sua tropa.

Entretanto, para todos os efeitos, Matilde era a senhora da cidadela, respeitada e querida. Sabia das traições de Arnoldo, mas não se incomodava, pois não o amava e aceitava essa faceta do caráter dele como algo incontornável, a exemplo do anoitecer.

Sob seu influxo, a vida dos habitantes do local se tornara mais fácil. Arnoldo tinha tendência à severidade e ao abuso, e Matilde funcionava como um

anteparo. Era comum que pedidos de ajuda e misericórdia lhe fossem dirigidos. Ela se inteirava da ocorrência, conversava com os envolvidos e depois falava com Arnaldo.

Este por vezes se irritava com as interferências, bravejava e andava de um lado para o outro, pois era de temperamento sanguíneo. Mas nem por isso deixava de prestar atenção nos argumentos de Matilde. Nem sempre fazia o que ela pretendia, inclusive por orgulho, pois se sentiria desonrado caso se propagasse que era submisso a uma mulher.

Sabendo com quem lidava, Matilde buscava ser doce e persuasiva, vindo com o tempo a se tornar uma força suave que servia de anteparo aos golpes que a violência do comandante costumava aplicar ao povo e mesmo a seus soldados.

A seu tempo, ela fizera resgatar as moças de seu vilarejo que haviam se tornado prostitutas e as auxiliara a recompor a vida. Algumas se tornaram servas do castelo ou de outras residências abastadas do local. Houve até quem conseguisse arrumar casamento, após um tempo de seu resgate. Nem todas as que foram sequestradas com Matilde puderam ser salvas, pois a morte colhera algumas das jovens, havendo inclusive uma que se suicidara pouco tempo após sua vinda para o local.

Naquela época, Matilde adotara o hábito de se fazer presente nos julgamentos que o comandante proferia. Sentava-se ao lado dele, em uma cadeira menor e mais baixa, para que ninguém tivesse a impressão de que o comandava de algum modo.

Entretanto, por vezes ela o tocava com suavidade no braço. Sua influência, embora discreta, era notável. No fundo, Arnaldo apreciava imensamente aquela intimidade e poder atender alguns rogos da mulher que escolhera para si.

Ele se orgulhava da boa figura de Matilde, que mais parecia uma grande dama do que a concubina de origem campesina que efetivamente era.

Após tantos anos, Matilde estava grávida pela primeira vez, o que tornava o comandante ainda mais cuidadoso com ela.

Na verdade, aquele homem cruel e insensível vivia há meses com um medo terrível a torturá-lo: lembrava-se de que sua esposa falecera quando do parto de seu primogênito e apavorava-se com a ideia de algo semelhante ocorrer com sua

companheira.

Matilde estava bem ciente do tumulto que lia nos olhos do comandante e não havia nada que pudesse fazer, a não ser tentar acalmá-lo. Após tanto tempo de convívio, ela desenvolvera para com aquele homem singular uma espécie de ternura. Não ignorava sua crueldade e seu mau coração, mas apreciava o modo gentil e respeitoso com que a tratava.

Levava uma vida extremamente confortável, instruíra-se muito além do que seria razoável esperar. Aliás, na época a instrução das mulheres, mesmo nobres, era algo muito raro. Mas ela era inteligente e curiosa e desenvolvera sincero afeto pelo sábio que fora encarregado de instruí-la.

Em uma manhã de inverno, Matilde acordou sentindo-se muito desconfortável. Sabia que seu filho nasceria a qualquer momento e se sentia pesada, lenta e preguiçosa. Uma dor estranha na coluna a incomodava e teve dificuldade ao sair da cama. Fez uma careta ao ensaiar alguns passos, e a velha Maria lhe lançou um olhar conhecedor.

– Está na hora, senhora?

– Não sei, Maria. Estou me sentindo mal.

Nisso, as roupas da gestante ficaram molhadas e se tornou evidente que o momento do parto havia chegado. Houve uma intensa movimentação, e a parteira mais conhecida das redondezas, que já havia sido instalada no castelo havia algumas semanas, colocou-se no comando do evento.

Arnoldo, cientificado do que ocorria, falou brevemente com Matilde, transtornado de nervosismo, e se pôs a andar pelo castelo, indo e voltando para perto da porta atrás da qual ela se esforçava e sofria.

As horas foram passando, para exaustão da jovem e desespero do comandante, que parecia uma besta fera, extremamente irritado, a ponto de ninguém ousar se aproximar dele.

Foi no princípio da noite que um choro de criança foi ouvido e Arnoldo urrou de alegria no corredor. Entretanto, ele não sossegou enquanto não pôde entrar e se cientificar de que Matilde estava bem. Aliás, bem não era exatamente o termo, pois o dia fora longo e doloroso, e a jovem estava exausta, com aspecto um tanto

febril.

Arnoldo se abeirou da cama onde mãe e filho repousavam, com temor reverencial. Ao ver a figura de Matilde e da criança, algo se partiu dentro dele e começou a chorar.

Nunca ninguém pudera dizer que vira o comandante chorar, em momento algum, mesmo quando seu filho e sua esposa faleceram. Entretanto, ali, ao ver a concubina viva com seu filho nos braços, Arnoldo desmoronou.

Os presentes imediatamente saíram, cientes de que não poderiam comentar aquilo com ninguém, sob pena de receberem a punição extrema.

Arnoldo a custo controlou-se, sentou na cama e acariciou a cabeça de Matilde.

– Minha pequena, você sofreu.

Fraca e cansada, ela apenas sorriu sem nada responder e se deixou acariciar.

Embora fosse jovem e saudável, a jovem demorou alguns dias para se recuperar do parto, período em que permaneceu na cama.

Logo após sua convalescença, Arnoldo recebeu um comunicado de um parente que morava distante e que clamava por sua presença e pelos préstimos de sua tropa. Cuidava-se de uma luta por fronteiras entre dois feudos, envolvendo figuras importantes e perigosas.

O comandante sempre recebia esses chamados como verdadeiros presentes, pois amava guerrear. Especialmente, apreciava a liberdade de que então gozava.

Embora amasse Matilde, ressentia-se um pouco dos freios que ela naturalmente lhe colocava. Quando cavalgava, voltava a ser o senhor terrível do passado e cometia atrocidades sem fim. Gostava de pilhar, de incendiar e de espalhar o terror por onde passava, fossem cidades ou vilarejos.

Daquela vez, contudo, Arnoldo se ressentiu por ter de partir logo em seguida ao nascimento do pequeno Henrique. Jamais se imaginaria que um grande senhor pudesse se apegar tanto a um filho bastardo, mas o comandante em poucas horas se apaixonara violentamente pelo pequeno recém-nascido.

Ele gostava de gastar horas no quarto de Matilde. Esta, não sendo uma grande dama, decidiu aleitar ela própria o filho. Sem saber ao certo a razão, arrepiava-se à ideia de entregar o pequeno para que fosse cuidado por outra durante os primeiros meses.

Mas Arnaldo não podia se furtar ao chamado, praticamente um clamor, de seu tio mais importante. Foi assim que, quando Henrique não contava nem dois meses de idade, Arnaldo se despediu dele e de sua mãe e se encaminhou para um lugar distante do reino, a fim de combater.

Um chamado

Passariam meses antes que ele retornasse. Nesse período, a administração da cidadela caberia a Jerônimo, homem de confiança do comandante. Se Arnaldo confiava nele, é de se esperar que não fosse exatamente um exemplo de virtudes, pois confiança pressupõe afinidade.

Com efeito, Jerônimo era abusado e cruel com a gente do povo, em especial com as raparigas pobres, notadamente as mais jovens. Matilde não sabia daquilo, pois o homem sempre cuidava de afetar respeito perto dela, e os pobres tinham certo receio de fazer reclamações contra o imediato do comandante.

Mas Arnaldo se afastava, desta vez por longo tempo, e Matilde teria oportunidade de conhecer melhor o caráter e os métodos do administrador.

Pela estrada, o comandante ia um tanto ensimesmado, como se temesse alguma coisa. Não era medroso, mas parecia pressentir que algo de importante ou inelutável poderia se dar.

Para afastar aquele estado de espírito, cuidou de ser mais aventureiro do que de hábito. Isso quer dizer que semeou mais desgraças nos caminhos alheios, sem pensar que um dia essas desgraças poderiam se voltar contra ele.

Sentindo-se forte e invencível, não lhe passava pela cabeça que tivesse pontos frágeis. Não temia morrer e achava mais digna a morte em campo de batalha do que em uma cama de velho.

Contudo, ele se esquecia de que desde há um tempo passara a amar. O amor nunca é uma fragilidade, mas uma força. Entretanto, é por meio dele que os caracteres são retificados. Alguém, que nada teme para si, pode se dobrar quando um de seus amores é atingido.

Aliás, o choro de Arnaldo ao fim do difícil parto de Matilde fora bem um símbolo, quiçá um aviso, de que naquele leito de que então se abeirara quase com timidez repousavam os instrumentos de seu aprendizado maior.

Ao cabo de algumas semanas, Arnaldo chegou ao castelo de seu velho tio, que o esperava ansioso, pois as escaramuças estavam cada vez mais frequentes, com vantagens para o adversário.

- Com os diabos, sobrinho, como você demorou!
- Tio Armando, vim o mais rápido que pude, mas a estrada é longa.
- Aposto que se divertiu muito pelo caminho, isso sim!

Arnoldo gargalhou, pois realmente se divertira, desde que por diversão seja possível entender incêndios, arruaças e estupros.

– Enquanto seu velho tio esperava aqui, ralado de angústia, você se esbaldava pelas estradas.

– Um homem precisa viver, tio.

– Precisa mesmo. Apenas não pode esquecer seus parentes. Mas entre! Deve estar cansado. E temos muito a conversar.

O local era rico, embora com sinais de desgaste, pois seu velho proprietário era um sovina e não gostava de gastar dinheiro fazendo os necessários reparos.

Logo Arnoldo foi cientificado da contenda em que seu tio se metera, a propósito de umas terras muito férteis, que alegava terem pertencido no passado a seu burgo.

O comandante não se enganou com os protestos do velho e entendeu que ele tentara tomar à força um belo naco da propriedade de um nobre seu vizinho e fora rechaçado. Entretanto, questões éticas não preocupavam Arnoldo, que nada objetou e fez de conta que concordava. Até chegou a participar da indignação do castelão Armando.

Combinou-se que no dia seguinte ele próprio iria, como porta-voz, tentar um acordo no castelo que ficava não muito distante. Feito esse acerto, a noite foi alegre. Armando era viúvo e vivia ali com suas filhas e um único filho, que haveria de ser o titular da herança, no momento oportuno.

No meio da tarde seguinte, Arnoldo chegava com alguns homens e uma bandeira branca hasteada, ao lado do estandarte de seu tio, no castelo da família a quem queriam lesar.

Ante a aparência pacífica da comitiva, ele foi recebido com honras de cavaleiro

pelo jovem castelão. O pai deste estava de cama, bastante enfermo, e seu filho lhe fazia as vezes perante a visita inusitada.

André, o jovem senhor, devia ter pouco mais de 20 anos e casara-se havia pouco tempo. Sua jovem esposa o acompanhava em sua tarefa de anfitrião.

Após as tratativas de praxe, as negociações começaram a ser encetadas em torno de uma imponente mesa. Arnaldo expôs a pretensão e as razões de seu tio, que foram veementemente repudiadas pelo jovem André. Este se fazia acompanhar de seu intendente, que cuidou de traçar um longo histórico da extensão do feudo da família.

O comandante era esperto e compreendeu que seu tio não tinha razão, mas não se deu por achado. Após um tempo, esclareceu que seu papel era apresentar a requisição do barão Armando e fazer um alerta: caso as terras não fossem cedidas de bom grado, com os campônios passando a pagar as taxas a quem de direito, ou seja, seu tio, haveria guerra.

Após aquele alerta antipático e injusto, Arnaldo se retirou, empertigado, com ar ameaçador. Do lado de fora, seus guerreiros o esperavam. Enquanto ele conversara com os castelões, seus homens cuidaram de sondar o ambiente, furtivamente, buscando brechas e pontos fracos.

O jovem casal entendeu que se seguiria uma guerra sem mercê, talvez perigosa demais, pois os homens de Arnaldo tinham um ar temível. Não estavam armados para batalha, mas ainda assim formavam grande número e impunham respeito.

Com a retirada do comandante, eles foram falar com o efetivo senhor do local, senhor este que talvez não fosse idoso demais, mas estava com a saúde bastante fragilizada por uma vida de cóleras e abusos. Mal entraram no quarto, o velho vociferou:

– O que queria o intruso?

– Veio apresentar uma requisição do barão Armando quanto às terras que reclama há tempos.

– Pode requisitar quanto quiser, que nada lhe entregarei.

– Meu pai, desta vez acho que a coisa será um pouco mais difícil. O parlamentar

é um guerreiro conhecido, o famoso Arnaldo, parente do barão.

– Eu já esperava algo assim, após as sovas que demos nos espertalhões que ele espalhou em nossas terras, para atrapalhar a produção dos reideiros e reclamar o que nos pertence.

– Por enquanto, tudo não passou de escaramuças eventuais. Ora nós batemos, ora eles nos batem, com vantagem para nós. Entretanto...

– Você é mesmo um poltrão! Está tremendo de medo desse cavaleiro apenas porque é famoso. Pena que estou de cama, senão eu mostraria para ele como se guerreia.

– Não se trata de medo, mas de prudência. Talvez devêssemos buscar ganhar tempo, conversar, enquanto nos armamos melhor ou agenciamos também nós alguma tropa de aluguel.

– Quer que eu me humilhe propondo um acerto, mentindo? Jamais! Sou um homem honrado. Ninguém jamais afirmará que eu me acovardei ou menti.

– Pai...

– Cale-se, que eu ainda mando nesta família. Prepare nossos homens, trate de armá-los e deixá-los de prontidão.

Não havia como convencer o orgulhoso senhor de que a posição deles talvez fosse um tanto frágil demais. Ele nunca cederia o que entendia ser seu, no caso com razão, como também era algo contrário a sua natureza contemporizar, negociar. Sempre vencera e conquistara tudo na base da força. A seu tempo, fora muito semelhante a Arnaldo, mas a enfermidade e os anos o haviam desgastado e fragilizado.

Permaneceu vociferando ameaças e ofendendo seu filho, que se retirou com a esposa. Esta lhe lançou um olhar temeroso, acabrunhada por ver o marido humilhado pelo pai.

André foi ter com os homens da guarda do castelo, orientando-os a que se preparassem para o pior.

O clima no local passou a ser de apreensão, pois o nome de Arnaldo era bem

conhecido. Para piorar a situação, não se tratava apenas de cuidar do castelo e de sua vizinhança imediata, mas da vasta extensão de terra que era objeto do conflito.

A rigor, eram as terras mais ricas da região, cuja produção garantia a excepcional riqueza de seus proprietários. Houvera um tempo em que contavam com proteção mais definida, pois o velho castelão sempre gostara muito de guerrear e de todas as atividades típicas da cavalaria. Entretanto, à medida que a saúde dele definhara, seu filho, mais administrador do que guerreiro, deixara que lentamente a companhia dos homens da guarda fosse diminuindo e enfraquecendo.

O rapaz contava mais com a diplomacia do que com a força bruta, e também achava que, em caso de necessidade, sempre poderia agenciar guerreiros de aluguel.

Contudo, as coisas estavam se precipitando. Embora os alvitres do pai, achou melhor encarregar um homem de sua confiança de ir buscar reforço. Infelizmente, viviam em lugar bastante ermo, de modo que o auxílio demoraria a chegar, se é que viria. Afinal, não se sabia se a tropa visada não estava agenciada por outro nobre.

Foi assim que Arnaldo se afastou deixando atrás de si um clima de temor e apreensão. Ele ia cantando pelo caminho, com uma alegria selvagem, pois a perspectiva de bater-se e guerrear sempre o empolgava. Ao chegar ao castelo de seu tio, inteirou-o do ocorrido, fez alguns relatos do que seus homens haviam conseguido descobrir.

– Então, a defesa da velha raposa não é grande coisa.

– Pelo que pudemos ver, não é mesmo.

– Até quando deu de prazo para que atendam à requisição?

– Disse que terão até depois de amanhã à noite. Caso não se pronunciem, entenderemos que estamos sendo espoliados do que nos pertence e a guerra terá sido declarada.

– Perfeito, perfeito! Deve falar com seu primo, para que ele o auxilie a montar uma estratégia de ataque.

Arnoldo não simpatizou com a ideia, mas não teve recurso a não ser assentir. Ele e o primo não se davam bem e costumavam disputar poder e primazia o tempo todo.

Na verdade, o primo de Arnoldo tinha-lhe desprezo por sua selvageria, enquanto ele próprio se orgulhava de ser um cavaleiro honrado. Lutava, mas não pilhava, e não sentia necessidade de esconder a opinião que tinha.

Ocorre que o barão Armando não tinha pruridos quando se tratava de amealhar bens e confiava muito no sobrinho, aliás, muito mais do que em seu filho. Entendia que este era um fraco.

Pouca coisa mais jovem do que Arnoldo, Antônio se ressentia do tratamento que lhe era dispensado pelo pai. Especialmente, deplorara vivamente a decisão de chamar o primo distante.

Tentara em vão chamar o pai à razão, fazendo-o ver que a propriedade cobiçada não lhes pertencia. Teria mais sucesso em convencer uma pedra a andar do que em fazer o velho reconhecer que as terras que desejava não eram suas.

Assim, pai e filho não se acertavam muito e frequentemente estavam em contradição. Era algo semelhante ao que ocorria no castelo vizinho, onde também havia um velho irascível e um filho com índole pacífica. Não que Antônio fosse realmente pacífico, pois era um guerreiro e matava sem remorso. Ele apenas tinha uma ética peculiar, de modo que não se empolgava com uma luta que considerava injusta.

Mas, instado pelo pai, não podia desobedecê-lo. Assim, de vez em quando investia sobre as terras vizinhas, sem muita convicção nem muita força. Como resultado, o odiado primo ali se fazia presente e ele passaria a estar sob seu comando, quisesse ou não, no que se tratava das estratégias de batalha.

Arnoldo e Antônio

Pense-se em um homem muito frustrado e furioso. E este era Antônio, quando Arnaldo foi encontrá-lo na cavalaria, onde se encontrava cuidando de seu cavalo favorito.

No dia anterior, quando Arnaldo chegara, Antônio estivera ausente, de modo que era a primeira vez que os primos se encontravam. Eles nem cuidaram de disfarçar o desprazer que sentiam com a presença um do outro.

– Boa tarde, Antônio.

– Boa tarde, Arnaldo. Estava pensando quando teria o prazer de encontrá-lo.

– O tio ordenou que unamos nossos esforços na preparação da tropa para a defesa das terras da baixada.

– Então, está decidido: vamos mesmo espoliar os vizinhos, à custa de mercenários. Como nossa família está caindo bem baixo nos últimos tempos!

– É algo que deve discutir com o tio Armando.

– Eu sei. De sua parte, nenhum escrúpulo o impede de atacar gente honesta, desde que lucre com isso.

– Antônio, vamos pular essa parte e fazer o que sabemos que precisamos fazer: traçar as estratégias. Nunca chegaremos a acordo sobre qualquer coisa. Basta que unamos nossas habilidades para garantir o bom êxito da empreitada. Goste você ou não, é quase certo que haverá guerra. Por virtuoso que queira parecer, duvido que deseje ser derrotado.

Antônio bufou qualquer coisa e permaneceu cuidando de seu cavalo.

– O que me diz?

– Não há muito a dizer. Estou quase terminando aqui. Basta que aguarde um pouco.

Arnaldo ficou ali quieto, pois as conversas entre eles sempre começavam mal e terminavam pior. Após um tempo, lembrou-se de Matilde e de Henrique e um

sorriso iluminou seu rosto de modo peculiar.

– O que o torna assim alegre de repente?

– Pensava em meu filho recém-nascido.

– Filho?

– Sim, chama-se Henrique, e tem poucos meses de idade.

– Como não soube de um segundo casamento seu, imagino que seja um bastardo.

– Efetivamente o é.

– E você se apegou à criança, pelo visto.

– Sim.

– Nunca o havia ouvido falar em filhos bastardos. É seu primeiro?

– Não sei ao certo, imagino que não. Mas é o primeiro que tenho certeza de que é meu e me é apresentado nessa condição.

– Quem é a mãe? Uma habitante da cidadela, uma camponesa?

– Um pouco disso tudo.

Arnoldo ficava desconfortável em falar de Matilde naquele contexto, pois seu primo evidentemente a desconsiderava. Percebendo aquilo, pois era muito inteligente e intuitivo, Antônio não perdeu a oportunidade.

– Vejo que se melindra com minhas perguntas.

– Impressão sua.

– Aparentemente, não só o pequeno bastardo o emociona, mas também a mãe dele.

O sangue de Arnoldo ferveu com o tom irônico do primo, e ele não disfarçou bem, pois não era habituado a mentir.

– Ora, ora, você está todo melindrado. Que coisa! Conte-me essa história, vamos. Quem é a moça? A mulher de um de seus soldados? A filha de um morador da cidadela, a quem apanhou em uma ruela e violou no chão mesmo?

– Cale-se, idiota!

Antônio gargalhou, extremamente curioso.

– Se não quer que eu imagine coisas, conte essa história para mim. Sinto que vou me interessar muito. Ou há algo de muito escandaloso nela? Acaso é a mulher de um nobre que você raptou?

– Matilde nunca foi a mulher de outro homem!

– Matilde... A moça tem nome, então. Vamos, conte-me tudo. Vou terminar meu trabalho aqui, enquanto você fala. Sabe que não vou sossegar enquanto não abrir o bico. Se você não o fizer, terei de embebedar algum de seus homens mais à noite para satisfazer a curiosidade.

– Juro que você parece uma comadre fofoqueira. Nunca o tinha visto sob esse ângulo, palavra.

– Pare de melindres. Sabe que suas ofensas são elogios para mim. Já que tenho de suportar sua presença, ao menos me distraia.

– Claro, comadre. Quem a impediria de sindicar a vida alheia?

Antônio parou um pouco de lidar com o cavalo e ficou a encarar Arnaldo, com ironia e desprezo, mas também em atitude de desafio.

Entendendo que não deveria iniciar uma briga, para desgosto do tio e em prejuízo do moral da tropa, o comandante decidiu contar sua história com Matilde. Evidentemente, ocultou muitos detalhes, que o fragilizariam aos olhos do primo, mas este pôde entrever que havia coisas não ditas e especialmente que a moça era especial para o temível guerreiro.

– Arnaldo, pela primeira vez na vida você me surpreende. Sempre o achei muito previsível, em sua falta de originalidade e de ética. Mas agora estou surpreso.

– O que o surpreende tanto, criatura obtusa?

– Você parece gostar mesmo dessa camponesa a quem raptou. Tenta disfarçar, mas é bronco demais para ter sucesso. Pretende se casar com ela?

– Sabe que não tenho como.

– Por quê?

– É uma concubina, uma camponesa de origem desconhecida, completamente obscura, a quem raptei em uma empreitada. Ela teve um bastardo meu, provavelmente terá outros. Se eu a desposasse, perderia o respeito da nobreza e minha própria tropa me olharia de modo diferente.

– É verdade, mas você claramente a distingue. Mora em seu castelo?

– Sim, mora.

Captando algo não dito, Antônio ajuntou, com segurança:

– Ela ocupa o aposento da finada prima... Sou capaz de apostar.

– Sim... Isso mesmo.

– Ora, ora... E quando se casar novamente, como isso ficará?

– Talvez eu não me case mais.

– Abrirá mão de ter um herdeiro para a cidadela?

– Ainda não sei o que vou fazer. A situação é delicada.

– Arnaldo, você é menos óbvio do que parece, preciso reconhecer. De repente, os sentimentos de uma concubina lhe parecem importantes. Eis algo que nunca pensei que pudesse acontecer.

O guerreiro ficou muito desconfortável sob o olhar intrigado de seu primo, que claramente o reavaliava. Sabia que havia revelado uma fragilidade perante um inimigo, mas não temia os desdobramentos. Detestava aquele primo arrogante, que se achava superior, quando era apenas um indeciso. Mas acreditava que ele seguia uma ética estranha e nada faria contra Matilde e Henrique. Arnaldo também percebia, pela primeira vez, que havia uma fragilidade em sua vida: o

sentimento poderoso que o vinculava a Matilde e a Henrique.

Em silêncio quase respeitoso, Antônio terminou sua atividade ali, perdido em pensamentos sobre o que havia descoberto.

Arnoldo não tinha condições de saber, mas, de seu lado, Antônio pensava em uma mulher que era importante para ele, em segredo. Tratava-se de Irene, a esposa de André, o herdeiro do castelo vizinho. Embora ninguém soubesse, a jovem era o principal motivo pelo qual nunca chegara a engendrar nenhum ataque direto ao castelo do adversário de seu pai.

Ouvindo aquela história e notando que o primo vivia com uma mulher por quem tinha profundo afeto, Antônio se sentiu muito infeliz. Especialmente, temeu pelo resultado da guerra que se anunciava. Temeu pela sorte de Irene.

Após aquela conversa, ambos os primos se sentiam desconfortáveis e um tanto temerosos, sem que o outro lograsse perceber o que se passava. É que cada um de seu lado estava preocupado demais para tentar sondar o estado de espírito do parente detestado.

Praticamente em silêncio, foram vistoriar as tropas, conversar com os homens, verificar o estado dos armamentos. Era tudo muito tranquilizador, pois a força de ataque era temível.

Vendo o arsenal de que o primo dispunha, Arnoldo não entendeu a razão pela qual este não tinha engendrado algum ataque fulminante.

Talvez a tropa não fosse imbatível nem realmente grande, mas os homens eram claramente bem treinados. O comandante desprezava o primo e torcia por seu fracasso, em qualquer empreitada em que se lançasse. Mas reconhecia que era um guerreiro e um líder de valor. Então, por que diabos não havia montado uma estratégia de ataque e apanhado os vizinhos de surpresa?

Em silêncio, ele intuiu que havia algo não revelado e muito estranho naquilo tudo. Fez a anotação mental de descobrir de que se tratava. Será que a honra do primo era uma fachada e ele estava vendendo proteção para os vizinhos, contra o próprio pai? Se fosse, o barão Armando sofreria a pior decepção de sua vida e seguramente deserdaria aquele filho.

Ao pensar na possibilidade, Arnoldo vislumbrou uma oportunidade para si

próprio. Em isso acontecendo, poderia ser feito o herdeiro de seu rico e nobre tio. Ia ficando feliz com essa linha de raciocínio, enquanto sonhava com o primo expulso e desonrado perante toda a parentela. Mas aí lembrou o quanto o tio era cioso da tradição e da herança da família.

Tinha certeza absoluta que, no ato de ser reconhecido como herdeiro, teria de jurar solenemente que providenciaria também ele um herdeiro para o título e as terras que o acompanhavam. Esse herdeiro teria de ser legítimo, e não o filho de uma concubina. Ou seja, ele teria de se casar, e casar rapidamente, com uma nobre de reputação inatacável. Em seu raciocínio certo, Arnaldo também entendeu que essa nobre haveria de ser a única filha solteira de seu tio, a jovem Isabel.

A ideia tinha suas vantagens e desvantagens, precisava reconhecer. A primeira e mais interessante vantagem era a desonra completa de Antônio, o que haveria de ser uma causa de imensa e duradoura alegria. Apreciaria imensamente a posição de chefe da família, após a morte do tio, sabendo que o primo o acompanharia de longe, envolto em miséria e desonra. Sim, isso seria algo maravilhoso, um autêntico prêmio do destino.

Isabel era uma jovem bela e tímida, que lhe agradava e com quem não teria dificuldade em conviver. Mas e Matilde? O que faria com Matilde? Será que o tio exigiria que passasse a viver ao lado dele no castelo, na qualidade de herdeiro reconhecido?

Se isso ocorresse, como sua cidadela era longínqua, teria de delegar a administração desta para Jerônimo de modo permanente. Como eram propriedades distantes, teria a possibilidade de manter Matilde como sua concubina. Aí ficaria se dividindo entre os dois feudos, o que seria compreensível para todos.

Enquanto seu tio fosse vivo, ele precisaria ignorar a importância de Matilde em sua vida. Não que o tio fosse afeto a questões morais, pois não o era. Não se incomodaria que Arnaldo tivesse dezenas de amantes, como ele próprio as tivera durante toda a vida. Mas não admitiria que a filha fosse desrespeitada com a presença acintosa de uma camponesa na qualidade de concubina e favorita do próprio marido.

Arnaldo se perdia naqueles pensamentos, decidido a tirar o melhor partido da

situação e disposto a perder o primo sem piedade, se a situação se apresentasse. Com esse projeto maligno em mente, esquecia que também tinha uma fragilidade em sua vida: o profundo afeto que o vinculava a Matilde e a Henrique. Imaginava poder desgraçar o parente corajoso e que o odiava sem sofrer qualquer represália. A situação caminhava para ficar extremamente complicada.

Irene

Dois dias depois, nenhuma comitiva dos vizinhos se fizera presente no castelo do barão Armando. E todos entenderam que a guerra estava declarada.

Arnoldo prestava muita atenção em Antônio, cujo semblante mostrava o extremo desgosto que o assaltava. Armando, de seu lado, via o desconforto do filho como um sinal de fraqueza, o que o instigava a afrontá-lo, delegando todos os poderes da empreitada para Arnoldo, enquanto tornava Antônio, seu legítimo herdeiro, um mero auxiliar do famoso guerreiro.

Com esse ingrediente novo, a animosidade dos primos crescia a olhos vistos.

Após o jantar, Antônio arrumou uma desculpa para se retirar mais cedo. Disse que pretendia verificar o estado de seu cavalo favorito, o qual lhe parecera estranho nos últimos dias. Era um argumento que todos os homens presentes entendiam e respeitavam, inclusive o velho barão.

Entretanto, Arnoldo viu naquilo algo suspeito e resolveu também ele se retirar, com a desculpa de que o dia seguinte seria exaustivo e queria começar logo cedo a traçar as estratégias de combate. Sob o olhar agradecido de seu tio, que valorizava um homem que abria mão de mesa farta em nome da guerra, ele se retirou.

Pouco tempo depois, dois homens vestidos de cores escuras se afastavam do castelo em direção aos estábulos. Um deles era Antônio, cuja angústia o tornava estranhamente desatento. O outro era Arnoldo, que se esgueirava pelas sombras, no intuito de verificar os planos do primo.

Ao chegar ao estábulo, Antônio foi direto para seu cavalo, preparou-o rapidamente e se pôs a cavalgar. Arnoldo tomou de outro cavalo, esperou que o primo se afastasse um pouco e começou a segui-lo. A noite não estava muito clara, o que facilitava sua tarefa de espião. Ademais, não temia perder Antônio de vista. Tinha certeza do destino do primo: o castelo dos vizinhos com os quais sua família havia entrado em estado de guerra naquele dia mesmo.

Antônio saltou do cavalo e o deixou amarrado em uma árvore a uma boa distância do castelo. Embrenhou-se em uma mata que circundava a propriedade e se encaminhou silenciosamente para uma espécie de jardim que nele havia, o qual não era facilmente visível, pois circundado por frondosas árvores.

Arnoldo o seguiu e ficou curioso com o comportamento do primo, que se deixou quedar no tal jardim, escondido na vegetação, como se fosse um espião, um criminoso.

Antônio permaneceu em silêncio e escondido por um tempo significativo. Mas viera preparado para qualquer demora, devidamente equipado com um quente manto.

A noite estava bem avançada quando alguns passos se fizeram ouvir e surgiu no local a doce Irene. Antônio saiu de seu esconderijo e a abraçou com sofreguidão. Os dois amantes ficaram ali desfrutando da companhia um do outro, em clima que mesclava enlevo e desespero.

– Ah, meu amor, que saudade! Senti que fenecia longe de você. Demorou tanto para chegar que temi que não viesse.

– Eu venho aqui toda noite para esperá-lo. Nunca falho. Você é que nem sempre vem.

– Sabe que minha situação é muito complicada. Meu pai anda me punindo pelo que considera uma fraqueza vergonhosa: minhas hesitações nessa questão das terras que deseja.

– Seu primo veio nos dar um ultimato.

– Sim, a guerra se anuncia. Temo que amanhã mesmo comecem as investidas.

– O castelo é bem fortificado e está bem guardado.

– Imagino que sim, mas meu primo é um guerreiro sanguinário e não lhes dará tréguas. Minha situação é muito delicada, pois não posso me opor frontalmente a meu pai e também temo por sua segurança.

– Pois tem dupla razão para temer, querido.

– O que quer dizer?

Irene colocou a mão de Antônio em sua barriga, com um gesto de ternura. O homem saltou de espanto.

– Espera um filho?

– Sim, espero um filho e tenho certeza de que é seu.

Ela leu certa perplexidade no semblante do amante e respondeu à dúvida que nele lia.

– Sim, tenho certeza absoluta de que o filho é seu. André e eu somos casados há três anos e eu achava que fosse estéril. Entretanto, poucos meses após nosso amor ter iniciado, já espero um filho.

Antônio ficou radiante àquela notícia, mas logo entendeu o quanto a situação se complicava.

– Então, as terras que meu pai quer tomar à força na verdade constituem a herança de meu filho!

– Não havia pensado nisso.

– Ah, Irene, o que posso fazer? Diga-me: o que devo fazer!

– Convença seu pai a não ser desonesto, que tudo se resolve.

– Teria mais facilidade em convencer o diabo a auxiliar os homens a ganhar o paraíso.

– Odeio o seu pai!

– Eu também chego a odiá-lo, às vezes. Você está bem? Como está nosso filho?

– Estou ótima. Ainda não falei para André, pois queria lhe dar a notícia primeiro.

– Ah, Irene, o que o destino nos prepara? Como posso investir contra um castelo que abriga a mulher da minha vida e o meu filho por nascer?

– Não o faça. Negue-se, afaste-se, arrume alguma desculpa.

– Não é possível, infelizmente. Meu pai já me olha com prevenção e desdém. Se eu me recusar a guerrear, ele me deserdará e me expulsará em desonra. O pior é que nesta hipótese possivelmente meu odioso primo será o herdeiro do baronato. Ele não hesitará um instante em derramar sangue para agradar a meu pai e

garantir a designação.

– Não sei o que dizer.

– Vá embora. Anuncie sua gravidez e diga que sente necessidade da presença de sua mãe e dos cuidados dos médicos da corte. Vá para junto dela.

– Não posso deixar André neste momento crítico.

Antônio ficou furioso a esse comentário.

– Você nunca entenderá o dilema que vivo. Sou loucamente apaixonada por você, que me faz sentir viva. Com você, tudo é intenso, lancinante, maravilhoso, a vida é uma louca tempestade. Entretanto, André foi o doce amor de minha juventude. Tenho para com ele uma grande ternura.

– Talvez devêssemos fugir.

– E ir para onde, fazer o quê? Você será deserdado e eu ficarei desonrada. Minha família não perdoará semelhante vergonha e nunca me amparará. Esse plano é uma loucura.

Os amantes ficaram ali, debatendo-se entre a alegria, a paixão e o medo. Logo se recolheram a uma pequena construção que havia a um canto do jardim. Após um tempo significativo, saíram novamente para o ar livre e despediram-se.

Irene voltou para dentro do castelo, a fim de viver sua vida de mulher sem brio, que tinha um caso com um inimigo da família do esposo e dele engravidara. Mas era um fato: ela vivia um dilema, dividida entre dois afetos com conotações muito diferentes.

À parte isso, Irene era mesmo leviana, pois não se tratava da primeira vez em que se dividia entre dois homens. Enquanto solteira, costumava incentivar e dar esperança a mais de um admirador ao mesmo tempo. Contudo, naquela época temia demais seu pai para adotar conduta escandalosa. Apenas flertava e dava esperanças a vários.

Após seu casamento, fora fiel ao esposo no princípio. Contudo, ao conhecer Antônio, quando em visita a amigos em comum, o monstro da luxúria nela despertara.

Também ele se apaixonara imediatamente pela jovem esposa de André. Sem maiores escrúpulos, enviara algumas cartas por intermédio de uma criada cujos serviços agenciara. Nelas, não se identificava claramente, para evitar um escândalo, caso não fosse correspondido. Mas dava alguns sinais que permitiam sua identificação segura.

Em uma das cartas, sugerira que rondava o castelo à noite, torturado de amor e desejo, na vã esperança de que a mulher adorada tivesse insônia e fosse dar um passeio no jardim. Na própria noite em que recebeu a missiva, Irene deixara o marido dormindo, fiando-se em seu sono extremamente pesado. Caprichosamente vestida, lançara-se no jardim para confirmar sua suspeita.

Vendo-a, Antônio saíra das sombras, e a indecência começara. Irene pensara em apenas brincar com mais um apaixonado, mas fora surpreendida pela força da paixão que nela rapidamente assomara. Ao retornar para junto do esposo naquela mesma noite, já era a amante de Antônio.

Delação

O conflituoso cavaleiro se afastou do castelo tomado de sentimentos díspares: feliz com a perspectiva da paternidade e desgostoso ao extremo com a perspectiva de guerrear em condições tão estranhas. Foi até sua montaria, apanhou-a e seguiu andando um bom trecho a pé, perdido em seus pensamentos e sem ter a menor ideia de como poderia se sair de seu embaraço.

De repente, veio-lhe à mente o pensamento de que a morte do pai solucionaria tudo, do melhor modo possível. Ele herdaria o baronato, faria cessar as animosidades, estabeleceria vínculos de fraternidade com os vizinhos e poderia ver crescer seu filho, em tempos de paz. Com isso, seu odiado primo iria embora.

Antônio flertou com aquela ideia um longo tempo, entre incrédulo e horrorizado consigo mesmo com o rumo de seus pensamentos.

Era um homem honrado e não conseguiria matar o próprio pai. Ou conseguiria? Se tivesse de decidir entre a vida de seu filho e a de seu pai, qual seria a mais preciosa? Em especial, se seu futuro estivesse em pauta de modo irremediável? Sim, pois estava ciente de que, se demonstrasse muita hesitação, terminaria por ser deserdado. À simples ideia de ter Arnaldo como o novo barão e chefe da família, rilhou os dentes de ódio. Assim ele seguiu, entre o desespero e pensamentos indignos, até que o cansaço físico o fez montar no cavalo e apressar o passo.

Arnaldo ficou um longo tempo no local, aproveitando o ensejo para verificar as condições de segurança. Também tentava interpretar o que vira. Antônio era o amante da nora do conde! E aquele gesto que entrevira, dele acariciando a barriga da jovem? Estaria ela grávida? Grávida de Antônio. Que encrenca grande a em que o primo se metera.

O comandante não sabia exatamente o que faria com aquelas informações, mas entendia que eram muito preciosas e haveriam de facilitar muito sua vida. Confrontaria o primo? Contaria para o tio? Que desculpa daria para tê-lo vigiado? Ora, a desculpa era fácil: fora sindicatar as condições de segurança dos adversários e se deparara com a cena inesperada. Muito tempo depois de Antônio chegar ao castelo é que Arnaldo nele despontou. Estava muito pensativo e não conseguiu dormir no resto da noite.

Na manhã seguinte muito cedo, fez saber ao tio que desejava falar-lhe. Imaginando que se tratava de preparativos de guerra, o barão Armando se apressou a receber o sobrinho, em seus aposentos privados.

O quarto do castelão era um exemplo de sua pessoa: trazia um luxo antigo e desgastado, pois necessitava muito de reforma. Quem o visse, imaginaria que o proprietário estava arruinado, o que decididamente não era o caso.

– A que vem, sobrinho?

– Tio, infelizmente o que tenho a lhe falar nada tem de tranquilizador.

– Estamos sendo atacados? Não ouvi qualquer movimentação estranha.

– Talvez o ataque seja silencioso e venha de dentro, senhor.

– Fale com clareza.

Arnoldo, sob o argumento de que havia ido vistoriar o terreno inimigo, tomando a noite escura como cobertura, disse ter se surpreendido com um cavaleiro do próprio castelo que tomara igual rumo.

– A identidade desse cavaleiro? Vou chamá-lo aqui imediatamente, para que se explique.

– A coisa é complicada.

– A explicação haverá de surgir. O nome dele?

– Antônio, seu filho.

– Antônio?

– Sim, tio. Infelizmente.

– Ah, mas então eu me tranquilizo amplamente. Também ele foi sondar o território inimigo, fiel a minha orientação guerreira.

– Temo não ser esse o caso.

– Explique-se... Vamos!

O tom era imperioso, pois o velho estava mesmo muito incomodado com a sugestão de deslealdade de seu herdeiro que via nas palavras e nas hesitações de Arnaldo.

– O primo não foi para lá com ânimo guerreiro, mas romântico.

– Antônio está de caso com alguma aia? Isso pode ser bom para nós. Ele pode conseguir informações importantes.

– Serei franco, tio. Antônio é o amante de Irene, nora do conde e esposa do herdeiro André. Vi-os em situações de intimidade inequívoca.

– Não é possível!

– Afirmo-o com segurança e juro por minha honra de cavaleiro que falo a verdade!

– Antônio tomou por amante a nora de meu adversário e visita o seu castelo no meio da noite?

– A coisa talvez seja pior. Quando reconheci o primo, tratei de ficar bem perto do casal e vi-o acariciar a barriga da jovem. Creio que deve estar grávida de um neto seu.

– Era só o que me faltava!

– Imagino o dilema do primo.

– Que dilema?

– O senhor ordenou uma guerra contra o castelo que abriga a amante e o filho de Antônio. Talvez isso o torne dividido, quanto a sua lealdade.

O velho recebeu aquela informação com muito espanto e silenciou. Arnaldo respeitou aquele silêncio. Com sua argúcia de chefe de guerra, podia até acompanhar o pensamento do tio. O idoso castelão revia mentalmente as hesitações de seu filho, contava as vezes em que o considerara um fraco. Contudo, reconhecia que o herdeiro sempre fora valente. Apenas naquele caso específico, tomara-se de estranhos escrúpulos.

O ancião ficou muito vermelho, pois era dado a acessos coléricos. Acabou dispensando o sobrinho, com a recomendação de que aguardasse sua orientação antes de se lançar em campanha.

Após haver semeado a cizânia, Arnaldo se retirou controlando um sorriso de vitória. Foi com um bom humor imbatível que se dirigiu para junto da tropa.

Antônio já estava no pátio quando o primo chegou. Este o cumprimentou com certo desdém, o que não chegou a ser surpresa, pelo histórico de discórdia de ambos. Contudo, esperto, aquele identificou certo ar de superioridade no comandante e passou a imaginar de que se tratava. Ficou espantado com a afirmativa de que deveriam esperar uma ordem direta do barão, antes de iniciarem qualquer ofensiva.

Algum tempo depois, Antônio foi chamado para ter uma audiência com seu pai. Tranquilo, ele entrou no ambiente, no qual apenas o barão Armando estava.

– Permaneça em pé!

O cavaleiro estranhou a ordem e especialmente o tom em que fora dada, mas obedeceu, com olhar inquiridor.

– Antônio, como meu único filho homem e herdeiro do baronato, você tem deveres para comigo. Deveres de obediência e lealdade. A honra de cavaleiro o obriga a me respeitar, obedecer e proteger, em clima de total honestidade.

– Sei disso, pai.

– É bom que saiba mesmo. Quero que jure agora mesmo que apenas me falará a verdade e responderá a todas as minhas perguntas sem subterfúgios.

Antônio estranhou aquilo e imediatamente lhe veio à mente a imagem do odiado primo e seu semblante satisfeito. Mas fez o que o velho pedia.

– O que foi fazer ontem à noite no castelo do conde João?

Um silêncio terrível foi a resposta à pergunta, enquanto Antônio rapidamente concluía que seu romance não era mais secreto.

– Como sabe que fui lá?

- Não interessa como sei. Você foi, e isso é um fato. Resta que me esclareça as razões.
- Tinha assuntos de minha intimidade a resolver lá, que, em nada o envolvem.
- Meu futuro neto, ainda que bastardo, constitui assunto de meu interesse.
- Como...?
- Sim, eu sei que é o amante da jovem Irene, a nora do larápio do João. Por que nunca me contou isso?
- Não achei que se interessasse por minhas amantes e meus bastardos.
- Quando se trata de uma nobre, nora de um inimigo, com quem estamos em guerra, tenho vivo interesse.
- Já que pensa saber tudo, por que me chamou?
- Queria ouvir de seus lábios que me tem traído.
- Jamais o traí!
- Não minta, Antônio. Refleti longamente hoje a respeito de suas hesitações no cumprimento de minhas ordens. Nos últimos meses, parece ter se tornado um poltrão pouco habilidoso. Nossos projetos simplesmente não avançam. Agora eu sei o motivo: não avançam porque você não quer que avancem. Finge obedecer às minhas ordens, mas na verdade pensa mais na segurança de sua amante do que no direito de sua família.
- Não temos direito algum às terras da baixada e sabe disso.
- Cale-se! Não admito ser julgado por meu herdeiro.

Um silêncio desconfortável pairou entre os dois.

- Admita que me traiu.
- Jamais o traí.
- Vamos aos fatos, então. Admita que não usou a força de que dispomos, por

estar com sua lealdade dividida. Ora ouvia minha voz, ora pensava em sua amante.

– ...

– Admita!

– Se quer saber, é verdade mesmo. Suas ordens são iníquas. Pretende lesar os vizinhos. Em condições ordinárias eu lhe obedeceria; a contragosto, mas obedeceria. Na verdade, não o desobedeci, apenas tentei contemporizar as coisas.

– Colocou o interesse de uma rameira na frente dos interesses de seu pai.

– Não fale assim de Irene!

– Ora, acaso se trata de uma mulher honrada? É a esposa de um nobre que se deita com outro e engravida dele; que sai de noite para ter encontros furtivos com vizinhos na propriedade da família do esposo. Como define uma mulher que tem esse tipo de conduta?

Antônio teve o ímpeto de sair, para não ceder à tentação de esmurrar o próprio pai, com quem nunca tivera afinidade.

– Permaneça aqui!

– O que fará se eu não permanecer ouvindo suas ofensas? Mandará me matar?

– Eu o deserdarei, retomarei as propriedades que já lhe dei, proclamarei sua conduta desonesta e indigna e o farei ser rejeitado por toda a nobreza do reino!

– Irei ao rei bradar por justiça!

– Acredita realmente que ele lhe dará razão? A um filho que desonrou a casa de seu próprio pai, que desonrou também a casa do conde João, sem falar na família de Irene?

– ...

– Não; ninguém o ouvirá nem lhe dará razão.

– O que quer de mim?

– Vamos aproveitar essa encrenca em que nos colocou e tirar o melhor partido dela, ora essa!

– O que quer dizer?

– Temos uma informante de qualidade entre os inimigos. Podemos contar com ela para vencer a guerra rapidamente, com grande vantagem.

– Irene jamais aceitará fazer esse papel!

– Ela aceitará, sim, inclusive por falta de opção. Caso não nos auxilie, pretendo eu mesmo escrever uma carta ao conde para informá-lo da desonra que atingiu sua casa.

– Não pode fazer isso!

– Quem me impedirá? Você?

– Sim, eu o impedirei.

– Não, você não o fará. Você irá me ajudar. Não conte com a lealdade de nossos homens para auxiliá-lo. O leal Arnaldo aqui está e me auxiliará.

– O leal Arnaldo...

Era evidente o tom de desdém de Antônio. Seu pai ficou em silêncio, observando-o com um desprezo profundo.

– Aposto que foi Arnaldo quem me seguiu, feito a comadre fofqueira que efetivamente é.

– Sim. Foi Arnaldo que me inteirou de sua traição. Cuidando de meus interesses, ele foi sondar o castelo do conde, para verificar os pontos fracos e definir a melhor estratégia de ataque. Então, viu-o em atitude equívoca com a rapariga.

– Não fale assim de Irene!

– Falo como eu quiser e não há de ser você a me impedir. Agora, avie-se, trate de informar a sua amante de que irá nos ajudar e de que tenho o destino dela em

minhas mãos.

– Não permitirei que faça nenhum mal a ela e a meu filho!

– Pare de falar asneiras. Não tem como me impedir. Aliás, nesta mesma noite, haverá de voltar ao encontro de sua amante e informá-la de nossos planos. Primeiro, diga-lhe que tem três dias para convencer o fraco do esposo a entrar em acordo conosco, cedendo o que pedimos e que nada representa além do justo. Caso não consiga, na quarta noite você irá levar instruções específicas quanto ao que esperamos dela. Agora, vá. E chame Arnoldo, pois quero inteirá-lo do que decidimos aqui. Também quero definir com ele nossos próximos passos.

Antônio saiu da sala com a mente em fogo, crente de que Irene jamais aceitaria fazer o papel que lhe estava destinado. Mandou um criado avisar Arnoldo de que o barão desejava lhe falar, pois sabia que, se visse o primo, ficaria muito tentado a matá-lo. Não que matar o primo lhe parecesse uma ideia ruim, mas havia muito em jogo no momento.

Plano de fuga e morte

Na noite seguinte, Antônio novamente estava no jardim de seus encontros furtivos, à espera de Irene. Após um tempo que pareceu infinito, a jovem apareceu no jardim. Ele, mais cauteloso do que na vez anterior, chamou-a baixinho e fez-lhe sinal para que entrasse na construção em que costumeiramente se abrigavam. Irene estranhou a tensão do amante e este não se fez de rogado. Em termos límpidos e fortes, fê-la ciente de tudo o que havia ocorrido.

– O quê? Seu pai espera que eu traia a família de meu marido?

– Sim, espera. Caso não o faça, ele próprio fará o conde ciente do caso que temos.

– Meu sogro jamais acreditará em uma palavra dita por seu pai.

– E se o portador da carta for meu primo e este jurar na frente de seu sogro que nos viu aqui?

– Ainda assim, talvez ele não acredite!

– Crê mesmo nisso?

– Meu Deus!

– Precisamos resolver nossa situação. Fuja comigo, arrume-se e vamos desaparecer. Tenho parentes que podem nos auxiliar.

– Eles nos auxiliariam mesmo contra a vontade de seu pai?

– Meu pai não precisaria saber de nada!

– Então, viveríamos para sempre escondidos, em alguma pequena propriedade, dependendo do favor dos outros. Você, deserdado, e eu, desonrada. Seria esse o nosso futuro?

– A opção é você trair os seus.

– Isso nunca ocorrerá. Começo a perceber que cometi um erro grave e

irreparável ao me entregar a você. Entretanto, foi algo que me surpreendeu. Não foi uma vilania planejada. Ainda assim, pensei que nenhuma consequência adviria. Mas é muito diferente me tornar uma refém de seu pai dentro da casa de meu esposo.

– São apenas algumas terras.

– Por enquanto. Seu pai é um notório pilantra, pelo que vejo, pois não hesita em chantagear uma mulher para levar vantagem. Ganancioso como é, haverá de se emocionar com a perspectiva de outras vantagens. E serei sempre eu a ficar na mira dele, para auxiliá-lo.

– Irene, sejamos objetivos. Ou você cede à pressão de meu pai ou ele nos denuncia. Se quiser, poderemos fugir amanhã ou depois. Terá tempo de se preparar. Se você decidir ficar e se opuser aos planos de meu pai, ele nos perderá sem piedade!

– Então, são essas as opções que tenho.

– Sim, infelizmente.

– Começo a ver tudo claramente. É impressionante como fui tola. Apaixonei-me e me entreguei a você pensando que era um homem forte e destemido. Para minha infelicidade, meu esposo, em sua ética, sempre me pareceu um pouco fraco. Na verdade, ele é o homem de verdade, enquanto você não passa de um covarde.

– Está sendo injusta!

– Estou mesmo? Seu pai quer nos roubar e você é fraco demais para se opor a ele. Pretende que eu vire uma traidora ou que passe a viver como uma fugitiva desonrada.

– Não tenho meios para me opor a meu pai.

– Acredito que não tem mesmo. Falta-lhe coragem para tanto. Mas nossa conversa já durou demais. Temo por sua segurança, longe do pai em plena noite. Vá ter com ele, faça e fale o que quiser e não se preocupe mais comigo.

– Não fale assim, Irene! Eu a amo perdidamente!

– Se amasse mesmo, trataria de me proteger e a seu filho. Entretanto, vejo que me enganei completamente quanto ao juízo que fiz de você. Vá embora, eu lhe peço.

Antônio abraçou Irene com força, tomado de um louco desespero.

– Por favor, Irene! Contemporize, ao menos. Faça de conta que nos ajuda, enquanto eu penso em um meio de ajeitar a situação. Tenho várias propriedades, posso vendê-las por um bom dinheiro. Podemos ir embora da França, viver na Inglaterra ou em outro país.

Irene ouvia tudo aquilo com um sorriso desencantado nos lábios. Enquanto isso, uma resolução parecia surgir em seu íntimo, e ela decidiu aquietar Antônio.

– Creio que tem razão. Estou exagerando. É que fiquei surpreendida com o ocorrido. Ganhe tempo com seu pai, diga-lhe que vou pensar, que fiquei assustada.

– Sim, meu amor, confie em mim!

Eles ficaram ainda um tempo, mas Irene protestou cansaço e quis retornar logo para dentro da casa.

Antônio se retirou, agitado, mas acalentando nova esperança. Entendia que havia descido muito no conceito de Irene e que isso era algo irreversível. Quaisquer que fossem os desdobramentos, ela nunca mais o olharia do mesmo modo. E a culpa de tudo isso era do odiado Arnoldo!

Irene, de seu lado, caminhou para dentro do castelo com uma estranha lentidão. Observava tudo a sua volta como se visse a habitação pela primeira vez, embora nela já residisse há alguns anos. É que se conscientizava de tudo o que havia arriscado por uma quimera. Apaixonara-se pela força que pensara ver em Antônio, quando na verdade era um fraco, um submisso, que permitia que o pai a chantageasse de modo covarde e iníquo.

Naquela situação, passou a ver o esposo sob uma luz mais realista e a admirá-lo: era um homem bom, honrado, que sempre fazia o certo. Infelizmente para ambos, essa percepção chegava tarde para Irene.

Ela entrou no quarto, deitou-se ao lado do esposo e ficou a mirá-lo. Tinha a

aguda certeza de que lhe infelicitara a vida para sempre e lamentava ter desempenhado esse papel. A que sua leviandade a levaria!

Não conseguiria trair André e sua família. Mesmo que quisesse, rebelava-se à ideia de ficar para sempre submetida aos caprichos do velho barão. Como a má pessoa que ele era, seguramente demoraria muito a morrer. Também não conseguia se imaginar vivendo como uma fugitiva desonrada, sem nome nem família. Na França, na Inglaterra ou em qualquer outro país, sempre haveria uma mancha de vergonha pairando sobre ela.

Para piorar a situação, seu juízo sobre Antônio passara a ser muito desfavorável. Que garantia teria de que ele não a abandonaria em algum momento, depois que se cansasse dela? Sabia que o velho barão não hesitaria em cumprir a ameaça, de modo que apenas lhe restava a morte como alternativa.

André recebera a notícia da gravidez com grande alegria e a tratava cada vez com mais ternura e devotamento. Não suportaria que a olhasse como a traidora que era. Teria de arrumar um jeito de desertar da vida sem que ninguém suspeitasse de suicídio. Não queria lançar semelhante sombra na vida de André. Enquanto pensava naquilo, Irene chorava em silêncio.

Na tarde do terceiro dia, após a fatídica noite do encontro entre os amantes, chegou ao castelo do barão a triste notícia: a esposa do nobre André, nora do conde João, morrera misteriosa e rapidamente.

O barão recebeu a comunicação, que naturalmente impunha um período de trégua no estado de belicosidade reinante. O velho entendeu que a jovem preferira morrer a ceder à chantagem. Após dispensar o emissário, fez com que a notícia fosse anunciada à tropa.

Antônio se encontrava em seu quarto e soube do ocorrido por intermédio de um rapazinho que o auxiliava. Jovem fofoqueiro e afoito, este correu para junto de seu mestre, desejoso de ser o primeiro a inteirá-lo da novidade.

– Senhor...

– Calma, Inácio! O que põe você nesse estado?

– Os preparativos de guerra devem parar um pouco, senhor!

– Por qual motivo?

– A dama Irene, mulher do cavaleiro André...

Um suor gelado tomou conta do corpo de Antônio, acompanhado de um temor como nunca antes experimentara.

– O que tem a dama?

– Faleceu durante a madrugada!

Antônio sentiu que o ar lhe faltava e precisou sentar.

– O que me diz? Como pode ser isso?

– Não se sabe. Parece que estava esperando criança. Talvez tenha comido alguma coisa envenenada ou foi por conta de seu estado. Mas uma coisa é certa: ela morreu mesmo!

O cavaleiro dispensou seu auxiliar com um gesto, trancou a porta e caminhou com dificuldade para a cama. Deitou-se e começou a chorar. Irene se matara, tinha certeza! Ela se decepcionara tão fortemente com ele que perdera a vontade de viver. Sentindo-se indefesa, entre a chantagem de seu pai e a desonra, decidira deixar de viver.

Lentamente, surgiu em sua mente a certeza de que essa decisão fora tomada por Irene enquanto estava em seus braços. Era como se tivesse matado a mulher que amava e seu filho com as próprias mãos.

Era um covarde, um fraco, e por conta disso Irene tivera de morrer. Deveria ter enfrentado seu pai e Arnoldo e feito com que a decência prevalecesse. Infelizmente, não o fizera e agora tudo estava perdido.

O passo seguinte foi brotar em seu íntimo um renovado sentimento de ódio por seu pai e por Arnoldo. Ali mesmo, enquanto chorava a morte de Irene e de seu filho, jurou que vingaria a memória de ambos.

Seu ódio logo se direcionou para Arnoldo, em quem identificava a origem de tudo aquilo. Haveria de destruir tudo o que era importante para seu odiado primo, impingir-lhe dor semelhante à que vivia. Nem que para isso tivesse de se

desonrar ante seus próprios olhos! Que honra poderia pretender manter, já que falhara em defender Irene e seu filho?

Antônio permaneceu naquele estado pelo resto do dia e por toda a noite. Não foi jantar no grande salão, como costumeiramente fazia, e seu pai entendeu que não deveria provocá-lo nem demonstrar sua autoridade naquele momento.

No fundo, o velho temia ter passado dos limites. Pelo semblante e pela reação do filho, quando o confrontara, ele devia se importar realmente com Irene. Não se tratava de uma amante qualquer. O barão Armando de repente se sentiu muito velho ao compreender que havia perdido para sempre a estima de seu único herdeiro.

Embora as rugas de ambos, ele gostava daquele filho a quem sempre vira como um guerreiro valente. Mesmo as hesitações do filho, em outros casos, pareciam antes sinalizar uma nobreza que lhe lembrava a falecida esposa, dama Gerana. Aliás, mesmo a aparência de Antônio remetia à extinta baronesa. Tudo aquilo o barão sopesava naquele momento.

Suas filhas já eram casadas, com exceção de Isabel, e apenas esta lhe inspirava algum afeto mais pronunciado. E isso também se devia, em alguma medida, ao fato de suas feições lembrarem um pouco a mãe.

Aquele homem endurecido, ganancioso, desonesto e cruel guardava no coração uma imagem que reputava sagrada: a da mulher que sempre amara terna e respeitosamente. Pena que ela o deixara muito cedo! Naquela linha de raciocínio, vislumbrou que talvez Irene tivesse representado na vida de Antônio algo semelhante ao que Gerana representara na sua.

Em sua mente, algo se chocou àquele pensamento, pois a esposa sempre fora uma mulher honrada, com proceder acima de qualquer suspeita, e além de tudo cheia de compaixão pelos sofredores. Já a pobre Irene fora uma doidivanas. Entretanto, à ideia de trair a família do esposo de forma definida, preferira morrer.

O velho cismava, entristecido com aquele resultado, o qual realmente o surpreendera. Sentindo-se imensamente só, ele chegava a lamentar ter iniciado toda aquela confusão. Mas era orgulhoso demais para confessar isso a quem quer que fosse, especialmente para Antônio.

Assim, foi um homem triste que presidiu o jantar da noite, repentinamente com uma aparência muito envelhecida e sem energia. A cada instante, ele alongava o olhar para a porta que o filho costumeiramente usava, na expectativa de vê-lo chegar.

A refeição transcorreu em clima de quase completo silêncio, com os presentes achando que tal se dava, de modo inesperado, em respeito ao luto do castelo vizinho.

Quanto a Arnaldo, estava vivamente surpreso com a atitude e a aparência do tio. Sentiu vacilar sua certeza de que seria fácil obter o desvalimento de Antônio. Observando o barão, notou seus olhares ansiosos para a porta, sua tristeza e sua visível falta de energia. Compreendeu o motivo daquilo tudo: o pai acabava de perder o filho para sempre. Pouco importava que este permanecesse ao seu lado, obediente, enquanto aguardava o momento de entrar na posse da herança. Entre eles, doravante jamais haveria qualquer arremedo de afeto, confiança e camaradagem.

Ao fazer aquelas reflexões, repentinamente pensou em Matilde e Henrique e também se sentiu temeroso. E se algum dia algo assim fizesse com que o filho passasse a detestá-lo? E se perdesse o menino de algum modo? Um calafrio terrível praticamente chacoalhou o sólido corpo de Arnaldo, que passou a beber, mais e mais, para afastar aqueles pensamentos.

De outro lado, a ausência do primo era um eloquente sinal de que ele fora afetado fortemente pelo óbito da amante. Isso evidenciava que Irene era especial e não apenas mais uma aventura. Arnaldo compreendeu que no futuro não contaria apenas com a antipatia de Antônio, mas com seu ódio, e que precisaria tomar mais cuidado.

Enquanto isso, no castelo do conde João, a noite também era de dor e luto. André, ao lado do esquife, era a própria imagem da desolação. Parecia um mártir, com o rosto tomado de uma palidez doentia. Sempre fora comedido, com certo ar ausente, mas aquela experiência estava cobrando dele um preço muito alto. Sua esposa e seu filho haviam morrido de repente, de modo incompreensível. Felizmente para ele, nem pensava em suicídio como a causa da tragédia. Para sempre, guardaria a melhor imagem possível da esposa.

Quanto ao conde, estava acabrunhado em seu quarto. Após a notícia do

falecimento de Irene, tão repentino, o velho tomou-se de um extremo desassossego. Era como se tivesse recebido um prenúncio de desgraça, de que o pior ocorreria para sua família. Temeu que a súbita morte de Irene sinalizasse a perda das terras da baixada, que sofressem uma derrota.

O velho conde, que já estava doente, aprofundou seu estado e dois dias depois do falecimento da nora experimentou uma série de crises que terminaram por atá-lo ao leito de modo irremediável. Perdera a capacidade de falar e de mover o próprio corpo. Apenas os olhos mostravam que permanecia vivo e lúcido.

Enquanto aquelas tragédias se sucediam, chegou a tropa que André havia encarregado um homem de sua confiança de agenciar. O pobre viúvo estava triste demais para se ocupar verdadeiramente com uma batalha, o que nem era de seu temperamento. Com o pai irremediavelmente enfermo e incomunicável, delegou toda a atividade militar para um velho soldado em quem confiava.

As escaramuças se sucederam, com resultados indefinidos, durante um bom tempo. É que a tropa agenciada por André era competente e aguerrida, enquanto Arnaldo, de seu lado, também era bastante hábil.

Enquanto as coisas seguiam naquele estado, o conde João faleceu certa noite, ficando no local apenas o lutuoso André. Após um curto período, ele nem sabia mais por que lutava. Não tinha herdeiros para se preocupar demais com o próprio patrimônio.

Alguns meses depois, a situação se definiu. Ambos os lados estavam cansados e chegaram a um acordo. Houve uma espécie de divisão das cobiçadas terras, o que não agradou nem desagradou completamente ninguém.

É que dos dois lados havia um grande desencanto. O velho barão se tornara mais e mais taciturno, na medida em que ficava evidente que o filho o desprezava, embora não abertamente. Antônio demonstrava respeito pelo velho pai, mas jamais o procurava nem tomava a iniciativa de ir para perto dele ou iniciar qualquer conversa. Quando chamado, ouvia em pé as instruções e se retirava, o mais silenciosamente possível.

Assim, chegou o momento de Arnaldo retornar para sua cidadela, após ter cumprido o papel a que fora chamado. Deixava atrás de si dor e desolação: precipitara o drama que levava Irene e João à morte, sem falar no pequeno ser que aquela carregava no ventre. Matara muitos homens e ajudara a infelicitar

para sempre o primo e o velho tio. Ele se retirava, regamente pago e ansioso para rever Matilde e Henrique.

Um tanto eufórico pelo que considerava o sucesso de sua missão, e pela perspectiva do reencontro, esquecia-se do ódio do primo, que o identificava como a causa da tragédia que lhe infelicitara a vida.

Ocioso dizer que o comandante se divertiu à própria maneira durante a longa viagem, semeando dores e lágrimas por onde passava. Ia despreocupado, já praticamente esquecido das tragédias que engendrara durante o período que passara junto aos familiares.

Quanto a Antônio, ficou observando a partida do primo de uma janela do topo do castelo. Um ódio profundo podia ser lido em seu olhar e ele rilhava os dentes, ao observar o modo visivelmente satisfeito com que Arnaldo se despedia de todos, na feição de um vencedor.

Este não sabia, mas entre seus homens ia alguém de confiança de Antônio. Um hábil cavaleiro, que soube impressionar o comandante por sua competência e sua frieza. A Arnaldo, orgulhoso que só ele, pareceu normal que o homem decidisse trocar de comando, por identificar em sua companhia algo que faltava à do primo.

Vingança

Despreocupado, o chefe da tropa nem notou o tempo passar. Quando deu por si, estava ao sopé da cidadela. Uma alegria selvagem o invadiu ante a perspectiva de ver Matilde e Henrique.

Quando chegou ao quarto de sua jovem concubina, esta o esperava, se não feliz, ao menos tranquila. Afinal, Matilde já havia se conformado com sua sorte e a presença do filho a distraía e encantava. Ela vislumbrava que poderia ser quase feliz.

Arnoldo a tomou nos braços com vigor, como se estivesse esfomeado de sua presença. Ele próprio estranhou sua reação. Por longo tempo, envolto em suas batalhas e loucuras, nem pensara nela, a não ser por poucos instantes. De repente, descobria-se até fraco em sua presença, tomado de uma ternura estranha. Nisso, Matilde fez-lhe ver que o menino os observava com ar curioso. Seguramente, não reconhecia o próprio pai. O comandante largou Matilde e se abeirou da cama do pequenino.

– Meu filho, como está grande! Nossa, e pesado também.

O menino era muito calmo e não estranhou aquele grandalhão que o tomou nos braços.

– Sim, nosso menino cresceu muito em sua ausência. Já está com quase um ano.

– É verdade, faltam poucos dias para isso.

– Como foi sua empreitada?

– Correu tudo muito bem. O tio chegou a um acordo bastante interessante. Não ficou com tudo porque não quis, na verdade. Mas não quero falar disso.

Arnoldo chamou uma serva, pois todas haviam se retirado com sua presença, e lhe entregou o menino, pois pretendia gastar o resto do dia sozinho com Matilde.

Esta sondou o estado de ânimo do companheiro, suas impressões sobre Jerônimo, mas percebeu que não havia espaço para uma intervenção mais definida. Durante o tempo em que ficara sozinha na cidadela, observara a crueldade do homem de confiança do comandante, os abusos que cometia, em

especial em relação às mulheres mais jovens e atraentes.

Arnoldo deu de ombros, pois lhe parecia normal que um homem em posição de poder abusasse de algum modo de suas prerrogativas. Apenas quis saber se havia chegado algo ao conhecimento de Matilde que evidenciasse a desonestidade do administrador. Quanto a isso, a moça nada podia falar, de modo que lhe restou calar, entendendo que Arnoldo e Jerônimo eram muito semelhantes.

Caso o comandante não a tivesse distinguido de algum modo, teria sido muito desrespeitada, muito mais do que apenas ter de sujeitar à posição de concubina.

Os dias passaram e logo Arnoldo retomou sua rotina. Ele havia feito alguns acréscimos à própria tropa, em especial Marco, o homem de confiança de seu primo, que ali estava a mando deste. Esperto, o rapaz soube despertar simpatia e mesmo admiração no comandante, por suas habilidades e sua disposição incansável ao desempenhar qualquer atividade que lhe fosse destinada.

Arnoldo não sabia, mas Marco era realmente próximo de Antônio, a ponto de este ter se interessado por sua educação. Assim, o homem era realmente diferenciado, possuindo o preparo típico de um cavaleiro, de um nobre, embora fosse em realidade um campônio órfão. Antônio praticamente o adotara e se interessara vivamente pelo menino que era então.

Ao notar todo aquele preparo, o comandante fez do jovem praticamente seu braço direito, posição na verdade ocupada por Jerônimo.

Marco sabia ler e contar, era educado e tranquilo, além de possuir notáveis habilidades de guerreiro. Foi assim que ganhou a total confiança de Arnoldo, passando a residir no próprio castelo. Como confidente de Antônio, Marco sabia do drama que seu benfeitor havia passado, de toda a dor que vivera, e do papel desempenhado por Arnoldo na tragédia. Estava ali com um propósito definido.

Após um tempo, movimentava-se com segurança e tranquilidade pelo local, livre para entrar e sair de praticamente qualquer ambiente. Auxiliava Arnoldo na administração da cidadela, juntamente com Jerônimo, cujas boas graças também conquistara.

Até Matilde passara a gostar do moço, que lhe parecia uma pérola no meio daqueles homens cruéis e insensíveis. Contudo, ciente de quanto ciumento era Arnoldo, ela cuidava de manter uma postura bastante reservada e só dirigia a

palavra a Marco quando havia várias pessoas presentes.

Poucos meses após sua chegada, Marco estava inteirado dos hábitos do castelo e até da cidadela. Gozava de liberdade e da confiança de todos. Assim, pôde colocar em prática o plano de vingança arquitetado por Antônio: raptar o filho de Arnaldo, a fim de que este sentisse na própria pele dor semelhante à que lhe infligira.

Naquela manhã, Matilde acordou mais tarde que de hábito. Havia algumas semanas, suspeitava de uma nova gravidez. Não queria falar a respeito com Arnaldo nem com ninguém, com uma espécie de pudor. É que algo nela se envergonhava da ideia de estar colocando filhos bastardos no mundo. Fora assim na primeira gravidez.

Ao acordar, sentiu um leve desassossego, certa melancolia indefinível. Observou que as aias haviam retirado Henrique do quarto, certamente para que pudesse dormir mais. A aia Maria era muito esperta e Matilde tinha certeza de que ela também suspeitava de uma nova gestação.

A jovem se encaminhou em silêncio para a janela, a fim de observar o espetáculo sempre novo da movimentação da praça. De repente, seu pensamento voltou ao passado e ela se lembrou vividamente de sua família, do último dia que vivera com ela e de seu inesquecível Bernardo.

Seus olhos se encheram de lágrimas ao sentir-se imensamente só e sem qualquer esperança de tornar a revê-los. Como seus pais e seus irmãos estariam? Sua boa mãe teria conseguido esquecê-la? Será que se inquietava por ela? Mais de uma vez tentara obter autorização de Arnaldo para enviar notícias, mas sem êxito. O comandante tinha um ciúme doentio e não aceitava que suas atenções fossem divididas com qualquer pessoa. Excepcionava desse sentimento possessivo apenas o pequeno Henrique.

Em um relance, Matilde viu formar-se claramente a sua frente a imagem de seu amor do passado: o jovem ruivo. O que seria feito dele? Teria se casado com outra? Seria feliz? Esquecera-se rapidamente dela? Uma infelicidade profunda cresceu no peito de Matilde e a empolgou. Ela soluçou o mais silenciosamente que conseguiu, para evitar que uma das servas ouvisse e entrasse no quarto.

De que lhe adiantavam todas aquelas riquezas e confortos, se perdera o essencial: a presença de pessoas queridas, a esperança de um futuro? Buscava

não pensar nisso, mas sentia profunda vergonha de seu papel de concubina e mãe do filho bastardo do comandante. Amava seu filho, claro, acima de qualquer coisa ou ser do mundo. Apenas a presença do pequeno a confortava. Contudo, não era nem nunca poderia ser feliz naquela situação.

Certificando-se, como várias vezes o fizera no passado, de que sua situação não tinha remédio, buscou esquecer o passado e pensar no presente.

Entretanto, a melancolia persistia. Buscou identificar o que a poderia estar deixando daquele modo. Talvez estivesse mesmo grávida. A lembrança do dia em que fora raptada não a abandonava e ela compreendeu que sentia mais ou menos o mesmo desassossego que então vivenciara.

Tentou se convencer de que não havia motivo para tanta tristeza e apreensão. Nada de grave poderia ocorrer com ela. Não corria o risco de ser raptada, pois a segurança da cidadela era notável. O risco de invasão era nulo. Não, nada de mau poderia lhe acontecer. Finalmente, decidiu vestir-se e iniciar o dia, tentando manter o pensamento leve e o coração tranquilo.

Matilde lutou o dia todo contra seu desassossego. Desempenhou suas tarefas, supervisionou os criados e passou a tarde na cozinha, pois gostava de cozinhar e tinha bastante talento. Contudo, mais de uma vez deixou as atividades para ir para junto de Henrique. Olhava-o de forma detida e dolorosa, vendo nele o retrato vivo de Arnaldo. O menino pouco ou nada lembrava ela, salvo no temperamento. Possuía uma alegria estridente e contagiante, que cativava a todos. Mas suas feições eram as de Arnaldo, para regozijo do pai.

O dia passou e naquela noite apenas o comandante e Matilde jantaram no grande salão. O jovem Marco estava presente, o que não era raro, pois desde há algum tempo ele tomara o hábito de ficar a um canto do aposento, dedilhando um instrumento de cordas.

Aquela presença era agradável e tranquilizadora, assim como a música produzida, sempre suave e de bom gosto. Matilde realmente simpaticizava com o moço. Já Arnaldo se sentia honrado em ter aquele rapaz tão dedicado, excelente guerreiro, cheio de talentos, a lhe demonstrar tanto apreço a ponto de prestar um serviço que nunca lhe ocorrera solicitar.

Nenhum dos dois convivas notou, mas Marco estava muito atento para o que ocorria na mesa, em especial para a bebida que estava sendo servida.

Matilde e Arnaldo costumavam permanecer no aposento um bom tempo após o jantar, conversando entre eles ou mesmo com Marco. Naquela noite, contudo, estavam mais cansados do que de hábito. Um estranho sono os fazia bocejar e riram-se de como estavam ficando velhos e desinteressantes.

Assim, decidiram se retirar logo para o quarto de Matilde, onde habitualmente dormiam. Henrique também dormia no aposento, embora Arnaldo não gostasse muito da medida. Como o aposento era vasto, foi providenciada uma espécie de divisória com tapeçaria, o que dava uma sensação maior de intimidade ao casal.

Na verdade, o menino tinha o sono pesado como sempre fora o da mãe. Dormia cedo e raramente acordava à noite, salvo se estivesse doente. Em tais casos, costumava ficar sob os cuidados de uma das aias a noite toda, em um aposento contíguo.

Matilde e Arnaldo chegaram quase cambaleando no quarto e rindo-se de sua situação.

– Por Deus, Matilde, estou morto de cansaço.

– Eu também. Deve ser por causa do calor e também do vinho. Acho que exageramos ou ele é mais forte. É um vinho novo, não?

– Não sei, mas deve ser. Estranhei um pouco o gosto.

Eles ainda tiveram ânimo para observar o pequeno Henrique, que dormia a sono solto.

– Como é belo o nosso menino!

– Claro, parece comigo!

Rindo, eles se afastaram em direção ao leito. Rapidamente, puseram as roupas de dormir e caíram em um profundo sono, completamente despreocupados. A proverbial segurança da cidadela os confortava e tirava deles qualquer temor.

Algumas horas depois uma sombra furtiva entrava no aposento: era uma das servas da casa, agenciada por Marco para ajudá-lo na empreitada. Este ficara vigiando o corredor, enquanto a jovem, discreta e silenciosamente, cuidava de apanhar o pequeno Henrique, que também dormia um sono ainda mais pesado

do que de hábito. É que também a ele fora dado um sonífero.

A pequena serva tremia de medo, pois sabia que, se fosse descoberta, pereceria de modo atroz. Entretanto, duas coisas a moviam: a imensa quantia em dinheiro que lhe fora prometida e a profunda raiva que tinha do comandante. Este lhe desgraçara a irmã mais velha, ao cobiçá-la em sua juventude e formosura. A pobre rapariga, ao término da experiência infeliz, não tivera forças para continuar vivendo e se matara.

A jovem Ana relutara em se empregar no castelo, mas sabia que não tinha de temer atrair a cobiça de Arnaldo. Ao contrário de sua irmã, não era bela: suas feições eram inexpressivas e ainda coxeava um pouco, resultado de uma enfermidade que tivera na infância.

Com a morte dos pais, acabara vivendo junto com tios que não a apreciavam. Após um tempo sentindo-se um estorvo, pareceu que se tornar uma serva do castelo não era uma opção muito ruim.

Sua chegada dera-se durante a ausência do comandante. Quando o vira frente a frente, tivera dificuldade para se controlar, em um misto de medo e ódio. Aliás, sempre que estava na presença de Arnaldo, cuidava de baixar o olhar, receosa de se trair.

Marco tratava de prestar atenção em tudo e em todos, enquanto arquitetava seu plano. Logo reparara na pequena moça e em seu desconforto, desequilíbrio mesmo, na presença do senhor da cidadela. Cuidara de fazer-se próximo dela, que, sentindo-se sozinha, aos poucos se agradara de ter um amigo.

Hesitara bastante em abrir seu coração, mas Marco gradualmente a deixara entrever que não amava o comandante nem Matilde. Pouco a pouco, Ana passara a confiar nele. Em uma noite em que conversavam em uma ameia, o jovem a fez tomar vinho e incentivou as confidências. Assim, ficou sabendo de toda a história da tragédia da família de Ana, que a relatou finalmente por entre soluços.

Marco a confortou e a moça chegou a cogitar se aquele belo rapagão teria algum interesse romântico nela. Durante um tempo, manteve essa ilusão, sentindo-se especial porque ele a respeitava e nada tentava de indecoroso.

Contudo, havia duas semanas, ele finalmente lhe contara o que o trouxera à

cidadela e por que se mantinha tão próximo de Arnaldo. Era um golpe de ousadia de Marco, pois ela bem poderia atraí-lo, contando tudo a Matilde, já que nunca teria coragem para abordar Arnaldo. Mas o jovem sabia o que fazia, pois confiava que o profundo ódio de Ana a tornaria propensa a auxiliá-lo. Ademais, não teria prurido algum em matá-la, caso vislumbrasse que o trairia. Já matara tantos homens em batalhas e aquela era uma batalha especial para ele.

Após hesitar, com medo, finalmente Ana se decidira a participar do projeto. Usando de sua influência, Marco cuidara de colocá-la entre as servas com fácil acesso a Matilde. A moça premeditadamente mostrara enlevo e simpatia para com Henrique, o que logicamente cativou a mãe dele com facilidade.

Assim, ao entrar no aposento para roubar Henrique, Ana o fazia com relativa segurança. Era improvável que o pequeno acordasse, pois ela cuidara de lhe administrar um potente sonífero. Mas se isso ocorresse, não deveria se assustar ao vê-la.

Ana se debruçou sobre o leito. Por um momento hesitou ao ver a imagem cândida do menino. Recordou que também ela vivia sozinha no mundo, após o falecimento dos pais, e que algo ainda pior ocorreria com aquela criança. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas recordou a imagem de sua irmã chegando desesperada à casa da família, após ter sido violada por Arnaldo. Este a surpreendera no campo, onde fora fazer uma colheita de amoras, e não hesitara um instante em desgraçá-la.

A pequena Anita chegara à casa chorando e tomada de grande vergonha. O desalinho de suas vestes alertara a todos do que havia ocorrido e ela não demorara em admitir, por entre soluços. Com o correr dos dias, Anita fora ficando cada vez mais triste e silenciosa até que, poucas semanas após o estupro que sofrera, foi encontrada enforcada em uma árvore que ficava atrás da casa da família.

Aqueles eventos geraram uma tristeza infinita na família toda, em especial na mãe, que amava ternamente sua filha desonrada e suicida. A boa senhora, envolta em uma profunda tristeza, apanhara uma forte gripe no inverno seguinte e praticamente se deixara morrer. Fora seguida rapidamente pelo esposo, homem sofrido e de quem toda alegria fora tirada com aquelas duas mortes tão próximas. Em decorrência, apenas Ana restara no mundo, pobre, feia, triste e desesperançada.

Naquele momento em que hesitava, a imagem de sua irmã chegando chorando após ser vilmente agredida por Arnaldo a decidiu: aquele homem odioso merecia sofrer! Em sua consciência, um pequeno pensamento surgiu: e o pequeno, também mereceria? E Matilde, que sempre a tratava tão bem e ali estava após ter sido raptada por Arnaldo, como todos sabiam? Ela abafou aquele pensamento, com isso criando causas de profundas dores em seu caminho, tomou decidida a criança e saiu do quarto silenciosamente.

Marco já se impacientava do lado de fora, quando finalmente a viu sair com a pequena carga. Juntos, os dois se encaminharam para um lado pouco utilizado do castelo: uma espécie de masmorra em um recanto remoto.

Andaram um tempo até chegar ao local, previamente preparado para abrigar a jovem e a criança por alguns dias. A masmorra ficava bem abaixo das partes habitadas, nela se chegava descendo uma grande escada, que fora construída de modo que fosse difícil ouvir o que nela se passava. Afinal, ninguém queria jantar ouvindo lamentos de prisioneiros. Assim, não se teria de temer que o barulho de uma criança chorando fosse percebido pelos demais habitantes. Ademais, Marco tomara providências para disfarçar o local em que Ana e Henrique ficariam e planejava agir para que seu plano corresse bem.

Após deixar a dupla, encaminhou-se para seu quarto e nele permaneceu, sem conseguir dormir, dividido entre vários estados de espírito.

Nunca voltaria atrás em suas resoluções, pois era fiel a Antônio, a quem queria como a um pai. Também aprendera a detestar Arnaldo. Contudo, sentia certa piedade ao pensar no desespero que empolgaria a mãe da criança. Também receava quanto ao destino de Henrique. Será que Antônio pretendia cuidar dele ou relegá-lo a algum canto e criá-lo como um enjeitado?

De manhã muito cedo, Marco começou a circular pelo castelo, atento a tudo e buscando ficar perto do quarto de Matilde. Sua conduta não despertava suspeita, pois fazia meses que era visto como uma espécie de intendente, que gozava da plena confiança de Arnaldo e Jerônimo.

Observou que as aias se inquietavam pela demora do comandante em sair do quarto de Matilde. Todas sabiam que não poderiam entrar no recinto enquanto ele não se levantasse. As mulheres pensavam em Henrique, se não estaria com fome, mas, como não se ouvia choro do menino, não havia razão válida para se

inquietarem ou presumirem seriamente que havia algo errado.

Muito tempo depois do horário habitual, Arnaldo acordou e observou que o sol já estava alto no céu. Sentia a cabeça um tanto dolorida e pensou que havia mesmo exagerado no vinho no jantar da véspera. Quando ele começou a se movimentar na cama, Matilde também despertou, algo tonta e alheada, incomodada pela claridade reinante no ambiente.

– É, minha pequena, acho que exageramos mesmo no vinho ontem à noite!

– Parece mesmo. Já deve ser bem tarde.

Eles se levantaram e Matilde foi ver Henrique, em seu reduto. Viu a pequena cama desfeita, mas não se inquietou.

– Acho que as aias, ao verem que demorávamos, pegaram o pequeno para alimentá-lo.

Arnaldo terminou de se vestir e saiu do quarto, enquanto Matilde permanecia no ambiente, tomada de uma lentidão estranha. Com a saída do comandante, a aia Maria imediatamente entrou no ambiente.

– Dormiu bastante hoje, senhora.

– Sim e ainda estou meio estranha e sonolenta. Creio que o jantar de ontem, possivelmente o vinho, não me caiu bem.

– Onde está o pequeno, senhora?

Ao ouvir aquilo, o coração de Matilde falhou uma batida. Ela se arrepiou toda e imediatamente ficou desperta por completo.

– O que quer dizer? Vocês não o apanharam enquanto eu dormia?

– Não. Estávamos esperando que acordassem. Todos sabem que o comandante não gosta de ser incomodado quando está com a senhora.

– Alguma serva deve ter saído com Henrique.

Ao dizer isso, saiu do aposento, embora não estivesse apropriadamente vestida.

Sua voz tremia, enquanto bradava no corredor:

– Onde está Henrique? Quem o tirou do meu quarto?

Marco estava próximo e se apresentou.

– O que houve, senhora?

Sem se preocupar com suas vestimentas, Matilde esclareceu que o menino havia sumido.

– Alguma serva deve estar com o menino, entretendo-o.

– Chame todas.

– Não fique nesse estado, senhora. Deixe que eu cuidou disso.

Efetivamente, Marco se mostrou rápido e eficaz ao reunir as aias diretamente vinculadas ao serviço de Matilde e de Henrique. Fez com que todas se encaminhassem ao quarto da jovem.

Ao verificar que nenhuma das mulheres sabia de Henrique, Matilde sentiu seu desespero aumentar. Fez com que todas sássem a procurar o menino pelo castelo, enquanto mandava Marco avisar Arnaldo do ocorrido e ela própria terminava de se vestir.

Ao ser avisado, o comandante se dirigiu feito um raio para o quarto de sua concubina. Encontrou Matilde de saída do aposento, em franco desespero. Ele vasculhou o pequeno quarto, olhou pela janela com medo de que o rapazinho houvesse caído de algum modo.

De repente, lembrou-se do sono estranho que acometera a ele e Matilde durante a noite e pensou ter sido envenenado para que lhe roubassem o filho.

Chamou seus homens e fez com que todas as portas da cidadela fossem fechadas. Foi conversar pessoalmente com os vigias, para confirmar que ninguém havia saído durante a noite. Essa era a regra: após o anoitecer, ninguém entrava ou saía do local, salvo com ordem expressa do comandante ou de Jerônimo.

Desconfiando de tudo e de todos, sabendo que não era amado, mas apenas temido, não acreditou muito na informação. Contudo, restava-lhe agir a partir dela. Fez com que todos os soldados comessem a vasculhar a cidadela, de ponta a ponta.

Marco prontamente se encarregou de procurar Henrique no castelo, sob o fundamento de que o conhecia melhor do que qualquer outro soldado. Grato pela prontidão do rapaz, que se cercou de alguns ajudantes, Arnaldo foi ele próprio procurar Henrique fora da residência.

Astutamente, Marco dividiu o trabalho entre seus ajudantes, atribuindo tarefas com rapidez e segurança. Ele próprio se encarregou da parte baixa do castelo, onde ficavam as cozinhas e, mais embaixo ainda, a masmorra.

Uma agitação febril se seguiu, enquanto ficava cada vez mais claro, à medida que as horas passavam, que Henrique havia sido raptado. A fúria de Arnaldo não tinha limites e se podia prever que os encarregados da guarda durante a noite fatídica sofreriam muito. Estes, tomados de desespero, vasculharam freneticamente a cidadela, sem deixar escapar nenhum canto.

Matilde revirou vários aposentos e subiu na parte mais alta do castelo, para ver se conseguia identificar alguma pista do destino de Henrique. De repente, viu-se completamente sozinha, observando a vastidão ao seu redor, no alto da cidadela, e um desespero terrível a empolgou por completo.

Soluçou terrivelmente, com uma intuição segura de que jamais veria seu filho novamente. Passaria o resto da vida sem saber dele. O menino devia ter servido de instrumento de vingança de alguns dos incontáveis inimigos ou vítimas de Arnaldo.

Matilde experimentou um desejo imenso de morrer e ficou tentada a se atirar no vazio. Contudo, um pensamento a visitou naquele momento: e se Henrique aparecesse? Poderia correr o risco de que fosse criado apenas pelo seu pai cruel?

Também a imagem do jovem ruivo de sua terra lhe passou como um raio pela mente. Era incrível, mas jamais conseguia esquecê-lo. Quando menos esperava, a figura de Bernardo lhe vinha à mente e ela parecia revê-lo, com detalhes espantosos: era como se o tivesse a poucos palmos de seu rosto.

Viu-o naquele instante, como quando parava para conversar com ele, que então

deixava momentaneamente a rudeza de seu trabalho no campo. Com o rosto suado, ele lhe dirigia um sorriso tímido e parecia infinitamente desajeitado, puro e querido.

Ah, jamais se livraria daquele sentimento tão doce: para o bem e para o mal, sempre amaria Bernardo e se lembraria de seus cabelos ruivos suavemente cacheados se desmanchando na testa.

Matilde, naquele momento de suprema dor moral, encontrou na imagem doce de seu sonho perdido mais um motivo para continuar viva. Temeu ir para o inferno para sempre e jamais rever aquele que lhe era tão querido. Afinal, estava convicta de que um moço tão bom e gentil mereceria o céu. Pouco importava o custo, permaneceria viva, na esperança de reencontrar Henrique e, mais remotamente, Bernardo, embora quanto a este a esperança do reencontro residisse apenas na vida futura. Aqueles pensamentos foram salvadores, mas não diminuíram a dor. Após um tempo considerável, ela ganhou forças para descer para seus aposentos.

A esta altura, já estava mais do que claro que Henrique não se encontrava dentro da cidadela. Esta tinha seus portões fechados durante a noite, mas eles eram abertos logo que o dia clareava. Matilde e Arnoldo haviam dormido muito, de modo que o menino podia perfeitamente ter saído camuflado de algum modo logo no começo da manhã.

Após um tempo, notou-se a ausência da serva Ana. Foi a aia Maria quem apontou a falta da moça para Matilde. Era fácil esquecer Ana, pois a pobre era mesmo uma figura insignificante e ninguém reparava muito nela. Houve buscas também por Ana e finalmente se concluiu que era a culpada do sumiço de Henrique. Verificou-se o pequeno aposento que dividia com outras criadas e se constatou o sumiço de quase todas as suas roupas.

No alvoroço, as companheiras de quarto de Ana nem haviam notado a ausência dela. Era comum que a serva sumida se ausentasse durante a noite, e as outras imaginavam que ela tinha algum admirador secreto com quem se encontrava.

Todos aqueles detalhes tiveram de ser ditos pelas temerosas moças a um irado e desequilibrado Arnoldo. Tomado de uma fúria insana, fez com que alguns homens se dirigissem para o pequeno sítio dos tios da moça, embora duvidando muito que ela buscasse refúgio em local tão óbvio. Nada se descobriu sobre o

pretensso namorado de Ana, tampouco qualquer sinal dela.

Pouco a pouco as peças iam se encaixando. A jovem reunia todas as condições para se sair bem de uma empreitada daquelas: era insignificante e sempre passava despercebida; ajudava nas cozinhas, por vezes servia a mesa e ainda cuidava de Henrique eventualmente. Desse modo, pudera envenenar a bebida que fora servida na noite fatídica e raptar o menino sem causar muito alarde. A culpada estava descoberta, mas isso não melhorava em nada a situação.

Houve buscas minuciosas nas redondezas, interrogatórios, maus-tratos em geral, mas sem o menor sucesso. Alguns dias depois, foi preciso admitir o óbvio: Henrique estava perdido para sempre, salvo se houvesse um pedido de resgate ou um milagre.

Arnoldo não acreditava em milagres nem em um pedido de resgate pelo filho sequestrado. Sabia que infundia medo em excesso para que alguém se animasse a lucrar em cima de sua desgraça. Não seria por ganância que alguém ousaria desafiá-lo. Apenas um ódio terrível para justificar tamanho risco.

Durante aquele período crítico, Marco foi incansável no auxílio e aconselhamento de Arnoldo. Este, embora transtornado pelo ocorrido, registrava quão valoroso era seu ajudante.

Enquanto isso, em um canto obscuro da masmorra, Ana cuidava de um impaciente Henrique. O menino era cheio de energia e estranhava a situação em que se encontrava, sentia falta da mãe e começava a se agitar. Contudo, pesadas portas o separavam da parte habitada do castelo, e Ana fazia-o ingerir chás calmantes sem cessar.

Passado o período crítico, quando as buscas amainaram, certa noite Marco anunciou a Ana que era o momento de providenciarem a retirada do garoto do local.

No período anterior ao rapto, ele cuidara de conhecer o castelo minuciosamente, sabia de suas passagens e saídas, em especial de uma projetada para o caso de haver uma invasão vitoriosa. Tal passagem dava diretamente para o campo, sem passar pela parte da frente do castelo, onde ficavam as vielas, as casas e as fortificações.

Foi assim que, em certa madrugada, Ana, Henrique e Marco saíram do castelo.

O rapaz havia deixado dois cavalos amarrados em uma mata não muito distante. Devidamente montados, os trãsufugas se dirigiram a uma pequena propriedade, que já havia sido visitada pela equipe de buscas. Nela morava uma família que também devia a Arnaldo sua cota de desgraças, e se mostrava disposta a correr algum risco para ganhar dinheiro e ainda por cima causar sofrimento ao comandante. Bem se percebe como Marco fora diligente durante o tempo em que ali permanecera.

Após Ana e Henrique ficarem sob a proteção da família a um tempo corajosa e leviana, Marco voltou em silêncio e retomou sua posição de fiel escudeiro de Arnaldo. Algumas semanas depois, chegou um mensageiro do barão Armando, o tio de Arnaldo. O velho pedia que Marco voltasse para rever sua única irmã, que estava à morte e clamava por ele.

Arnaldo estranhou um pouco aquele sentimentalismo por parte do tio, mas achou que a idade o estava amolecendo. Ademais, não tinha motivo algum para desconfiar de Marco e muito menos de seu distante tio.

Marco demonstrou sofrimento ao saber que o único membro que restava de sua família estava em vias de morrer e rogou a Arnaldo que lhe permitisse ir ver sua estimada irmã o quanto antes. Grato por todo o auxílio que o rapaz lhe dera, o comandante anuiu ao pedido.

Logo, Marco estava de saída para retornar à casa do barão Armando. Passou no sítio em que Ana e Henrique estavam escondidos, remunerou regiamente seus cúmplices e seguiu com os dois companheiros.

Não tinha motivo para temer que a família que abrigara Ana e Henrique o traísse. Caso a trama fosse descoberta, todos os envolvidos que fossem apanhados podiam ter certeza de perecer em meio às piores torturas.

A viagem foi sem maiores incidentes e o trio não chamava a atenção de modo algum. Quem os via imaginava tratar-se de uma pequena família.

Quando chegaram às proximidades do castelo do barão Armando, dirigiram-se a uma fazenda que pertencia a Antônio. Ana e Henrique nela permaneceram, enquanto Marco foi ter com o nobre que arquetetara a trama.

Angélica

Ao receber seu apaniguado e saber que tudo havia dado certo, Antônio regozijou-se com o sucesso da missão e exigiu detalhes da angústia e da ira de Arnoldo. Gargalhou de modo amargo ao saber que infelicitara o primo odiado, do mesmo modo que este lhe havia desgraçado os dias. Evidentemente, não havia genuína felicidade naquela desforra, que apenas preparava dias de dor para todos.

Antônio nem se interessou em conhecer Henrique. Mandou que fosse criado como um campônio, sem qualquer luxo ou instrução. Ana ficou encarregada de cuidar da criança, a quem doravante não mais seriam ministrados carinhos. Seria mantido vivo e saudável, mas cresceria como um órfão, longe de seus pais e em situação de pobreza. Tão logo crescesse um pouco, deveria ser encaminhado à labuta do campo.

Marco ficou algo contristado por aqueles projetos, lembrando-se de que também ele fora órfão e que Antônio lhe demonstrara carinho e misericórdia. Em sua mente, registrou o propósito de tentar amenizar em alguma medida todo aquele rigor. No fundo, sentia-se desconfortável por saber que havia subtraído a criança das mãos de uma mãe amorosa para entregá-la ao mais completo abandono moral.

Ana não era exatamente uma pervertida, mas o problema é que Henrique lembrava fisicamente o comandante. Era quase uma cópia em tamanho menor de seu pai. Ao vê-lo, a aia não podia se impedir de lembrar duas cenas que a haviam marcado: sua irmã chegando aos prantos à casa dos pais, após ser estuprada, e o momento em que a vira pendurada em uma árvore, por não conseguir viver com a dor e a vergonha do que havia sofrido.

Assim, a aia transferia para Henrique o ódio que sentia pelo comandante e o tratava com frieza e distanciamento. Apenas não era violenta com ele, pois Marco lhe dissera que o menino não devia ser maltratado. Entregue a sua triste sorte, o filho de Matilde deveria crescer em uma completa aridez emocional.

Quanto à mãe do menino, na distante cidadela, lutava para se manter viva. Frequentemente, acordava à noite e subia no ponto mais alto do castelo. Então, ficava mirando o infinito, frequentemente chorando a ausência do filho, temendo por seu presente e por seu futuro.

A dor de Matilde não tinha limite nem conforto. Sabia que Henrique havia sido raptado por algum inimigo de Arnaldo. Consequentemente, eram grandes as possibilidades de que fosse maltratado.

Às vezes, e se sentindo imensamente culpada por isso, torcia para que o menino tivesse sido morto logo após o rapto. Se isso tivesse ocorrido, o sofrimento haveria de ter sido de pouca duração. Entretanto, em seu coração sentia que o menino estava vivo e sofrendo longe dela.

A boa moça soluçava, orava e se agoniava, sem esperança. Mas precisava encontrar forças para continuar viva, inclusive por conta da pequena vida que se desenvolvia em seu ventre. Temia que tanta dor moral terminasse por prejudicar o filho que gerava.

Ela era um mar de dor e culpa. Dor pelo filho perdido, culpa por não conseguir ficar feliz com a perspectiva de outro nascimento. Também tinha a onipresente vergonha de sua situação de mulher que tinha seguidos filhos bastardos. Ainda temia que houvesse outro rapto, e isso a enchia de extremo pavor. Matilde sofria...

Quanto a Arnaldo, seu sofrimento se transformava em crueldade e fúria. Entretanto, também fazia com que sua paixão por Matilde atingisse um patamar que quase parecia loucura. Ele se sentia culpado pela dor da moça, achando que falhara em garantir a segurança do filho dos dois.

Em consequência, montara um autêntico arsenal de guerra em torno de Matilde, que mais parecia uma prisioneira. Podia locomover-se para onde quisesse, mas sempre seguida por guardas. As aias que a serviam haviam sido reduzidas a algumas poucas tidas como merecedoras de mais confiança. Todas elas tinham familiares na cidadela, de modo que se algo de estranho ocorresse a Matilde, sabiam que a punição seria cruel e certa, atingindo aqueles a quem amavam. Desse modo, havia um clima de temor e extrema formalidade em torno da naturalmente espontânea Matilde.

À medida que o momento do parto se aproximava, Arnaldo ficava mais e mais transtornado. Temia que a jovem viesse a morrer, ou que a criança morresse. Seu temor, claro, sempre se expressava em forma de violência. Em suma, o clima na cidadela, que nunca fora verdadeiramente bom, tornara-se opressivo ao extremo desde o desaparecimento de Henrique.

Finalmente, em certa noite, Matilde sentiu os primeiros sinais do parto que se avizinhava. Diferentemente do que ocorrera com Henrique, a criança não demorou a vir ao mundo. Era uma pequena menina, com aspecto frágil e doentio, com um semblante que logo se revelou angelical. Parecia mesmo um anjo ferido.

Arnoldo esperara outro menino, como que uma substituição do filho perdido, e não recebeu com alegria a notícia de que tinha uma filha. Foi a custo que se forçou a ir conhecer a menina, e isso após um tempo considerável, sob a justificativa de que dava à mãe tempo de recompor-se. Tudo era muito diferente da ocasião em que Henrique nascera. Tão certos todos estavam de que seria um menino, que nem se pensou em um nome de menina.

Arnoldo e Matilde se encararam com algum constrangimento. Ela sabia que o comandante estava frustrado e este era muito ruim em dissimular as próprias emoções. O semblante triste de Matilde era quase um pedido de desculpas, enquanto segurava sua frágil filha junto ao peito.

– É a nossa filha, Arnoldo...

– Parece tão pequena.

– Realmente, é bem menor do que Henrique.

Aquele nome pairou entre eles durante um tempo que pareceu infinito, enquanto ambos respiravam profundamente, envoltos em uma dor impossível de ser traduzida em palavras.

– Como ela deve se chamar?

Arnoldo pareceu não entender a pergunta, ou talvez nem tivesse prestado atenção nela.

– Sim. Que nome quer dar à menina?

– Não havia pensado em nome para uma filha. Chame-a como lhe parecer melhor.

– Então será Angélica.

– Por qual razão?

– É o nome de minha estimada mãe. Se for boa como ela, seremos pais felizes.

Arnoldo concordou em silêncio, embora duvidando de que fosse encontrar alguma alegria naquela paternidade. Apenas o afeto que sentia por Matilde o impedia de externar de modo mais claro uma espécie de ojeriza que experimentava ao mirar sua filha com aspecto tão frágil.

A menina cresceu doentia, impressionável, temerosa e com frequentes crises de choro que irritavam Arnoldo. Embora todos os incentivos, algo a impedia de andar. Angélica não conseguia firmar o próprio corpo e apenas se arrastava pelo solo.

O espetáculo daquela filha doentia e mirrada, que não conseguia nem ficar de pé, era uma humilhação suprema para Arnoldo. Seguidas vezes ele desejou que acontecesse um acidente ou que a menina apanhasse alguma enfermidade e morresse de repente.

Acabou por desenvolver uma violenta repulsa pela própria filha, que não conseguia dissimular. De modo irracional, acusava-a em silêncio de tomar o lugar de Henrique, o filho forte e sadio, que se parecia com ele e deveria crescer para ser um guerreiro.

Entretanto, aquele filho amado cresceria longe dele, que precisava se conformar com a presença da menina arredia e temerosa. Seja porque o pai nunca a acariciava nem falava com ela, ou por algum motivo oculto, Angélica também parecia ter horror a Arnoldo. Sempre que ele estava presente, a criança chorava, demonstrava medo e só se acietava no colo da mãe ou da idosa aia Maria.

Ciente de quão complicada era a situação de sua senhora, Maria nesses momentos tratava de levar a pequena para longe.

Tudo aquilo era devastador para Matilde, que se sentia injustiçada pela conduta de Arnoldo. Não era culpa dela que o menino houvesse sumido, muito menos que Angélica fosse enferma e nem conseguisse andar.

A menina também demorou para falar e parecia ter alguma fragilidade marcante na região da garganta. A qualquer mudança um pouco mais brusca de temperatura, ficava enferma.

Notando que o comandante parecia quase odiar a filha, Matilde de seu lado desenvolvia quanto a ele uma profunda mágoa, que dia a dia mais se acentuava. Sabia que nada podia fazer, pois sua situação era extremamente frágil. Com uma filha enferma, que precisava de cuidados e sem ninguém a quem recorrer, que chance teria se Arnaldo a repudiasse? Isso sem falar que era praticamente uma prisioneira, com a asfixiante segurança que lhe emperrava os passos.

Assim, tinha de dissimular o mal-estar cada vez maior que sentia com a presença daquele homem egoísta e cruel. Quando ele dormia, Matilde costumava levantar e ficar um longo tempo admirando a noite da janela de seu quarto. Chegava a se sentir enxovalhada com a intimidade a que o comandante a submetia.

Frágil e desamparada, precisou aprender a mentir e a fingir que se agradava da companhia dele. Mas, tão logo ele dormia, tratava de sair de seus braços. Assim, passava boa parte das noites acordada, admirando a escuridão e observando sua filha doente e triste. Apenas no final da madrugada é que, exausta, deitava novamente.

Nesse ritmo, precisava dormir durante o dia, o que também era positivo, pois fazia com que o tempo passasse mais rápido. A alegria de Matilde, tão contagiante em sua juventude, resistiu um bom tempo ao convívio forçado com Arnaldo. Contudo, no correr dos meses que se seguiram ao nascimento da filha enferma, pareceu se extinguir. Agora, era uma mulher melancólica, sem alegria de viver e emocionalmente exausta de fingir que apreciava a companhia do comandante.

Este, vaidoso e insensível, não percebia o real motivo das mudanças pelas quais a jovem passava. Convencido de suas habilidades de amante e de seu poder de atração como um guerreiro poderoso, acreditava ser desejado. Jamais lhe passou pela cabeça que sua concubina mal lhe suportava a companhia. Achava que a tristeza que de vez em quando lia no semblante de Matilde era pelo filho perdido e pela filha enferma.

Alguns anos depois, anunciou-se uma nova gravidez, que encheu Matilde de pavor. À simples ideia de ter outra filha doente, tinha vontade de se atirar do alto do castelo. Já Arnaldo ficou imensamente feliz, convicto de que desta vez viria o filho tão esperado.

Em torno do oitavo mês de gestação, Matilde deu à luz um menino natimorto,

para desgosto geral. Vários outros episódios assim se sucederam para os frustrados pais.

Em sua condição de mulher que sempre amara as crianças, a jovem sofria desmedidamente e se sentia amaldiçoada. Não conseguia entender o motivo pelo qual era tão cruelmente punida pelo Céu. Aos poucos, foi deixando de orar, ressentida pelo que entendia ser um triste abandono a que Deus a relegava.

Angélica, de seu turno, crescia menos do que seria de se esperar. Contando com aproximadamente 10 anos, ainda não andava; era magra e mirrada. Mas seu rosto era de uma formosura impressionante. Não havia ninguém no local que houvesse convivido com Anita, a jovem camponesa que se matara após ser violada por Arnoldo. Caso Ana ainda ali vivesse, teria ficado surpresa com a semelhança.

De livre vontade, ela se colocara em uma situação em que fora viver muito longe, sempre cercada de medo. Se ali tivesse permanecido, seguramente teria ficado tocada por aquela criança doentia, que tanto lembrava sua doce e formosa irmã.

A menina não andava, era imensamente frágil e sempre apresentava problemas na garganta, mas era inteligente e meiga. A mãe cuidava de instruí-la com todos os recursos a sua disposição. Com o tempo, aquela criança enferma se tornou uma fonte de alegria para Matilde.

Fora isso, ela também se dedicava às crianças da cidadela, amparando as que ficavam órfãs ou cujos pais eram pobres demais. Precisava fazer isso discretamente, pois Arnoldo ia ficando mais e mais ciumento à medida que o tempo passava. Ele chegava a ter certo rancor por Matilde, em razão dos abortos que se sucediam, pois lhe parecia que ela possuía alguma culpa por esses eventos.

Contudo, tinha um desejo e um sentimento de posse doentios por sua concubina. Não tolerava que ela gastasse muito tempo com ninguém.

Assim seguia a vida de Matilde, que agora não chorava mais apenas a ausência das pessoas amadas que ficaram em seu vilarejo. Também lamentava vivamente a ausência de Henrique e a perda de vários bebês. Infelizmente para ela, não contava nem mais com a fé que tanto a caracterizara na infância. Perdera o hábito da oração e da conversa com Deus, entendendo que Ele a abandonara. Era

uma mulher desencantada.

Órfão de pais vivos

Enquanto isso, Henrique crescia longe de sua família, sob os severos cuidados de Ana, que se apresentava como se fosse sua tia.

O convívio entre ambos era formal, por vezes cheio de agressões verbais. A mulher não conseguia se impedir de descontar no rapazinho a imensa mágoa que sentia do pai dele. Ao se deparar com o semblante de um Arnaldo rejuvenescido, experimentava ímpetos de fúria. Sempre menosprezava o menino e sentia prazer em fazer com que se sentisse inferior.

Henrique fora renomeado como Jonas e, desde muito jovem, colocado para trabalhar no campo. Era profundamente ignorante, não sabia ler nem escrever. Acostumado a ser maltratado, tornara-se arredio, desconfiado e também dissimulado.

Logo cedo, compreendeu que contava apenas consigo e que não podia confiar em absolutamente ninguém. Ana não permitia nem que a chamasse de tia. A qualquer pequeno equívoco ou atraso que cometia, mesmo por uma leviandade pequena, era severamente admoestado. Ela gostava de chamar a atenção do menino na frente dos outros, humilhando-o.

Crescendo naquele ambiente, Jonas pouco a pouco aprendeu a se tornar o menos visível possível. Mentia sem pudor algum e procurava ficar o mais longe possível de sua casa. Sem ter ninguém que o protegesse, pois Marco logo se esquecera dele, desenvolveu um surdo rancor contra tudo e contra todos. Tinha a face crestada pelo sol e, quando se abeirava dos 18 anos, parecia ser bem mais velho.

Mais ou menos por essa época, Ana apanhou uma grave gripe e morreu em questão de poucos dias. Como era antipática e amarga, talvez secretamente arrependida do rumo que tinha dado à própria vida, seu enterro não foi concorrido.

Apenas algumas senhoras idosas se fizeram presentes, por questão de caridade cristã, e logo se retiraram. Jonas também não inspirava simpatia, pois fora tão brutalizado que se tornara ele próprio um bruto, desconfiado e pouco falante.

Quando ficou sozinho perto da cova da mulher que imaginava ser sua tia, experimentou um terrível vazio. Era a única parenta que conhecia, mas que só o

havia maltratado. Tentava entender o que sentia ao se perceber completamente sozinho no mundo.

Costumava comparar sua situação com a de outros rapazes, o que o tornava invejoso. Em suma, o rapaz crescera sem qualquer orientação moral e submetido a um regime degradante de sua personalidade. À semelhança do pai, era grande e forte e cedo havia começado a resolver seus problemas com base na força bruta. Passado um tempo em que pareceu se desferrar do mundo, perdeu o gosto por brigar e começou a se interessar mais pela sedução. Sem formular exatamente um raciocínio claro sobre isso, compreendeu que lhe era mais útil dissimular o que pensava e sentia, a fim de conseguir o que queria.

Após o falecimento da tia, ficou sozinho no casebre em que morara com ela. Foi com alívio que passou a viver com alguma paz. Sensual como o pai e sem limites éticos, na medida em que nunca fora realmente educado, interessava-se cada vez mais pelas mulheres.

Entretanto, tinha horror à ideia de formar família, na medida em que o exemplo que possuía de convívio familiar lhe fora dado por Ana. Vira mais de uma vez algum jovem ser perseguido pelos parentes de uma moça que engravidara, e ter de contrair matrimônio.

Para evitar isso, desenvolveu preferência por mulheres casadas. Era alto, forte, rude e tinha uma aparência que, se não chegava a ser bela, tinha algo de interessante. Dissimulado, passou a ter casos com várias mulheres mais velhas, que lhe facilitavam a vida, forneciam alimentos, cuidavam de suas roupas.

Com isso, gradualmente passara a trabalhar menos e a gastar mais tempo em seus toscos jogos de sedução. Não era raro que mantivesse encontros dentro da mata ou de forma furtiva em sua casa ou mesmo nas casas dos maridos traídos.

Era uma personalidade frágil que fora desvirtuada por abandono afetivo e maus-tratos. Se alguém que conhecesse bem Arnaldo o visse, seria impossível não notar a semelhança entre ambos. Mas o rapaz vivia em uma fazenda distante.

Apenas Antônio, que já era barão, após a morte do pai, e Marco sabiam de sua real identidade, e não se ocupavam dele. De vez em quando o barão pensava no que havia feito e sua consciência o atormentava um pouco. Seguidas vezes, pensou em ir verificar o que ocorrera com o moço, mas sentia preguiça à ideia de se deslocar.

Contudo, certa feita se lançou em viagem com o propósito de vistoriar suas propriedades. Já havia se casado e tinha filhos, pois sua condição de nobre titulado tornava imperiosa a existência de herdeiros. Em uma tarde, juntamente com Marco, ele chegou à fazenda em que Jonas vivia.

Muito curioso, fez com que o responsável pelo local colocasse o rapaz a sua disposição durante o tempo em que ali permanecesse. Essa escolha específica não foi entendida, mas também não foi questionada.

Quanto a Jonas, como crescera sem que ninguém lhe desse muita importância nem justificativas para nada, viu naquela nova incumbência apenas um incômodo. Logo na manhã seguinte à chegada do barão, apresentou-se na casa grande. Com o olhar baixo, foi conduzido à sala em que Antônio fazia sua refeição. Entrou no ambiente e ficou quieto, sem imaginar a emoção que sua presença causava.

De seu lado, o barão via o resultado do que havia feito e sua consciência o acusava vivamente. Era impossível não notar quão rústico era o rapaz, cuja semelhança com o pai era imensa.

– Conhece bem as redondezas, rapaz?

Jonas respondeu em um francês pobre e imperfeito, que denotava sua completa falta de instrução.

– Conheço, senhor.

– Qual o seu nome?

– Jonas, senhor.

– Irá servir-me de guia enquanto eu estiver aqui. Pretendo visitar todos os rendeiros e me inteirar das condições da fazenda como um todo.

– Sim, senhor.

O rapaz era mesmo lacônico e respondia com a cabeça baixa, não exatamente por timidez, mas por hábito de dissimulação. Havia aprendido que nada de bom podia esperar dos outros, de modo que instintivamente guardava distância de todos, salvo se tivesse alguma vantagem iminente em vista, como ocorria com as

mulheres que o mimavam.

Antônio dispensou o rapaz, dizendo para que se preparasse para guiá-lo logo mais, com a intenção de ficar sozinho com Marco, que o acompanhava na viagem e na refeição. Igualmente fez com que todos os criados saíssem do aposento.

– Então, este é o filho de Arnaldo.

– Não há dúvida possível: é a cara do pai.

– Com efeito, embora sem o desembaraço dele. Possivelmente, por falta de educação.

– Talvez devêssemos ter cuidado disso.

– Talvez, mas agora é tarde para essa preocupação.

– O que pretende fazer em relação a ele?

– Apenas conviver alguns dias, inteirar-me um pouco da rotina dele. Confesso que estou curioso sobre a personalidade do filho de meu primo.

Eles tentavam falar com leveza, mas a consciência de ambos os acusava de terem desgraçado a vida do rapaz. Isso sem pensar nos pais dele. Antônio não preocupava muito com este último detalhe, pois odiava vivamente o comandante. Contudo, Marco havia conhecido Matilde e sabia que ela era uma boa mulher, também vítima da tirania de Arnaldo.

Logo após o almoço, o trio se afastou da sede da fazenda, com o intuito de conhecer os arrabaldes e visitar os reideiros. A propriedade era mesmo muito grande e afastada, de modo que gastariam muito tempo naquele propósito.

Espantosamente para os três, não demorou a se estabelecer certa camaradagem entre eles. Era a primeira vez na vida que Jonas era tratado com alguma consideração, que perguntavam o que ele achava e esperavam ouvir sua opinião.

Não demorou para que Marco e Antônio percebessem que a personalidade do rapaz, embora inculta, rude mesmo, tinha algo de sedutora. Ele mostrava uma esperteza de camponês em suas colocações.

Com o passar dos dias, Jonas chegou mesmo a se desarmar e a relaxar na companhia daqueles dois homens que eram seus superiores, mas o tratavam como a um camarada.

Sempre respeitoso, visivelmente tosco e iletrado, ele divertia seus acompanhantes com as histórias que contava. Era bom observador e passara muito tempo prestando atenção no que ocorria a sua volta, enquanto cuidava de manter uma distância segura dos outros camponeses.

Tinha informações seguras de todos, por vezes com um toque de malícia e mesmo de maldade. Mas seus acompanhantes não eram de molde a se agastar com isso. Ao contrário, frequentemente gargalhavam com as tiradas entre ingênuas e maldosas do rapaz.

Ao cabo de algumas semanas, quando decidiu continuar com sua ronda pelas outras propriedades que lhe pertenciam, o barão levou junto o filho de Matilde. O rapaz gostou muito da novidade, pois nunca fora feliz naquela região. Antônio não sabia exatamente o que o movia, mas havia passado a gostar de Jonas. Além de tudo, sua consciência ardia cada vez mais, sempre que refletia no que havia feito.

Jamais conseguira esquecer Irene e o filho de ambos que nunca nascera. Casara-se, porque isso era esperado e necessário. Contudo, costumava passear sozinho à noite, recordando os encontros que tivera com a mulher amada.

Jamais conseguira perdoar seu pai pelo papel que lhe destinara e que havia causado a morte de Irene. O velho morrera sentindo-se desprezado, embora orgulhoso demais para abordar o assunto e pedir perdão. Mais de uma vez, em especial nos derradeiros tempos do velho barão, Antônio vira em seus olhos o intenso desejo de um gesto de afeição de sua parte. Mas apenas conseguira oferecer uma polidez extremamente fria. A morte do barão Armando fora triste e solitária.

Quanto a Arnaldo, Antônio lhe tinha um ódio mortal. Nunca mais tornara a vê-lo após aqueles tristes dias em que se envolveram na disputa pelas terras da baixada. Por uma questão de honra pessoal, após o falecimento de seu pai, devolvera a parte das terras que haviam conseguido para o agora conde André.

Este nunca mais se casara, como seria de se esperar. Era mais um intelectual, um filantropo, que não se preocupava como devia com a descendência de sua estirpe

nobre. Após o falecimento de André, possivelmente haveria alguma crise envolvendo sua sucessão.

Feito todo o périplo, no final de uma tarde chuvosa, Antônio, Marco e Jonas chegaram ao castelo. Combinou-se que o rapaz seria colocado para treinar as artes da guerra, sob os cuidados de Marco.

Jonas não se agradou particularmente da perspectiva de guerrear, mas pela primeira vez havia pessoas que se interessavam por ele, de modo que não ousou se opor ao projeto. Crescera sem amar o trabalho, que nada de proveitoso lhe rendia, e também sem aprimorar qualquer tipo de talento.

No castelo havia serestas e bailes, por influência da atual baronesa, que gostava muito de artes. Não demorou para Jonas se interessar pelo assunto. Sempre que podia, acompanhava as evoluções dos artistas, admirando seus instrumentos e seu desempenho.

Marco logo notou que o rapaz nunca seria um bom guerreiro. Como tinha a consciência pesada do que lhe havia feito, costumava ser brando e paciente com ele.

Jonas não era desastrado nem fraco ou covarde. Apenas não tinha muito gosto pela coisa, de modo que não se esforçava como seria necessário para atingir a maestria própria de um integrante da horda do barão.

Notando o gosto do rapaz pelas artes, certa feita fez um relato sincero para Antônio. Este, que com o tempo se afeiçoara sinceramente a Jonas, não recebeu o parecer com muito desagrado. Era quase com alívio que aceitava uma situação que impedia o rapaz de se envolver em guerras. Sentimento curioso esse da parte de quem sempre guerrear e matara sem maiores dramas de consciência.

Assim postos os fatos, o barão decidiu que Jonas seria instruído, não apenas em questões artísticas, mas de modo geral. Era quase como se fosse um filho seu. A baronesa não se desagradou da ideia, pois dava grande valor às artes.

Poucos anos depois desse projeto ter sido estabelecido, Jonas era um rapaz modificado. O barão havia providenciado um mestre-escola para ele, embora já fosse adulto, e também uma espécie de tutor musical, escolhido dentre os vários artistas que periodicamente se apresentavam na propriedade.

Sempre algo dissimulado, Jonas aproveitou ao máximo tudo o que lhe fora ofertado. Era realmente grato aos barões e a Marco, mas havia sido tão pervertido na juventude que seu caráter não tinha retidão. Fazer coisas às ocultas, cuidar para não demonstrar seus reais sentimentos, como desagrado ou desejo, era algo da natureza de Jonas. Isso sem falar nos romances que mantinha, sempre com mulheres casadas e mais velhas. Em sua mente, família era sinônimo de maus-tratos, de modo que não concebia a ideia de manter um vínculo duradouro com qualquer pessoa. Mesmo em relação a Antônio e a Marco, a gratidão era mesclada com prevenção.

Luto e separação

Mais ou menos por essa época, a saúde de Angélica periclitou de modo grave. A jovem apanhou uma pneumonia que lhe dizimou as forças. Matilde velou junto à cabeceira da enferma, sentindo-se completamente sozinha. Arnaldo a custo se fazia presente uma vez ou outra no quarto da filha, sempre muito desconfortável. Nunca tinha se ocupado sinceramente da garota, pois se sentia ultrajado com o simples fato de ser pai de uma aleijada, como a qualificava em sua mente. Também era assim que falava dela no círculo de alguns poucos íntimos, notadamente Jerônimo e um filho deste, jovem de maus pendores chamado Jairo.

Os três eram atualmente inseparáveis. Diante da ausência de Marco, que não retornara, Arnaldo encarou a coisa com naturalidade. Imaginou que ele tivesse recebido alguma proposta do velho barão, ou ficado preso em questões familiares. Não era homem de se apegar verdadeiramente a inferiores, categoria na qual qualificava todos os que não eram da nobreza.

Semanas se sucederam, enquanto Matilde mais e mais se desesperava e se sentia abandonada por Arnaldo. Ao longo dos anos, ao ver o desprezo que este votava à filha, o surdo rancor que sentia por ele transformou-se em ódio e aversão. Aquelas semanas de dor e desespero, nas quais o comandante primava por mostrar mau humor e desagrado, foram a gota d'água para Matilde.

Não satisfeito em não apoiá-la, Arnaldo ainda demonstrava achar aqueles cuidados exagerados. Reclamava que Matilde passava tempo demais no quarto da jovem e não lhe dava atenção. Sentindo-se frágil, a mãe de Angélica nada falava, mas ia registrando tudo aquilo em sua alma sensível.

No correr de uma noite fria, enquanto Arnaldo dormia, Matilde velava o sono torturado da filha, que respirava com dificuldade. A certa altura, a respiração da moça começou a ficar mais difícil e rasa, a ponto de a mãe compreender que ela não amanheceria viva. Ainda pensou em chamar Arnaldo, mas desistiu da ideia, entendendo que ele não desejava nem merecia participar dos últimos instantes da vida da filha.

Sentou-se à cabeceira da cama, colocou a filha no colo e falou-lhe com paixão. Pediu perdão pelo péssimo pai que lhe dera e por não ter podido auxiliá-la mais. Chorando baixinho, desculpou-se por ter-lhe dado uma vida tão difícil, por não ter conseguido colocá-la no mundo com saúde.

Enquanto a respiração da moça ia ficando imperceptível, Matilde passou a cantar uma antiga canção que aprendera com a mãe. Era justo, pensava, que cantasse para sua filha moribunda a canção que aprendera com a mãe que perdera havia tantos anos. Ambas se chamavam Angélica, eram doces, bondosas e se afastavam dela de modo definitivo.

O dia surpreendeu Matilde com a filha morta nos braços. Ela chorara durante a madrugada toda. Chorara por tudo, pelos sonhos que Arnaldo lhe tirara, pelo filho que perdera, seguramente por culpa da belicosidade do pai, que apenas inimigos sabia conquistar. Lamentara ainda uma vez por Bernardo estar perdido para ela, e pela filha enferma que acabara de morrer.

Ao final de tudo aquilo, seu coração parecia estar morto. Ela evitava pensar em Deus, a quem reputava um tirano sem coração, que se comprazia em cumular os malvados de poderes, para que aniquilassem os homens e especialmente as mulheres honestas.

Ela havia dispensado as aias, pois queria velar sozinha por Angélica. Quando as ajudantes se apresentaram, compreenderam logo o que ocorrera e começaram a chorar. Matilde tomou a iniciativa de banhar e vestir o corpo da filha para o velório, sabendo que era a última coisa que faria por ela. Após deixar tudo pronto, foi para o quarto em que costumava dormir com Arnaldo.

Este ainda dormia e ela mirou com profundo desprezo aquele homem que sempre fora tão odiosamente indiferente à vida da pobre filha enferma e carente de atenção e cuidados. Desejou dar-lhe uns tapas, mas achou que se desonraria com essa atitude, ao fazer uma cena de violência com o corpo da filha no quarto ao lado, ainda insepulto. Sem a menor disposição para falar com o comandante, mas sem ter opção, sacudiu-o sem delicadeza.

Arnaldo acordou e, vendo o semblante de Matilde, fez menção de puxá-la para junto dele. De forma inédita, sua concubina o repeliu de forma decidida. Surpreso, o comandante entendeu que algo havia ocorrido.

– Angélica faleceu.

Matilde olhava atentamente Arnaldo, desejosa de captar todas as nuances do sentimento dele ao receber a notícia. Não se enganou ao ler no rosto de seu algoz de longa data um misto de alívio e indiferença. Ela rilhou os dentes com o silêncio que se seguiu à informação sobre o óbito da filha.

Sem esperar que ele algo decidisse, cuidou de informá-lo do que já havia decidido sobre o funeral e o velório. Compreendendo que era um momento crítico, Arnaldo apenas anuiu a tudo e fez um esforço para ir ver o corpo da jovem. Ao entrar no quarto, fez um sinal para que as aias saíssem e ficou ali sozinho.

Mirou mais uma vez o belíssimo rosto da filha e sentiu o velho desconforto, tantas vezes experimentado. Por alguma razão que ignorava, sentia-se desconfortável na presença de Angélica. Além da questão física, que o fazia se sentir inferiorizado por ter uma filha paralítica, algo na jovem o desconcertava.

Seu pensamento mais marcante foi o de que a morte dela era boa para todos. Agora, Matilde voltaria a lhe dedicar mais atenção. Possivelmente, não teriam outros filhos. Passados tantos anos, talvez devesse pensar em se casar com alguma nobre bem situada, para garantir uma descendência legítima e herdeiros para suas propriedades, especialmente para a cidadela.

Sentiu desconforto com a ideia de desalojar Matilde da condição de senhora do lugar, mas era algo em que teria de pensar seriamente. Não estava ficando mais jovem a cada dia. E se morresse? Seus bens corriam o risco de ser destinados ao odiado primo Antônio. Com aqueles pensamentos egoístas, ele deu de ombro, sentindo um real alívio pela ideia de nunca mais precisar mirar o rosto de Angélica.

O velório foi triste e durou o dia todo. Matilde ficou junto ao esquife, sentada em uma cadeira de espaldar alto. Era a própria imagem da desolação, vestida de luto. Enquanto as horas se arrastavam, pela mente da dama desfilavam os acontecimentos de sua vida toda. Ela entendia que começara a morrer no dia em que tivera a desgraça de cruzar com Arnaldo. Esforçava-se para não olhar em direção a ele, temerosa de que seus sentimentos fossem perceptíveis por todos.

Os criados e os vassalos de Arnaldo desfilaram pela sala fúnebre e cumprimentaram os pais da falecida. O comandante mantinha no rosto um indisfarçável ar de enfado com tudo aquilo.

Quase ao cair da noite, o sepultamento ocorreu, e Matilde se recolheu sozinha a seus aposentos. Já Arnaldo começou a beber com Jerônimo, Jairo e alguns homens da guarda que lhe eram mais chegados. Isso no grande salão de banquetes.

Matilde estava imensamente cansada, pois não dormira nada na última noite e ainda passara pelo suplício de presidir o velório da filha em completo abandono emocional. Assim, dormiu tão logo colocou a cabeça no travesseiro.

Quanto a Arnaldo, era um mar de contradições. Malgrado seu, experimentava um leve desconforto na consciência pelo modo como tratara a filha e também Matilde nos últimos tempos. Se fosse um homem razoável, estaria com a consciência em chamas e desesperado para se redimir. Mas era egoísta e orgulhoso demais para admitir um erro e tentar repará-lo. Ademais, sua mesquinhez o levava a ver as coisas por uma ótica muito pessoal.

À medida que a noite ia avançando e ele ia bebendo mais e mais, convencencia-se de que fora uma vítima. Entendia que fora muito paciente com a dedicação de Matilde à filha doente, que demorara demais a morrer.

Arnaldo era muito resistente ao álcool e possuía um físico extremamente vigoroso. Além de tudo, a mesa em que bebia com seus homens estava muito bem fornida. As mulheres da cozinha não puderam dormir naquela noite, pela autêntica festa que aqueles seres desalmados promoviam logo em seguida ao falecimento da jovem Angélica.

Após dormir algumas horas, Matilde acordou em plena madrugada. Sentiu alívio ao ver que Arnaldo não se encontrava a seu lado. Levantou-se e foi para junto da janela observar a noite. De súbito, sentiu-se sufocar pelo peso da vida que levava, pela certeza de que não tinha escapatória e teria de permanecer para sempre representando que se alegrava com a presença do homem detestado.

Pareceu-lhe imperiosa a ideia de subir à ameia do castelo, de onde poderia observar a imensidão. Sempre ia lá para pensar em Henrique e em Bernardo. Durante muito tempo, tentara impedir a si mesma de refletir sobre o jovem ruivo, com uma espécie de pudor que não entendia direito. Era como se isso fosse uma infidelidade, já que tinha outro homem por companheiro. Talvez fosse também porque não se sentia mais digna do jovem inocente cuja imagem não se apagara jamais de sua mente.

Contudo, nos últimos anos, passara a se apegar àquela imagem como a uma tábua de salvação. Vivia entre a saudade e as angústias pelo filho ausente, os cuidados com a filha enferma e as exigências despóticas de Arnaldo. Para não perder a sanidade, gostava de recordar episódios cândidos de sua juventude,

enquanto lançava o olhar para a imensidão do alto do castelo e respirava o ar puro e frio da noite.

Quando saiu de seu quarto, ouviu os ecos do alarido que Arnoldo e seus homens produziam, entoando cantorias com voz ébria. Atônita, teve dificuldade em acreditar que semelhante desrespeito estivesse ocorrendo logo após o sepultamento de Angélica. Arnoldo seria insensível a esse ponto? Ele se embebedava e cantava naquela noite tão triste!

Pudica, Matilde cuidou de compor as vestes, envolvendo-se em um longo manto negro, que lhe dava certo ar de majestade trágica. Nem havia necessidade de tomar cuidado para não ser ouvida, pois os homens festejavam fazendo muito barulho. Mas a senhora foi andando entre cautelosa e temerosa. Ela sentia como se estivesse em vias de presenciar um culto ao demônio, tanto lhe parecia odioso o espetáculo com que temia se defrontar.

Matilde se aproximou de uma das portas que dava acesso ao grande salão e viu Arnoldo sentado em sua cadeira de espaldar alto, com uma jovem acomodada em seu colo, a quem fazia beber. Os outros homens seguiam o exemplo do chefe e era um espetáculo triste de se ver. Todos estavam bêbados e acompanhados de mulheres que habitualmente não frequentavam o castelo.

A senhora compreendeu que não se importava minimamente com quem Arnoldo acariciava. Se dependesse dela, ele viveria em um dos bordéis que existiam nas cercanias da cidadela. Desde que nunca mais a tocasse, tudo estaria bem.

Entretanto, em um átimo lhe veio à mente a imagem de sua filha no caixão e aquilo a transtornou imensamente. Arnoldo era um patife sem medida! Nisso ela o ouviu falar muito alto, com voz rouca de ébrio:

– Um brinde à liberdade, companheiros! Um brinde à saúde! Não mais ouviremos falar em doença nesta sala!

Houve um coro de saudações a essa proposta indecente.

Aquilo foi demais para a torturada mãe. Que Arnoldo brindasse à morte de sua filha, entre prostitutas e bêbados, era mais do que ela podia suportar.

Resoluta, Matilde entrou na sala e se encaminhou para junto de Arnoldo. Este estava entretido com a rapariga em seu colo e não viu a chegada da senhora.

Mesmo seus companheiros pareciam não entender o que significava a presença daquela mulher envolta em um manto negro, com um halo de tragédia em torno de si.

Decidida, Matilde apanhou um jarro de vinho e jogou na cara de Arnoldo. Estupefato, ele tentou se levantar, sem entender o que ocorria, derrubou a moça que tinha no colo e rolou com ela no chão. Quando conseguiu se levantar, deu de cara com Matilde, relanceou os olhos pelo salão e talvez tenha compreendido, embora sua embriaguez, que havia ultrapassado um limite importante.

Com uma coragem que nunca tivera na vida, a senhora ministrou um par de bofetadas no rosto do comandante, na frente de toda aquela gente desqualificada. Àquela altura, pelo inusitado da cena, pelo choque mesmo que ela provocava, parecia que a embriaguez reinante diminuía de repente. Sem acreditar no que ocorria, Arnoldo apenas olhava Matilde.

– Cretino! Tem a coragem de brindar à morte de nossa filha! De encher a casa de prostitutas e de bêbados! É um homem vil, o mais vil de todos. Lamento profundamente o dia em que o conheci. Fez-me sua prisioneira, desgraçou-me de todas as formas. Consegui adaptar-me a tudo, inclusive ao desprezo que votava a nossa filha doente. Contudo, agora passou dos limites. Saiba que o desprezo, que é a pior criatura que jamais conheci. Se existir um Deus, seu fim haverá de ser terrível, entre misérias e dores. Odeio-o!

Ao dizer isso, cuspiu na cara de Arnoldo e se afastou em direção à porta, tremendo. Todos se afastavam a sua passagem. Matilde demonstrara uma coragem que nenhum deles jamais possuiria. Havia nela um ar de tragédia majestosa, de dor infinita, de indignação, que impunha respeito.

Tão logo Matilde saiu da sala, um silêncio profundo nela reinou. Ninguém ousava olhar para Arnoldo, que passara pela humilhação suprema de sua vida. Todos foram se retirando, em um silêncio constrangido, que os passos trôpegos de bêbados tornavam uma espécie de comédia. Quando o último homem saiu, Arnoldo ficou ali, estático, sem saber o que fazer nem o que pensar.

À medida que os estranhos convivas se afastavam, um silêncio sepulcral tomava conta do salão de banquetes. Em contraste à algazarra de instantes antes, aquilo parecia um prenúncio de graves acontecimentos.

Por orgulho

Mergulhado naquele silêncio, Arnaldo permaneceu presidindo um banquete de ninguém, do alto de sua majestosa cadeira, estarrecido pelo que ocorrera. Lentamente, uma certeza começou a brotar de seu íntimo: Matilde não poderia permanecer viva após tê-lo desrespeitado de forma tão grave e na frente de tanta gente.

Por certo, ninguém ousaria falar daquilo em sua presença. Mas nas tabernas e nos bordéis, sua desonra e sua vergonha seriam um tema picante. Seu coração falhava à ideia de matar a mulher que amava. Sim, ele amava a mulher em que Matilde havia se transformado, ainda mais do que amara a menina que ela fora. Malgrado seu, aprendera a admirar sua bondade e sua delicadeza. Naquelas horas terríveis, enquanto se desembriagava com vagar, Arnaldo refletia e reconhecia que amava e admirava Matilde.

O amanhecer surpreendeu o comandante chorando silenciosamente pelo que sentia que teria de fazer, movido por seu orgulho. Sua concubina o desonorara publicamente e isso não poderia passar impune. Entretanto, temendo tomar uma atitude irreversível, preferiu esperar que a bebedeira passasse completamente. Quando finalmente saiu do salão, o dia já clareava. Ele se dirigiu a um dos vigias e determinou que fosse providenciada uma guarda junto à porta do quarto de Matilde. Esta não poderia sair sem uma expressa ordem sua.

Não houve questionamento algum, sequer surpresa no olhar do soldado, em um eloquente sinal de que a desdita de Arnaldo já era de todos conhecida. Isso não era de surpreender. Ele nunca fora amado, mas apenas temido. Matilde, ao contrário, pela dedicação que sempre mostrara à filha enferma, cativara o respeito e a admiração praticamente unânime dos habitantes da cidadela. Isso sem falar nos cuidados que costumava prodigalizar às crianças e às viúvas carentes.

A conduta de Arnaldo, ao comemorar o falecimento da filha, fora um espanto, embora ninguém esperasse nada de muito bom vindo dele. Salvo sua coragem, claro.

Arnaldo se retirou para seu quarto, tirou a roupa suja de vinho, tomou um banho gelado, pois havia água em uma tina e ele não tinha disposição para pedir que alguém a aquecesse. Queria ficar sozinho.

Exausto, deitou-se na cama e recordou os lances mais dramáticos de sua vida. Chorou de pena de si mesmo ao pensar que teria de matar a mulher que amava. Já havia perdido Henrique e agora Matilde também se afastaria dele. A esse pensamento, teve um ímpeto de fúria terrível. Insanamente, colocou a culpa de suas desditas em Matilde e teve de se controlar para não se levantar e ir matá-la naquele preciso instante. Finalmente, o cansaço o venceu e ele dormiu um sono sem sonhos.

Já Matilde não experimentou qualquer surpresa ao perceber que virara prisioneira. Quando a cólera esfriara, ela se aterrara consigo mesma pela coragem que tivera. Mas não estava arrependida, longe disso. Pensava que Arnaldo merecera aquilo. Apenas refletia sobre qual seria seu destino. Talvez virasse prisioneira ou talvez ele a matasse. Qualquer das opções parecia preferível a continuar a suportar a convivência íntima com aquele homem que passara a odiar violentamente no correr das últimas semanas.

Como já estava ali há muitos anos, não tinha mais nada a temer em relação a seus familiares e a seu vilarejo. Seus pais já deviam estar mortos e os vínculos que um dia a prenderam àquele lugar estavam extintos. Por conta disso, concluía que Arnaldo não se abalaria tão longe apenas para puni-la.

À ideia de morrer, sentiu-se aliviada. Foi como se um peso terrível fosse tirado de seu peito. Será que havia um Deus? Haveria vida após a morte? Se havia um Deus, por que Ele não ajudava Seus filhos que tentavam viver honestamente? Por que permitia que seres como Arnaldo semeassem tantas infelicidades? Por que a abandonara, permitira que roubassem seu filho, que sua filha nascesse doente e morresse tão jovem? Por que colocara Arnaldo em seu caminho?

Ao fazer a lista de seus porquês, concluiu que Deus não existia, não era bom ou não se importava com os próprios filhos. Deu de ombros, envolta apenas em uma leve curiosidade sobre o que ocorria após a morte. Talvez, embora não mais orasse, por alguma ironia, pudesse rever Angélica. O dia passou e Matilde ficou ali, quieta, à espera que sua sentença fosse lavrada por Arnaldo.

Já este, após acordar, também permanecera em seu quarto, no qual não permitira que ninguém entrasse. Sabia que precisava lavar sua honra, mas sofria imensamente à ideia de abrir mão da companhia de Matilde.

Ao cair da noite, vestiu luto e se encaminhou para o quarto da concubina. Fez

com que os vigias se afastassem e recomendou que ninguém ficasse nas imediações. Feito isso, entrou no quarto de Matilde.

A dama estava observando a noite da janela, repetindo uma cena que Arnaldo vira infinitas vezes nos últimos anos. Sempre que acordava no meio da noite, ela ali estava, em silêncio, como que a sondar a escuridão. Ela o olhou sem surpresa nem medo. Era como se cumprisse um destino. Cumprimentou-o levemente com a cabeça e nada disse.

– Matilde, coisas irreversíveis ocorreram entre nós.

– Com efeito, Arnaldo.

– Desrespeitou-me na frente de meus homens e isso não pode ficar impune. Preciso desagrar minha honra e sabe disso.

– Faça o que for preciso.

– Não tem medo de mim?

– O que teria para temer de você, Arnaldo? Já destruí minha vida, acabou com meus sonhos, um a um. Primeiro, raptou-me e forçou-me a ser uma mulher que tem filhos de um homem que não é seu esposo. Nem casada nem solteira, tornou-me uma mulher desonrada. Em razão do ódio que desperta com seus atos, faz inimigos a cada passo. Seguramente, foi um desses inimigos, sabe-se lá em razão de qual desdita que lhe infligiu, que raptou meu filho. Depois, abandonou-me moralmente a mim e a minha filha. Por fim, sabendo-me tomada da mais terrível tristeza, ousou brindar à morte dela. O que poderá me fazer de pior? Matar-me? Sim, vejo que é esse o seu plano. Será a liberdade que me concederá. Nunca mais precisarei suportar suas carícias, observar suas maldades, o modo cruel com que administra a cidadela. Creia: será a melhor coisa que me fará na vida. Tudo o mais que me fez foi pior do que isso.

– Essa é a imagem que tem de mim? Eu a amo, Matilde, sempre a amei perdidamente. Você nunca me amou?

– No começo, tinha-lhe muito medo. Depois, desenvolvi uma espécie de carinho, de ternura, como uma mãe tem por um filho problemático, a quem não consegue orientar nem controlar. Contudo, o modo como tratou Angélica matou em mim qualquer afeto que eu lhe pudesse ter.

– Aquela aleijada!

– Não fale assim de minha filha! Não teve culpa de nascer doente. Talvez sejamos nós os culpados. Talvez Deus tenha decidido puni-lo por suas maldades e a mim por ter aceitado partilhar o leito de um homem que não é meu marido.

Um silêncio terrível pairou entre eles, enquanto Arnaldo se aproximava de Matilde lentamente. Ele a tomou nos braços.

– Fale o que falar, eu a amo, Matilde.

– Demonstra-o muito mal.

Ele a abraçou fortemente e tentou beijá-la, mas ela virou o rosto. Não podia, simplesmente não podia mais acariciar o homem que comemorara o falecimento de Angélica com um banquete ao qual compareceram ébrios e prostitutas.

Arnaldo lentamente colocou as mãos no pescoço de Matilde, fê-la olhar em seus olhos e começou a apertar. A senhora sufocou, ao mesmo tempo em que uma sensação de liberdade a envolvia. Ciente de que ela recebia a morte com alegria, para se ver livre dele, o comandante sentiu um ímpeto de ódio e terminou de estrangular Matilde com violência.

Após um longo tempo, depositou o corpo dela na cama e começou a chorar com estridência. Sentia-se injustiçado e infeliz. Entendia que Matilde o obrigara a matá-la, por desrespeitá-lo de modo tão notório e por amar aquela aleijada mais do que a ele. Blasfemou contra Deus, que permitira todas as tragédias de sua vida: o sumiço de Henrique, o nascimento de Angélica, a loucura final de Matilde! Deus era o grande culpado de tudo aquilo, enquanto ele, Arnaldo, era uma vítima.

Chorou e gritou, tomado de uma espécie de loucura, por um longo tempo. Finalmente, abraçou o corpo de Matilde com sofreguidão, como se querendo levantá-la do sono da morte que lhe dera.

De repente, saiu do aposento com estrépito. Não havia ninguém por perto, pois ele havia ordenado isso. Quando chegou a uma área em que se concentravam as aias que normalmente serviam Matilde, ele lhes disse:

– Sua senhora está morta. Que isso seja anunciado para todos. Ninguém,

ninguém mesmo, pode me desrespeitar. Cuidem do corpo, enterrem-no rapidamente, não quero mais vê-lo nem ouvir falar de Matilde neste castelo. Vamos! O que estão esperando?

Todos esperavam um desfecho semelhante, mas isso não impediu que uma profunda tristeza tomasse conta das mulheres, ao saber que a tênue esperança que mantinham dera em nada. Temerosas, rapidamente cuidaram de preparar o corpo de Matilde e de fazê-lo transportar para o cemitério da igreja local. O capelão improvisou uma cerimônia, que foi bastante concorrida por parte dos cidadãos mais pobres do local. As pessoas mais bem colocadas não ousaram comparecer, temerosas do desvalimento que isso poderia lhes acarretar perante o comandante.

Quanto a este, tornou-se ainda mais destemperado, insano mesmo. Passou a beber mais e mais, além de cometer grandes crueldades. Ele realmente conseguia se sentir injustiçado. Em momento algum, pensava nas desgraças que havia semeado nas vidas das outras pessoas.

Contra toda expectativa, Arnaldo não se animou a tomar uma nova esposa nobre, nem tornou nenhuma mulher sua concubina. Perdia-se em bebedeiras e orgias, despreocupado da administração da cidadela, então inteiramente depositada nas mãos de Jerônimo e Jairo.

Em uma manhã, ele demorava muito para sair de seu quarto, o que começou a gerar indagações por parte dos servos. Não se tinha o hábito de penetrar no aposento sem ser chamado, inclusive porque a chance de o comandante estar acompanhado era grande. Embora fosse preciso reconhecer que nos últimos tempos ele andava meio abatido, parecendo mais velho do que de fato o era.

Finalmente, seu valete criou coragem e penetrou no aposento. Arnaldo estava imóvel no leito, com as faces parecendo um pouco tortas. Ele não conseguia fechar completamente a boca e tinha um olhar de desespero. O rapaz se aproximou com cautela, pois era sempre muito maltratado.

– Senhor, está bem?

Um grunhido veio em resposta. Não foi preciso muito tempo para perceber que o comandante havia sofrido uma espécie de ataque e ficado com o corpo parcialmente paralisado, sem poder falar.

Aquilo causou grande comoção na cidadela, pois se considerou que ele poderia morrer em breve. Nesse caso, quem seria o novo senhor? Ele não tinha filhos legítimos, nem sequer algum bastardo a quem tivesse reconhecido e ao qual demonstrasse afeição.

Jerônimo e Jairo compreensivelmente tomaram as rédeas da situação. Cuidaram de providenciar o maior conforto possível a um enfurecido e desesperado Arnaldo, que pela primeira vez na vida se via na condição de enfermo.

Esperaram algumas semanas, mas, como ele não dava sinais de melhoras, entenderam que precisavam comunicar o ocorrido aos parentes de Arnaldo, mais propriamente a Antônio. Este, na condição de barão, era o chefe da família.

Quando Arnaldo soube do projeto, grunhiu furioso, mas não tinha como se opor. Seguramente, não mais falaria nem levantaria daquela cama, de modo que sua opinião era de fato irrelevante.

Naqueles tempos belicosos, uma rica cidadela sem um senhor conhecido e respeitado era um perigo muito grande para seus habitantes. As chances de haver invasões eram enormes. Assim, era mesmo necessário fazer com que o barão estendesse sua proteção ao local, de modo ostensivo.

Devedores da Lei

Antônio, como é de se imaginar, recebeu a notícia do estado do primo com grande alegria, como se ganhasse um presente. Fez com que Jairo, o emissário da cidadela, lhe contasse tudo em detalhes. Agradou ao rapaz, tratou-o com honras de um visitante esperado, e este não se fez de rogado.

O barão ficou sabendo dos desdobramentos da vida de Arnaldo, desde que este se retirara dali, há muitos anos. Afetou surpresa ao saber que um filho do comandante havia sido raptado. Fez-se de condoído com a notícia de que uma filha dele nascera enferma, nunca conseguira andar e já morrera. Mas seus olhos brilharam mesmo com uma alegria incontida foi com a descrição do banquete em que a concubina enxovalhara a imagem de Arnaldo.

Era de se esperar que Jairo tivesse algum pudor em fazer semelhantes relatos, em sua condição de quase amigo do comandante. Mas ele era um mau-caráter que apenas buscava a própria fortuna. Ao entender que o próximo senhor do local desejava notícias, e parecia se alegrar com as desditas do parente distante, cuidou de fazer um relato de modo a satisfazer o ouvinte.

Antônio fez com que Jairo fosse alojado com conforto, enquanto ele próprio se preparava para ir à cidadela. Chamou Marco, recomendou que preparasse a viagem com segurança e ostentação.

Após tomar todas as providências, pôs-se a caminho, acompanhado também de Jonas, que àquela altura era a viva imagem de Arnaldo, quando estava no auge do vigor. O rapaz, na condição de músico, ia sob o pretexto de que deveria distrair seu senhor durante a longa viagem. Em realidade, os planos de Antônio eram outros.

Algumas semanas depois, a caravana aportou na cidadela e foi recebida com alegria e respeito, pois era mesmo aparatosa e conduzida por muitos soldados.

Antônio não teve pressa em visitar Arnaldo. Fez com que anunciassem sua chegada ao torturado proprietário, mas, antes de se apresentar a ele, vistoriou o local, instalou-se confortavelmente e providenciou um lauto jantar para o qual convidou as pessoas mais bem colocadas da cidadela.

Foi uma noite feliz, em que o castelo vibrou ao som de risos e de música. Jonas tocou e cantou para deleite de todos.

A semelhança dele com o comandante foi notada, em especial pelos mais velhos. Contudo, como o enfermo e o barão eram da mesma família, não surpreendia muito que um parente pobre, servindo na condição de pajem e músico, fosse parecido com Arnoldo.

Já este, em seu aposento, sentia todas as torturas do inferno. Compreendia que Antônio havia tomado posse do que lhe pertencia e cuidava de se divertir. O fato de não ter se apresentado significava que o primo odiado já se considerava o dono do local. Tanto que promovia uma festa, cujos ecos lhe chegavam.

O torturado comandante rilhava os dentes, ardendo de desejo de sarar de repente, encaminhar-se para o grande salão e desafiar o barão para um duelo. Ah, como queria matá-lo, da forma mais dolorosa e humilhante possível! Fez repetidos esforços para se levantar, clamou em silêncio para um Deus que nunca se lembrara de honrar e respeitar. Sentindo-se imensamente injustiçado, ouviu a contragosto o desenrolar da festa até o seu final. Finalmente, em plena madrugada, quando o silêncio tomou conta do castelo, conseguiu dormir um sono tumultuado, cheio de imagens do primo sendo esfaqueado e surrado a porrete.

A manhã já ia adiantada quando Arnoldo acordou com uma sensação estranha. Sabia que algo de inusitado ocorrera. Aí se lembrou da música da véspera e teve a estranha impressão de que ela tinha algum significado oculto. Era como se alguma informação importante lhe escapasse.

Nisso, percebeu que a música recomeçava. Relanceou o olhar pelo aposento e identificou um homem jovem que começara a dedilhar um instrumento de corda tão logo ele dera sinal de despertar no leito.

De modo surpreendente, a música pareceu acalmar o enfermo, que se alegrou com a presença do artista em seu quarto. Este se encontrava um pouco longe e ele lhe fez sinal para que se aproximasse.

O jovem se levantou da cadeira em que estava sentado e, sem parar de tocar, aproximou-se, momento em que começou a cantar. O comandante imaginou estar enlouquecendo com a tortura refinada que lhe era infligida: imobilizado pela doença e com Antônio tomando posse do que lhe pertencia.

Sim, pois pensava ver a si próprio na figura do jovem músico. Com extrema curiosidade, analisava-o e notava como se parecia com ele, quando era jovem.

Seria algum parente desconhecido? Ah, como queria falar com o rapaz! Até a voz do jovem lhe parecia peculiar. Quem seria ele?

Irritado por não poder estabelecer contato, embora sua imensa vontade de conversar, conformou-se em ouvir a música. O jovem finalmente puxou a cadeira em que estivera sentado, posicionou-se ao lado da cama e se dedicou a entreter Arnaldo.

Quase na hora do almoço, Antônio apareceu no quarto.

– Querido primo, bom dia!

Um grunhido antipático foi a resposta, enquanto o músico imediatamente ficava em silêncio.

– É muito triste vê-lo assim, enfermo e debilitado. Confesso que nunca imaginei presenciar semelhante espetáculo. Não quis incomodá-lo ontem, então deixei para vê-lo hoje. Aproveitei o tempo livre para me inteirar da situação da cidadela, assegurar-me de que está bem administrada. Talvez tenha ouvido alguma coisa da recepção que dei ontem à noite.

– ...

– Vejo que ouviu. Espero que não tenhamos incomodado seu sono. Já conheceu Jonas, o músico de minha casa. Mande-o aqui, para entretê-lo. Jonas, este é o famoso comandante Arnaldo, meu primo querido. Cumprimente-o.

Estranhando um pouco a situação, Jonas cumprimentou o enfermo.

– Jonas, certamente meu primo se alegrou com sua música. Agora, deixe-nos a sós.

O rapaz saiu. Antônio, que não desconhecia o caráter do moço, acompanhou-o até a porta, para ter certeza de que se afastaria, em vez de ficar ouvindo de forma sorradeira, como era seu costume. Cauteloso, chamou um guarda, recomendou que ninguém se aproximasse do quarto enquanto conversava com Arnaldo. Após fechar a porta, sentou-se na cadeira e mirou as faces tortas do primo com evidente alegria.

– Arnaldo, Arnaldo, finalmente estamos sós e podemos nos entender. Vamos

deixar de fingir. Perdão, você não pode mais fingir. Essa sua qualidade do passado está perdida para sempre. Aliás, parece não sobrar mais nada do homem que você era.

O comandante grunhiu e se agitou na cama, tomado de uma fúria descomunal.

– Não fique nervoso, caro primo, pois isso não é bom para sua saúde. Quero tranquilizá-lo quanto a algumas coisas. Como já deve ter entendido, tomei posse da cidadela. Na condição de chefe da família, é legítimo que vele pelos pertences dos parentes inválidos. Cuidarei para que tudo fique em segurança. Não sei se lembra de Marco? Eu o trouxe comigo e pretendo que fique aqui, como meu lugar-tenente.

– ...

– Não fica feliz? Cuidarei de tudo. Aliás, pretendo cuidar muito bem de você também. Faço questão de que seja muito bem tratado e viva muito. Uma ideia feliz acaba de me ocorrer. Darei ordens para que todo dia seja colocado para tomar sol na praça em frente ao castelo. Assim, não perderá contato com o povo a quem tanto estima, que poderá vê-lo e se tranquilizar quanto a seu estado.

Um sorriso irônico brincava nos lábios de Antônio, sabedor do quanto seus projetos eram humilhantes para um homem como Arnaldo. Após ser temido, seria colocado em exposição na condição de um inválido, com o corpo e o rosto retorcidos.

– Vejo que não se opõe ao projeto, que é bom para todos. Mas me diga: o que achou de meu cantor? Gostou dele? Vamos, esforce-se, dê um sinal. Gostou dele?

Arnaldo movimentou levemente a cabeça em sinal afirmativo.

– Notou como Jonas é parecido com você? A semelhança é mesmo extraordinária, não?

Arnaldo começava a perceber que algo terrível estava para acontecer, que aumentaria seu sofrimento.

– Até a voz é parecida com a sua. Gosto muito dele. É um servo de minha casa. Não é muito corajoso nem hábil com a espada. Assim, a ocupação que melhor

lhe assenta é a de músico. Toca e canta divinamente, tem uma conversa agradável. O rapaz sabe agradecer. Apenas não tem muito caráter. Não dá para acreditar em quase nada do que fala. Aliás, isso não me surpreende. Sabe por quê?

Um olhar terrível respondeu a indagação.

– Vejo que já entendeu. Ele não tem caráter porque lembra muito o pai. Sim, Arnaldo. Jonas é seu filho Henrique. Seu filho é um servo meu. Os filhos dele haverão de servir os meus filhos. Sua linhagem servirá a minha. Tomei posse de seus bens, inclusive de seu filho. Soube que teve uma filha aleijada. Que tristeza, não? Felizmente, já morreu, não é mesmo? Soube também que sua concubina o desrespeitou na frente de todo mundo e você a matou.

Ao dizer aquilo, Antônio deu uma gargalhada meio selvagem. Arnaldo bufava e babava na cama, tomado de uma ira insana. Seu sofrimento moral era inenarrável ali, em sua imobilidade forçada, enquanto Antônio falava tudo aquilo com um sorriso escarinho no rosto.

– Arnaldo, você destruiu a minha vida, no que eu tinha de mais importante. Fez intrigas entre mim e meu pai e, em consequência, Irene, a mulher que eu amava e que esperava um filho meu, tirou a própria vida. Pois eu me vinguei. Fiz com que Marco raptasse seu filho e o levasse para mim. O rapaz foi criado como um camponês pobre e ignorante. Mais tarde, quando eu o recuperei da fazenda em que o deixara, e lhe providenciei instrução e cuidados, ele se tornou fiel a mim. Fiel tanto quanto lhe é possível, claro, pois é um perverso.

Arnaldo chorava ao ouvir aquilo. Seu rosto estava encharcado. Eram lágrimas de raiva e impotência.

– Vejo que chora, o que é bom. Você destruiu a minha vida e eu me vinguei. Estamos quites. Ficarei aqui mais alguns dias, organizando tudo. Após, irei embora levando Jonas, a quem nunca mais verá. Mas saberá até o último dia de sua vida que seu filho está comigo na condição de servo. Que ele nada tem, salvo o que eu lhe dou.

Antônio gozou aquele momento, mirando longamente Arnaldo, em sua completa derrota. Em seus lábios, bailava um sorriso escarinho, destinado a espicaçar o primo enfermo.

Contudo, em seu coração, naquele exato instante começava a duvidar do que fazia. O barão não era um homem essencialmente mau. Administrava com justiça suas propriedades, cuidava bem dos rendeiros e vassallos, tratava a família com cordialidade, mesmo os membros mais ínfimos. Por certo, tinha alguns desvios morais, como o que lhe permitira se tornar amante de uma mulher casada. Também guerreava e não hesitava em matar. Mas para a época isso era algo relativamente normal. A decência que mostrava no trato com os subordinados e familiares é que poderia surpreender, em alguma medida.

Entretanto, Arnaldo sempre soubera despertar o que nele havia de pior. O episódio com Irene e o filho que não nascera fora um cúmulo de dor e decepção. Nunca pudera perdoar seu pai pelo papel que o obrigara a fazer. Aquele evento envenenara seus dias e o levava a cometer baixezas com as quais jamais sonharia antes, como raptar uma criança e fazê-la crescer longe dos pais e por fim torturar moralmente um homem inválido.

Antônio se retirou do quarto de Arnaldo bastante desconfortável. Seu coração estava pequeno com o papel que fazia. Como que querendo fugir de si mesmo, ele subiu ao alto do castelo, no mesmo lugar em que Matilde costumava buscar paz.

Lá em cima, lançando o olhar na imensidão da paisagem, Antônio chorou de dor e vergonha. Em um átimo, lembrou-se vivamente de Irene, pensou ouvir novamente sua voz, sentir seu perfume e as mãos que tanta paz lhe traziam quando o acariciavam.

Se ela não tivesse morrido, pensava, tudo teria sido diferente. Maldito Arnaldo que fizera a terrível intriga, maldito seu velho pai, que o pressionara além da medida. E maldito também ele, que não soubera se comportar melhor naquela ocasião.

Uma tristeza imensa tomava conta do barão, enquanto se horrorizava consigo próprio, pelo tanto que havia descido, em razão do ódio que passara a alimentar no coração ao tempo da morte de Irene. Mas agora era tarde, tudo estava feito, pensava ele. Após um tempo considerável, desceu de lá e resolveu ocupar seu tempo, já que ficaria ali alguns dias.

Fez com que se organizassem cerimônias para conhecer e resolver pendências, oportunidades nas quais desfilaram incontáveis reclamantes. Ficou claro para

Antônio o quão mau Arnaldo podia ser. Ao ouvir o rosário de reclamações daquela gente sofrida, o barão, que era essencialmente justo, quase conseguiu se convencer de que fazia algo correto. Ademais, como poderia desfazer tudo agora? Como contar para Jonas que ele na verdade se chamava Henrique e era o filho de Arnaldo? Não, era impossível. Tudo estava consumado.

Naqueles dias, toda tarde Jonas se encaminhava para o quarto do comandante e cantava para ele. Arnaldo esperava aquela visita com ansiedade. As horas que passava ao lado do jovem cantor eram uma delícia e uma tortura. Invariavelmente, ele chorava, inclusive de frustração. Ardia de vontade de se comunicar, mas não podia, preso de seu corpo deformado.

Finalmente, chegou o dia em que Antônio e sua comitiva se retiraram. Não houve despedida para Arnaldo, que ficou aguardando a costumeira visita de seu filho, em vão. Ao perceber que ele não vinha, compreendeu que provavelmente já tinha ido embora com o primo odiado, e uma dor imensa invadiu seu peito. O filho querido tinha ido embora e jamais voltaria. Ah, tristeza infinita...

Na manhã seguinte, logo após receber os cuidados de hábito e ser alimentado, Arnaldo notou uma movimentação estranha. Colocaram-no em uma cadeira reforçada e o conduziram, a duras penas, para a parte mais baixa do castelo. Com horror, notou que a pequena comitiva se encaminhava para fora do castelo, mais especificamente para a praça que lhe ficava em frente.

Como prometido por Antônio, começava naquele dia uma rotina de intenso suplício moral para o comandante. Enfermo, abatido, deformado, sem conseguir fechar a boca direito, sempre babando, era exposto ao olhar dos habitantes da cidadela, que sempre o haviam temido.

Ladeado por soldados, passou a ficar em torno de uma hora por dia ao sol, em exposição. Aquele movimento foi percebido com curiosidade pelo povo e logo a notícia correu: o comandante passava uma parte da manhã tomando sol na praça, em estado lamentável.

No começo, as pessoas ficavam ao longe e apenas passavam na margem da praça. Com o tempo, porém, foram ficando mais corajosas, ao ver que não havia represália. Então, Arnaldo passou a ser encarado pelas pessoas a quem infelicitara. Mesmo as prostitutas, a quem em sua maioria havia raptado das famílias em suas andanças, passaram a se fazer presente e a encará-lo.

O desfile daquelas pessoas que o encaravam com satisfação, desprezo e rancor, foi um choque continuado para a sensibilidade de Arnaldo. Ele sempre se sentira forte e intocado, que nunca pensara na condição de quem era submetido e não podia reagir. Sem ter nada para fazer, buscava recordar as histórias que envolviam aqueles rostos. Não conseguia se lembrar de todos, mas apenas de alguns.

O extremo orgulho de Arnaldo por muito tempo o impediu de reconhecer minimamente seus erros. Mas gradualmente ele começava a pensar no que tinha feito. Em especial, lamentava a ausência de Matilde. Pensava que brigara com ela por dedicar tempo e atenção à filha paralítica e constantemente enferma. E agora ele é que estava paralisado, sem poder andar, ainda por cima exposto daquele modo.

Arnaldo sofria todas as torturas do inferno, ao pensar no filho distante, na filha e em Matilde mortas. Matilde e Angélica foram as imagens que principiaram a tocar aquele coração endurecido, inclinando-o ao arrependimento. Infelizmente para Arnaldo, ele não conseguia vislumbrar a justiça que havia em sua situação, em como aquele era talvez o único modo de fazê-lo refletir a respeito de seus atos, de como sempre infelicitara pessoas indefesas.

Agora era ele o indefeso, abusado, colocado em situação vexatória, tendo de olhar nos olhos das pessoas a quem infelicitara. Ele ainda se sentia injustiçado e dedicava uma parte considerável do tempo a planejar um modo de assassinar Antônio. Fazia planos, nos quais recuperava a capacidade de falar e agenciava malfeitores para matarem o odiado primo a porretadas. Deliciava-se com essa imagem, que ia cristalizando em seu íntimo. Era como uma cantilena, uma evocação. Ele queria ardentemente uma oportunidade de matar Antônio, fazia planos, detalhava tudo, vivia em sua mente repetidas vezes o assassinato.

Entretanto, pouco a pouco sua intimidade ia sendo trabalhada. Ele chorava cada vez mais. Evidentemente, não chorava na praça, nos momentos de sua vexatória exposição. Fazia-o na cama, sozinho. Chorava de saudade de Henrique, Matilde e mesmo de Angélica.

Um dia, de repente, pareceu-lhe compreender algo importante. Sem saber como, pensou ver Angélica caminhando pelo campo, enquanto cantava. Estarrecido, viu-se a persegui-la e a violá-la, com alegre selvageria. Lembrou-se de ter ido embora cantando, feliz de deixar a pobre moça chorando deitada na relva,

ocultando o rosto com o vestido, tamanha era a sua vergonha.

Aquilo não podia jamais ter acontecido! Angélica nunca andara. Aí sua mente fez uma conexão improvável. Sua filha tinha o rosto de uma camponesa a quem lembrava vagamente de ter estuprado. Pouco a pouco, os detalhes do estupro foram se tornando mais e mais vívidos em sua memória.

Senhor! Por alguma razão insana, as duas tinham o mesmo rosto. Seria possível que fossem a mesma pessoa? Mas como? Será que a camponesa morreria logo? Será que se matara, em decorrência da vergonha? Aquilo seria possível? Uma pessoa podia reviver?

Arnoldo temia estar enlouquecendo, ao fazer conjectura tão improvável: uma camponesa a quem violara renascera como sua filha. Mas gradualmente a coisa se tornava muito real e ele se convencera de que fora mesmo isso o que acontecera.

Por que a jovem renascera como sua filha, e enferma? Será para que cuidasse dela? Por que nunca pudera andar? Será que isso fora um castigo para ambos? Ela ficara doente por ter se matado, e ele recebera uma filha paralítica por tê-la feito infeliz a ponto de querer se matar?

Enquanto aquela certeza crescia, no silêncio de sua mente sem distrações, um temor também o empolgava. Se tanto drama surgira de um estupro, que na época considerara apenas uma diversão, e quanto às outras moças? Foram tantas as que raptara, violara, matara e constrangera à prostituição. Nunca conseguiria contá-las. Quais seriam as consequências disso? Será por isso que era tão infeliz? Sozinho, deformado e abusado. Se era possível renascer, se renascimentos existiam, o que ocorreria com ele? Se Angélica renascera aleijada por ter se matado, o que se passaria com ele, que matara e infelicitara tanta gente?

Um suor frio tomava conta do corpo de Arnoldo, enquanto aqueles pensamentos se sucediam e ele ia se convencendo de que traduziam uma verdade.

Muitos anos se passaram naquela tortura silenciosa, sem que a rotina do enfermo fosse alterada, até que certo dia foi encontrado morto na própria cama.

Ninguém lamentou aquele óbito, como ninguém lamentara sua doença, sua humilhação e sua ausência nos negócios da cidadela. Em toda a sua vida, Arnoldo não soubera conquistar um único amigo legítimo. Talvez apenas seu tio

Armando fosse afim com ele. Entretanto, pelo desejo de ficar com a herança do baronato, prejudicando Antônio, Arnaldo também causara a infelicidade daquele tio.

Enquanto isso, o barão Antônio e Jonas, nascido Henrique, seguiam a vida no castelo distante.

A consciência de Antônio mais e mais pesava, à medida que os anos passavam. Sem coragem para desfazer minimamente a intriga envolvendo Arnaldo e Henrique, consumia-se em culpa. Isso teve um lado bom, pois gradualmente o barão foi se tornando piedoso.

Tomou-se de ardor religioso, confessou-se, penitenciou-se seguidas vezes. Era comum vê-lo ajoelhado na capela do castelo. Como forma de penitência e reparação de seus erros, passara a se interessar vivamente pelos pobres da região.

Como o barão era muito rico, seu arrependimento cedo frutificou em significativa melhora na vida da população circunvizinha. Casas eram reformadas, órfãos e viúvas eram cuidados. Os trabalhadores e rendeiros passaram a receber um retorno mais significativo por sua labuta.

O castelo e suas cercanias tornaram-se um local abençoado, embora isso não produzisse paz no torturado barão. Para desconforto dele, o conde André se interessou pelas boas obras cuja notícia lhe chegara.

Embora o desgosto que a presença do nobre vizinho lhe causava, Antônio entendeu que era mais uma forma de se penitenciar e permitiu que a intimidade entre os dois crescesse. Sob o amparo daqueles dois nobres, muita coisa boa foi feita. Assim, de coisas ruins, o bem surgiu em larga escala.

Antônio sofria com a intimidade que desenvolvera com André, que costumava lhe fazer confidências, lembrando a esposa falecida. Por vezes, o conde chorava ao relatar que Irene estava grávida quando morrera e de como tudo fora desolador para ele na ocasião.

Acontecia de Antônio ficar com os olhos marejados de lágrimas durante esses relatos. Então, André se imaginava diante de um amigo realmente querido, que partilhava sua dor até às lágrimas. Mais de uma vez, ele se levantara, cheio de gratidão, para abraçar o antigo amante de sua esposa, sem sequer suspeitar da razão das lágrimas que ele vertia.

Quanto a Jonas, era um artista consumado, mas também terrivelmente dissimulado e venal. Mentia descaradamente, ouvia atrás das portas, fazia intrigas e tinha encontros furtivos com mulheres casadas.

Era sedutor, mas ninguém gostava realmente dele. Era só uma questão de conviver um pouco para logo se decepcionar. Sua presença era divertida, inclusive pela forma maldosa como se referia aos ausentes. Mas a maldade cansa logo, e assim Jonas era uma presença cansativa. Embora já fosse um homem feito, continuava solteiro e profundamente imaturo.

Infelizmente, o previsível certa feita ocorreu. Um marido suspeitou de que algo estranho se dava entre a própria mulher e o cantor do castelo.

O homem, um rendeiro, simulou uma viagem de vários dias e se afastou de casa. Mas não foi longe e na primeira noite permaneceu vigiando as cercanias de sua residência. Não demorou a ver a figura inconfundível de Jonas entrando furtivamente pela janela de seu quarto.

Sabedor de que o cantor era protegido do barão e sem vontade de se indispor com o poderoso nobre, esperou pacientemente que o interlúdio amoroso terminasse e que Jonas tomasse o caminho da própria casa.

Ao fazer isso, ele precisava passar por um pequeno bosque. Jonas ia assoviando quando sentiu um violento golpe no pescoço. Não teve tempo de esboçar qualquer reação: apenas caiu no chão com o sangue correndo aos borbotões de sua garganta aberta. Sua última visão foi a do marido traído, que o mirava com ira, enquanto lhe desfechava inúmeros golpes de foice.

Ninguém ignorava os costumes de Jonas, de modo que sua morte naquelas circunstâncias não causou muita surpresa.

Antônio, contudo, viu aumentar seu remorso, pois entendia, e com razão, que o período em que Jonas ficara moralmente abandonado, cuidado apenas por uma criada que não o amava, fora definitivo para a deformação do caráter dele.

Dentro de mais alguns anos, sempre envolto em penitências e atitudes de benemerência, Antônio faleceu em sua própria cama. Mais ou menos na mesma época, o conde André igualmente deixou o palco do mundo.

Num passado mais remoto

Eu a tudo assisti em uma posição privilegiada, observando as interações das vidas daquelas pessoas, com acesso a seus pensamentos, sentimentos e sonhos.

Contudo, ao terminar minha leitura do éter cósmico, não estou satisfeito.

Compreendi bastante e me inteirei do que ocorreu com a doce Matilde, a menina por quem me apaixonara na juventude.

Descubro que ela também pensou em mim a vida toda. Se a cavalaria não tivesse passado naquele exato dia em nosso pequeno vilarejo, teríamos firmado compromisso.

Contudo, não era isso o que devia acontecer, a bem de todos nós. Algo trouxera o comandante Arnaldo para junto de nós e o fizera sentir intensa atração por Matilde. Mas o que seria? Quais dramas do passado justificariam aquela junção de seres tão estranhos?

Em mim também ficou a curiosidade sobre os desdobramentos de todas aquelas vidas. Percebo que preciso sondar mais um pouco o passado, para entender melhor, perquirir as razões de tantos encontros e desencontros.

Também necessitarei devassar o que ocorreu após a tumultuada existência em que o comandante manteve Matilde como concubina, em um misto de desejo, desconfianças, ciúmes e mágoas.

Sim, é preciso avançar mais em minhas pesquisas.

Ao tomar essa resolução, experimento um penoso estremeamento. Temo desenterrar experiências dolorosas que me envolvem, trazê-las à tona, levá-las a público. Não é covardia que me domina, mas pudor. Eu revelarei o passado de Matilde e, conseqüentemente, também o meu. Mas é preciso. A história deve ser contada.

Então, mais uma vez eu foco o olhar no infinito, lanço minha percepção para a imensidão. Minha mente se esvazia, todo o meu ser vibra de uma forma diferente, enquanto o tempo recua ante meus olhos.

Noto o tempo retroceder, acompanho as eras se deslocando em sentido contrário

à da marcha do relógio. Vou guiado por minha intuição e de repente sinto que encontro o que procuro. É o momento de analisar o que ocorre. Onde estou?

À minha frente, há uma caravana que segue pelo deserto, levando mercadorias. Ela é chefiada por um senhor um tanto idoso, de nome Macabé. Rapidamente, vejo nele a figura de Arnaldo. Receio me confundir com muitos nomes e tomo a resolução: apresentarei os personagens pelos nomes que tiveram na existência que já narrei. Tomada essa decisão, inteiro-me das ocorrências.

Arnaldo era um rico comerciante, cuja esposa e filhos morreram em razão da peste. Ele se cercava de seus netos, dois rapazes e uma moça, todos muito jovens.

Costumava fazer sozinho aquelas viagens. Então, deixava a família a cargo de um casal de administradores de sua confiança, que moravam em sua própria casa e tinham uma filha chamada Matilde.

Esta era bonita e ambiciosa. Comprometera-se secretamente com um jovem empregado de Arnaldo, um rapaz sem ambições chamado Bernardo. Ela gostava muito do moço, mas hesitava em tornar público seu vínculo com ele. Cobiçava as riquezas do patrão, em especial as vestes e as joias de sua neta, a pequena Irene, que contava apenas 14 anos e era muito mimada e inconsequente.

Irene adorava se desfazer de Matilde, talvez por se saber menos bela do que ela. Afrontava-a com sua riqueza, tratava de humilhá-la. Fez com que o avô destinasse a filha dos intendentos como sua serva particular, a fim de melhor poder espicaçá-la.

Matilde vivia ressentida por ser o tempo todo desprezada. Ardia de inveja do que Irene possuía e se sentia injustiçada. Embora amasse Bernardo, agastava-se profundamente com a sua simplicidade e falta de ambição.

Ela se irritava, tentava fazer com que ele tramasse algo para ficar rico. No fundo, Matilde desejava um modo fácil de enriquecer, e ficava brava por nunca convencer Bernardo a elaborar algum estratagema com ela.

Sempre que começava a falar nas riquezas do patrão, em como eram exageradas, que eles próprios nada tinham, embora trabalhassem muito, Bernardo contrariava suas intenções.

– Matilde, crê que todas essas riquezas podem nos fazer felizes de algum modo? Pegar o que é dos outros nunca dá certo. Mesmo os donos legítimos do dinheiro nem sempre são felizes. Veja o senhor Arnaldo. Ele perdeu a esposa e os filhos. Tem apenas os netos, que parecem gostar mais do que ele tem do que dele próprio. Vive viajando e se desgastando.

– Você é um conformado mesmo! Não pensa em nós, em nosso futuro?

– Claro que penso. Meu maior desejo é que nos casemos logo. Temos tudo o de que necessitamos. Nunca nos faltará nada, nem a nossos filhos. O patrão gosta de seus pais, gosta também de mim. Podemos ter por certas nossas colocações.

– Não acredito que quer ser subordinado para sempre!

– Não há mal algum em trabalhar. Acha que se vivermos enlouquecidos por ter muitas coisas, e também com medo de perdê-las, isso nos dará alguma satisfação?

– Bernardo, você me irrita muito com essa disposição de ser pobre sem nem tentar enriquecer!

– Que pena, Matilde. A riqueza que quero é uma família com você.

A conversa entre eles, quando enveredava por esse tema, sempre terminava mal.

A cada dia, Matilde ficava mais invejosa e ressentida.

Quando a caravana voltou na tarde de certo dia, todos os servos do comerciante foram ajudar a descarregar as mercadorias, que eram mesmo muito ricas. Ao ver tantos tapetes, joias, perfumes e jarros, os olhos de Matilde brilhavam de cobiça e despeito por aquilo não lhe pertencer.

Bernardo havia falado a verdade, ao mencionar que os netos de Arnaldo não gostavam dele. Aliás, os três jovens primavam em desprezar seu avô, que nem era tão velho assim.

Este era bastante libertino e gostava de noitadas, mas cuidava de manter as aparências. Entendia que uma má reputação poderia prejudicar seus negócios.

Em suas viagens, frequentava locais escusos e cultivava inúmeros vícios. Mesmo

na cidade em que mantinha seu principal entreposto comercial, visitava lugares de má fama, mas de forma discreta. É que Arnaldo amava o dinheiro, o luxo e o conforto, e isso tudo dependia muito de sua reputação de homem confiável. Mas era essencialmente sozinho.

Naquela noite, resolveu ficar no jardim interno da propriedade, na porta de seu quarto. Pensava na vida e tinha dificuldade em conciliar o sono. Matilde também tinha dificuldade para dormir, ardendo de despeito por ter visto os presentes que Irene havia ganhado. Saiu para tomar ar fresco no jardim, e ver se conseguia se acalmar. De repente, os olhares de ambos se cruzaram e ela se aproximou respeitosamente para conversar.

– Boa noite, patrão.

– Boa noite, menina. O que faz aqui fora a esta hora?

– Não conseguia dormir. Pensava na vida.

– O que há tanto para pensar em sua idade? Deve ter apenas sonhos e nenhuma desilusão.

– O problema é quando não vemos modo de concretizar nossos sonhos.

– Também não consigo dormir, pensando na vida. Conte-me seus sonhos, o que a impede de realizá-los. Acaso quer casar e o rapaz eleito não se decide?

– Ah, senhor, dei o azar de me interessar por um moço sem ambição. Temo por meu futuro, caso me case com ele.

– Vejo que é ambiciosa.

– Será um defeito muito grave?

– Não é um defeito. Acho que é uma qualidade. O ponto é o que está disposta a fazer para conseguir o que quer.

– Infelizmente, não há nada que eu possa fazer. O mundo é difícil para as mulheres. As conquistas são todas dos homens. As mulheres apenas partilham do que eles conseguem.

– Não é bem assim, minha criança.

– Ah, senhor, desculpe-me, mas é assim mesmo. O que posso fazer para melhorar de vida?

– O que estaria disposta a fazer?

– O que fosse preciso, senhor!

Neste momento, o comerciante lançou um olhar novo para a figura de Matilde. Nunca reparara muito nela, em sua condição de serva de sua neta e filha do casal de sua confiança. Agora, notava como ela era vivaz, já mulher nas formas, com certo desassossego que lhe poderia ser muito útil.

A jovem registrou aquele olhar, sustentou-o loucamente por um instante, tomada de forte emoção. Em um átimo, a figura de Bernardo lhe veio à mente e ela sentiu vergonha. Sem jeito, despediu-se e foi embora rapidamente.

O experiente comerciante notou a emoção da moça, que ela se abalara com algo que não fora dito, mas ambos perceberam: ele poderia facilitar-lhe muito a vida, desde que ela também lhe facilitasse as coisas.

Sorrindo maliciosamente, entendeu que poderia ter diversão muito interessante pela frente. Apenas precisaria ser cuidadoso para não causar escândalo nem desgostar seu antigo empregado de confiança.

A partir desse dia, Matilde ficou mais e mais perturbada. Ela entendeu que podia conseguir os luxos que tanto cobiçava e que o preço seria a própria dignidade.

Inveja, ambição

Por algumas semanas, Matilde evitou cruzar com Arnoldo, buscando se tornar invisível. Contudo, seu íntimo estava tumultuado. Ela mirava as coisas que Irene possuía, suas roupas e joias, seus perfumes e adornos variados, e ardia de cobiça. Um freio nisso tudo era a presença de Bernardo, a quem amava sincera e ternamente.

Mas a moça pouco a pouco tomava raiva do rapaz. Entendia que este a encaminhava para a perdição, pela forma tranquila com a qual lidava com a pobreza.

Aliás, pobreza não era exatamente o termo. O rapaz gozava da confiança do comerciante e vivia com tranquilidade. Seu pai havia sido amigo de Arnoldo na juventude. O moço ficara órfão na mesma época em que a esposa e os filhos do comerciante morreram, em decorrência da peste que varrera a comunidade.

Sem herança, ele ficara imensamente grato por ter sido aceito no serviço de Arnoldo. Continuava a morar na casa de seus pais, onde residia sozinho, esperando que Matilde o autorizasse a pedir sua mão.

Ocorre que a moça não conseguia se decidir. Ao tempo em que amava Bernardo, tinha-lhe também certo desprezo por seus gostos simples e suas ideias que reputava conformadas demais. Ela era um mar de contradições em relação a ele e ficava triste por isso.

Quando se lembrava do olhar sereno de seu enamorado, seu coração ficava pequeno. Mas também se entristecia ao pensar na casa velha em que ele residia, em como se contentava com pouco.

A coisa ia nesse pé quando se aproximou a festa dos 15 anos de Irene. O evento programado seria grandioso e implicaria a abertura das portas da vasta vivenda para convidados ilustres, figuras importantes da sociedade, com quem Arnoldo queria manter e aprofundar contato.

Toda a criadagem foi colocada para trabalhar na preparação da festa, o que incluía Matilde. Esta ardia de despeito ao ver Irene experimentando vestidos, fazendo-a palpitar sobre joias, sempre com um ar de desdém. Frequentemente, a neta de Arnoldo fazia comentários em tom jocoso, para provocar a serva.

– Ah, Matilde, você não imagina a angústia que é ter de escolher um vestido só entre tantos que meu avô colocou a minha disposição. A costureira a cada dia traz algo novo, uma ideia diferente e eu não consigo decidir. Você tem sorte em não precisar se incomodar com isso, pois se veste sempre do mesmo jeito.

Matilde bufava de ódio, mas não podia fazer nada. A coisa ia naquela toada, com a moça mais e mais invejosa e ardendo de cobiça. Finalmente, o grande dia chegou e a festa foi mesmo estrondosa. Arnaldo queria mostrar sua condição de homem rico e não economizou na noitada.

A Matilde estava reservado um papel bem modesto, ajudando as pessoas a acomodar suas roupas mais pesadas quando chegavam, pois era um período de bastante frio.

Ela se roía de inveja ao ver Irene cintilante de joias e ricamente vestida, enquanto ela própria tinha de receber a quem chegava. Não conseguia disfarçar seu mau humor e fazia um papel um tanto ridículo, com tanto despeito. A certa altura, viu Bernardo ajudando a cuidar dos cavalos, com o semblante tranquilo e feliz, e ficou furiosa.

Ele não precisava fazer aquilo. Costumava lidar com as contas dos negócios, mas quisera ajudar, e o papel que lhe restara fora auxiliar a encaminhar e organizar os meios de transporte de quem chegava, para que a entrada da casa não ficasse tumultuada.

Ao observar a tranquilidade de Bernardo, entendeu que ele sempre seria pobre e feliz com isso. Também compreendeu que não suportaria passar a vida naquela situação. Amava o rapaz e queria se casar com ele. Mas, para que tivessem conforto, ela é que precisaria acertar a situação material.

Com aquele pensamento em mente, varreu o salão com o olhar e deparou-se com Arnaldo mirando-a de não muito longe. Decidida, sustentou aquele olhar com ousadia. Eles ficaram um tempo significativo em um entendimento mútuo, até que ele fez um sinal com a cabeça, que ela confirmou. Estava decidido: ela seria amante do comerciante maduro, movida por ambição, inveja e despeito.

A festa avançou noite adentro e quando terminou, todos estavam cansados. O dia seguinte seria de descanso. Matilde foi dormir quando o dia amanhecia, tomada de sentimentos estranhos. Estava convicta do que faria, embora uma voz lhe segredasse no fundo de sua consciência de que era um passo irremediável, que

lhe custaria muito caro.

Ela acordou no meio da tarde e ficou na área reservada a sua família, evitando se expor. Sabia que correria importante risco e que ninguém poderia descobrir o que estava para acontecer. Especialmente Irene, que não hesitaria em perdê-la no conceito de todos.

A noite ia avançada e o silêncio indicava que ninguém mais velava, com exceção dos vigilantes das entradas, quando Matilde se esgueirou para o jardim interno da vasta vivenda.

A porta do quarto de Arnaldo estava aberta e uma luz suave dele saía, indicando que o comerciante estava acordado. De forma bem cautelosa, Matilde se aproximou da porta e ficou visível para o homem que se encontrava calmamente sentado em uma confortável cadeira.

Ele sorriu ao vê-la e lhe fez um sinal para que entrasse no quarto. A moça havia pensado o dia todo e estava decidida, de modo que não hesitou. Arnaldo a recebeu ofertando um rico xale, promessa de muitos outros presentes. Envolveu Matilde com ele, e a moça sentiu alegria com a maciez da peça. Estava se vendendo por luxo, mas havia se convencido de que agia para garantir o conforto da família que constituiria em breve com Bernardo.

Seu plano era manter o romance escuso até que conseguisse bens suficientes para viver com folga. Contava fazer com que Arnaldo fosse muito generoso. Há um tempo, compreendera que ele era essencialmente sozinho. Os netos o desrespeitavam muito e ele se mantinha distante de todos. Não sabia que isso decorria em parte dos muitos vícios que o homem cultivava e queria manter ocultos.

Assim, Matilde, envolvida em um rico xale, permitiu-se abraçar pelo pervertido comerciante, que rapidamente a conduziu ao leito. Em um átimo, veio-lhe à mente a figura de Bernardo, e ela experimentou um fundo arrependimento. Mas era tarde demais, pois não poderia sair da situação sem promover um escândalo. Quando algumas horas depois Matilde se esgueirou para fora do quarto, já era a amante de seu patrão.

A partir desse dia, a vida de Matilde ficou aparentemente mais fácil. Ela foi retirada da condição de serva pessoal de Irene e passou a ficar à disposição de Arnaldo, sem fazer praticamente nada.

Irene não gostou da novidade, mas teve de se conformar. Com isso, perdeu a chance de infernizar a vida da serva, cuja beleza invejava. Como sua nova auxiliar era desgraciosa, não achava encanto em persegui-la, de modo que passou a experimentar um vazio em sua vida.

Este vazio ela o encheu com um novo hábito: começou a flertar com vários rapazes ao mesmo tempo. Discretamente, claro, pois, embora não respeitasse seu avô, sabia que ele não era de fácil trato. Já o tinha visto punir alguns serviçais de modo cruel e não queria ficar em situação semelhante.

Dissimuladamente, ela fazia jogos de sedução, mantendo vários pretendentes ao mesmo tempo. Era um jogo perigoso aquele, que colocava em risco sua reputação, mas ela não tinha mesmo juízo.

Quanto a Matilde, começou a ganhar mais e mais presentes caros, que tinha dificuldade para esconder. Para facilitar sua vida, Arnaldo sugeriu ao pai da moça que ela, que já estava crescida, passasse a ocupar um aposento maior da ampla vivenda.

O homem estranhou um pouco a oferta, mas não tinha razão para desconfiar e anuiu. Ingenuamente, entendeu que sua filha estava fazendo um bom trabalho e que o comerciante desejava demonstrar seu apreço por ela.

Sabedor de que nunca poderia providenciar um dote para a moça, pois sua condição não permitia, em seu coração passou a acalentar a esperança de que Arnaldo fizesse isso por ele.

Antônio era um homem sóbrio e preocupado com a própria família. Sua esposa, chamada Angélica, era mais ambiciosa. A mãe de Matilde não demorou para notar que ela ganhava ricos presentes do patrão. Esperta, compreendeu o que se passava, mas não quis comentar com seu esposo.

Sabedora de que a filha era enamorada de Bernardo, vislumbrou que Matilde teria o mesmo destino dela: uma vida pobre e sem graça. Em vez de se preocupar com a honra da filha, ficou feliz ao percebê-la esperta e decidida. Um dia, abordou o tema com Matilde, que ficou com as faces afogueadas e quis dissimular, cheia de pavor.

– Não fique assim, filha. Não estou recriminando você. Acho que faz bem em aproveitar sua mocidade e sua formosura para garantir o futuro. Beleza e

juventude passam, mas o dinheiro pode durar para sempre. Apenas cuide para que seu pai nunca desconfie de nada. Ele não entenderia. É muito cioso do bom nome da família, embora não se preocupe muito com nosso futuro.

Assim, as duas se fizeram cúmplices na falta de vergonha.

Matilde passou a ficar constrangida perto de Bernardo. Era comum recusar-se a se encontrar com ele. É que ficava profundamente envergonhada ao mirar os olhos cândidos do rapaz, de um azul límpido. Ele não tinha maldade, apenas queria que ela o autorizasse a contratar logo o casamento.

Matilde dizia que era prematuro, que precisavam pensar no futuro, economizar alguma coisa antes de se casarem. Depois, viriam os filhos, as despesas abundariam e viveriam para sempre envoltos em dívidas.

– Credo, Matilde, você só pensa em dinheiro. Eu tenho a casa que herdei de meus pais. É velha, mas ampla, sólida. Podemos viver bem lá. Posso sustentar nossa família com dignidade. Não precisamos de muita coisa, não somos importantes. Nossa riqueza será nosso afeto, nossa alegria e nossos filhos. Case-se comigo, Matilde. Não tenha medo do futuro ao meu lado.

A moça se agastava com a simplicidade dele e também se sentia uma devassa ao lembrar todas as experiências que vinha tendo no leito do comerciante. Este era um pervertido, que sempre gostara de frequentar bordéis, especialmente os que contavam com pessoas jovens, homens e mulheres.

Chantagem, desprezo e dor

Lentamente aquele convívio foi-se tornando mais e mais pesado para Matilde, que adoeceu de desgosto. Precisou ficar alguns dias recolhida ao leito, tomada do mais fundo arrependimento. Finalmente, convenceu-se de que fizera algo muito errado. Contudo, ao mirar as riquezas que agora tinha, as joias que ficavam escondidas nos cômodos do quarto que ocupava, ficava dividida. Ela gostava de dinheiro.

Foi nesses dias que Matilde percebeu algo estranho e ficou apavorada: estava grávida de Arnaldo.

Quanto a este, sempre fora um solitário. Fingia-se de gregário, comparecia a festas, sempre envolto em respeitabilidade. Mas não passava de fachada. Nunca fora realmente feliz no casamento, que realizara por interesse. Mantinha um bom relacionamento com a esposa e os três filhos, mas estes morreram todos de repente.

Sem gozar do afeto dos netos, de quem também não gostava realmente, sua vida se resumia em manter as aparências, frequentar locais escusos e ficar sozinho nas longas noites.

O convívio com Matilde, que começara de modo inconsequente, lentamente o transformava. Ele apreciava a companhia da moça, gostava de vencer as resistências dela, de pervertê-la. Mas gradualmente desenvolvia um afeto que mais e mais se aprofundava.

A partir de dado momento, cessou suas perversões com ela, a quem passou a tratar com o maior carinho. Ele começava a pensar em desposá-la. A moça era bonita, agradável e muito ambiciosa. Achava que ela gostaria de ser a esposa de um homem rico. Apenas havia o problema daquele namorado, cuja identidade já descobrira.

Mais de uma vez os vira conversando, ela sempre com ar entre agastado e constrangido. Ele gostava de Bernardo, a quem conhecia desde o berço. Mas era profundamente egoísta. Se necessário, mandaria matar o rapaz, sem quaisquer escrúpulos, para que saísse de seu caminho. Ou talvez o encarregasse de algum entreposto distante. Sabia que o moço era confiável e cumpriria escrupulosamente qualquer tarefa de que o encarregasse.

Havia algo a mais naquele complicado tabuleiro. Era Irene, que desde há um tempo começara a desconfiar de que havia algo entre seu avô e Matilde. Sempre muito rancorosa, temia que eventual vínculo se tornasse oficial, o que a faria ter de obedecer a Matilde. Resolveu começar a vigiar a serva.

Foi exatamente quando ela tomou essa resolução, a de syndicar a vida da amante de Arnolde, que esta adoeceu e compreendeu que estava grávida. Sem saber o que fazer, ela se confiou à própria mãe.

– Filha, isso pode ser muito bom para nós!

– A senhora enlouqueceu? Vou ser mãe de um bastardo. Papai irá me matar. Periga ele também matar o pobre Bernardo, achando que o filho é dele.

– Não precisa ser uma desgraça. A criança é filha de um homem rico, que pode instalá-la ricamente e mantê-la com discrição. Seu pai acabará se conformando.

– E Bernardo?

– Bernardo é um fracassado. Será uma sorte sua livrar-se dele.

– Mamãe, eu amo Bernardo sinceramente. Quero me casar com ele.

– Ama mesmo? Então, o que faz toda noite no leito do senhor Arnolde?

– A senhora sabe que eu estava cuidando de meu futuro.

– Sim, e agora seu futuro pode estar garantido. Tem de contar para o patrão que espera um filho dele. Como perdeu todos os que tinha, há de ficar feliz.

Matilde estava sem saber o que fazer e começou a soluçar desesperadamente. Não sabia que Irene ouvia tudo do lado de fora do aposento, sob o pretexto de ajeitar algumas flores.

A moça doidivanas ouviu aquilo e ficou imensamente temerosa quanto aos reflexos que aquela gravidez poderia ter em sua vida. Prestara atenção em tudo, no temor de Matilde, na esperança de Angélica de que surgisse um vínculo mais profundo. Em verdade, ela temia que seu avô se encantasse à ideia de ter um filho e decidisse desposar Matilde.

Inclusive, Arnaldo recentemente havia falado algo a respeito de que a solidão lhe pesava e que não era tão velho assim.

Irene foi para seu quarto e ali ficou pensando sobre o que fazer. Entendia que a notícia daquela gravidez seria péssima para ela, que talvez tivesse de suportar Matilde como a dona da casa.

Gradualmente, veio-lhe à mente a ideia de que precisava dar um jeito de fazer Matilde interromper a gestação. Ela própria já havia feito isso uma vez, pois a cada vez mais se permitia intimidades com vários pretendentes. Apavorada de que seu avô descobrisse o que ocorria, pagara a peso de ouro por uma beberagem feita por uma espécie de curandeira.

No dia seguinte, bem cedo, decidida, pôs-se a caminho da casa da tal curandeira, a fim de conseguir o meio de matar o filho por nascer de Matilde.

Ficou o dia todo matutando em seu quarto sobre como agir, segura de que precisava pressionar Matilde enquanto ela não se decidia a contar a mais ninguém sobre a gestação.

Quando anoiteceu, encaminhou-se para o quarto da moça, sob o pretexto de visitá-la. Bateu à porta, nem esperou autorização e já entrou, para deixar claro que mandava no local. Matilde estava deitada, com lágrimas escorrendo pelo rosto, e recebeu com desagrado aquela intromissão em sua intimidade.

– Está triste, querida Matilde! Não creio que sua doença seja tão grave assim. Seguramente, haverá de melhorar em breve.

– O que deseja?

– Desejo ter uma conversa com você. Algo só entre nós duas.

Matilde não gostou do tom maldoso de Irene, mas não havia nada que pudesse fazer. Esperou que ela falasse.

– Tem passado muito mal?

– Sim, como pode ver. Estou bastante fraca.

– É normal em seu estado.

O terror se espelhou na face de Matilde.

– Sim, eu sei que está esperando um filho de meu avô. Ontem eu ouvi sem querer a conversa que teve com sua mãe.

Matilde não sabia o que falar.

– Pensei em contar para Bernardo e para seu pai. Os pobres precisam saber o que ocorre. Fiquei chocada com tamanha libertinagem acontecendo aqui em casa.

– Por favor, não faça isso!

– Talvez seja melhor mesmo que ninguém saiba de nada. Essa criança seria uma desgraça na vida de todos. Então, resolvi ajudá-la.

– Como?

– Trouxe-lhe esta beberagem. Basta que a tome, e pela manhã a coisa já deve estar bem encaminhada.

– Está louca! Quer que eu mate meu filho?

– Que opção você tem? Disse amar Bernardo e está esperando uma criança de meu avô. Se seu pai souber, haverá de querer matar ou Bernardo ou meu avô. Não há solução melhor do que a que lhe proponho.

– Não posso fazer isso. É pecado!

– E a luxúria não é um pecado também? Mentir para seu prometido, para seu pai, para todos nós?

– Não posso. Não consigo fazer isso.

Matilde começou a chorar convulsivamente. Irene se abeirou da cama e fez um gesto de aproximação, como se quisesse abraçar a enferma. Matilde a empurrou com violência, tomada de uma forte onda de repulsa.

– Vamos, Matilde! Sabe que não tem opção.

– Vou pensar, achar uma solução.

– Isso precisa ser resolvido logo. E a única solução possível é a beberagem que lhe oferto.

– Não posso, não quero!

– Então, sairei daqui e agora mesmo irei contar a seu pai tudo o que ouvi da conversa que teve com sua mãe. Amanhã cedo, falarei com Bernardo. Serei rica em detalhes, para que todos saibam quem é você. Aliás, há muita riqueza em seu quarto. Vende-se caro para meu avô. É mesmo uma meretriz de luxo, pelo que vejo.

– Por favor, não faça isso comigo.

– Matilde, sempre a detestei. Era meu instinto avisando de que você não prestava. Agora, tudo está confirmado. É uma sem-vergonha. Mas saiba que poderá contar com minha discrição, desde que beba isso. Agora!

– Não posso!

– É simples. Ou bebe ou vou chamar seu pai e sua mãe para conversarmos sobre seu estado. O que decide?

Matilde tinha muito medo de seu pai, e mais ainda se apavorava com a ideia de Bernardo saber o que fizera. Ela soluçou longamente, pressionada e sob o olhar cruel de Irene, que lhe ofertava a bebida.

Finalmente, pareceu tomar uma decisão. Não poderia mesmo enfrentar seu pai e Bernardo. Sentou-se na beirada da cama e Irene se aproximou e sentou junto dela. Apanhou a garrafa, soluçou sentidamente e, de um trago só, tomou todo o conteúdo.

Irene mantinha no rosto um sorriso satisfeito e maldoso, contente por sua chantagem ter dado resultado. Ainda ficou mais algum tempo no aposento, para ter certeza de que Matilde não vomitaria o veneno. Apenas quando a madrugada se iniciava que se retirou, cantarolando baixinho.

Quanto a Matilde, permaneceu ali, chorosa e profundamente arrependida de sua leviandade, que estava custando tão caro. Sabia que Irene não pararia com a chantagem, que sua vida se tornaria um inferno. Não conseguiu dormir, e logo começaram as cólicas, que a torturaram pelo resto da noite. Quando o dia

amanheceu, seu filho já estava morto.

Havia prometido a Irene não contar sobre o ocorrido a sua mãe, e tinha mesmo vergonha de ter matado o próprio filho. Ademais, sabia que Angélica a acharia covarde e ficaria brava com ela.

Quando a mãe de Matilde apareceu no ambiente, deparou-se com a filha exangue e logo entendeu o que havia ocorrido. Lamentou profundamente, mas consolou a moça de um jeito estranho, afirmando que com sorte logo estaria grávida de novo.

Nenhuma afirmação poderia ter sido mais torturante para Matilde. Era como se a mãe lhe rogasse uma praga. Ela esperava encontrar um modo de se livrar de Arnaldo e de se ligar a Bernardo o quanto antes. Mas o velho comerciante seria fácil de dispensar? Ela sabia que não. Passara a conhecê-lo melhor, notara quão orgulhoso era, como sabia ser cruel. E também observara que ele a tratava a cada dia mais com carinho e paixão, como se tivesse desenvolvido uma necessidade profunda de sua presença. Com tudo aquilo na mente, Matilde chorou o resto do dia.

No final da tarde, novamente bateram à porta do quarto de Matilde. Ela mandou entrar e logo se deparou com o semblante de Bernardo. O rapaz tinha seu costumeiro olhar límpido, indicativo de uma consciência tranquila, mas parecia um pouco ansioso.

– Querida Matilde, como você está?

– Ah, Bernardo...

Ela começou a soluçar sentidamente, e o moço não sabia o que fazer.

– Está com muitas dores?

Após um tempo relativamente longo, a moça conseguiu se controlar e tratou de tranquilizar o rapaz.

– Não estou com dores. Apenas estou triste, mas sua visita me alegra.

– Não se preocupe por eu estar aqui sozinho. Deixei a porta aberta e vou me sentar em lugar bem visível. Além de tudo, pedi permissão a seu pai para ter essa

conversa com você.

Vendo como o jovem se preocupava com sua reputação, Matilde se sentiu ainda pior.

– Você parece um pouco nervoso.

– Estou, realmente, mas é porque penso ter chegado a hora de definirmos nosso destino, Matilde!

Imensamente temerosa de que ele soubesse algo de sua conduta vergonhosa, ela empalideceu. Mas Bernardo não notou isso, pois tinha ensaiado um discurso.

– Você sempre mostra preocupação com nosso futuro, pela minha pobreza. Mas aconteceu algo muito bom: o patrão acaba de me encarregar de seu entreposto mais distante, que está enfrentando alguns problemas. Devo me mudar em breve e assumir as responsabilidades dos negócios de lá. É uma excelente oportunidade para nós dois. Meus ganhos aumentarão, mas também ficarei longe de tudo e de todos. Pensei que você poderia ir comigo, para iniciarmos nossa família. Seu pai concordou com nosso casamento...

O rapaz estranhou o silêncio da moça.

– Está tão quieta! Não gostou da ideia, o que me diz?

Matilde começou a chorar, sem saber o que dizer.

– Querida, eu não sou rico, mas sou trabalhador. O patrão confia em mim, tanto que me encarrega de um entreposto grande, importante e longínquo, sobre o qual ele não consegue ter o devido controle. Case-se comigo e prometo que nunca deixarei faltar nada a você e a nossos filhos.

– Bernardo, eu não sei o que dizer.

– O que a faz hesitar, Matilde? Sente que não me ama o bastante para ser minha esposa? Pensa que a vida comigo, em um local longínquo, será monótona?

Na verdade, a ideia parecia maravilhosa a Matilde, que já estava bem desencantada com os resultados de sua ganância e de sua libertinagem. Mas temia o que Arnaldo faria quando confrontado com a notícia de seu

compromisso formal com Bernardo. E se ele se revoltasse e contasse o ocorrido para todo mundo? Se fizesse um discurso na própria festa de casamento? Sabia que o comerciante era cruel e vingativo.

– Bernardo, a ideia parece maravilhosa. Apenas você me pegou de surpresa. Estou abalada nesses dias, triste e chorosa. Deixe-me refletir um pouco.

– Tudo bem, mas não demore muito. Vou começar os preparativos de minha mudança e preciso saber se irei só ou se você me acompanhará. Para mim, é a diferença entre partir para o inferno ou para o paraíso.

A moça sorriu tristemente e ficou ouvindo os planos do rapaz, tudo o que ele pretendia construir para o futuro deles. Sabedor de que Matilde se preocupava muito com dinheiro, Bernardo mostrava alguma ansiedade em descrever como seriam seus ganhos.

Matilde se sentia imensamente envergonhada da situação, ao notar como sua ganância tornava inseguro o homem a quem amava. No correr da conversa, ela tomou uma decisão: contaria a Arnaldo que recebera uma proposta de casamento de Bernardo e que pretendia aceitá-la. Talvez ele lhe tivesse real carinho e quisesse que fosse feliz.

Aqueles pensamentos lograram desanuviar seu semblante e ela conseguiu parecer entusiasmada com a vida com a qual Bernardo lhe acenava. Ao sair dali, o rapaz ia com o coração cantando de alegria. Já Matilde foi ficando mais e mais tensa, sabedora de que enfrentaria uma batalha junto a Arnaldo.

A coisa se desenrolou naquela noite mesmo. Quando tudo ficou quieto, em sinal de que todos já estavam recolhidos, a porta do quarto de Matilde se abriu para deixar entrar o rico comerciante. Cansada das emoções do dia, Matilde dormia. Ele acendeu algumas velas, iluminou o aposento e ficou mirando com ternura o semblante da moça.

Entendia estar preparando o terreno para tomá-la por esposa, ou ao menos por concubina, e começara por afastar para sempre o rapaz com quem ela parecia manter um vínculo ingênuo, mas irritante. Após um tempo, ele a acordou, pois sentia muita falta das conversas que costumavam ter nas madrugadas.

– Matilde, Matilde!

A moça levou um susto ao se deparar com o rosto daquele homem maduro perto do seu. Ele lhe sorriu com gentileza e agrado e ela a custo conteve um estremecimento. É que comparou aquele rosto marcado com o semblante juvenil e inocente de Bernardo. Mais uma vez, lamentou a loucura que a fizera se tornar amante de Arnaldo.

– Não se assuste, querida. Vim ver como você está.

– Estou bem, senhor. Se meu pai o apanhar aqui dentro, estaremos perdidos.

– Não se preocupe, pois todos dormem. Eu me certifiquei disso, antes de entrar. Está melhor?

– Sim, apenas um pouco cansada.

– Sinto sua falta.

Ela não soube o que responder a isso, pois a cada dia mais abominava a presença do comerciante, que a fazia ciente de sua falta de dignidade.

Ele se sentou em uma pequena poltrona perto da cama, tomou a mão de Matilde e começou a contar as peripécias de seu dia. O homem realmente se sentia só, solidão que apenas o vínculo que mantinha com ela conseguia amainar.

Após um tempo longo apenas ouvindo, ela conseguiu criar coragem para tocar no assunto que a angustiava.

– Senhor, preciso lhe contar uma coisa.

– Conte, querida.

– Primeiro, quero lhe perguntar algo. Mais de uma vez já disse gostar de mim e querer que eu seja feliz. Isso é verdade mesmo?

– Claro que sim. A cada dia gosto mais de você. Aliás, tenho pensado muito em sua felicidade e em um modo de regularizar nossa situação.

Ao ouvir aquilo, Matilde sentiu-se fraquejar. Mas entendeu que disputava a batalha de sua vida e precisava ser forte.

– Senhor, preciso que me ouça sem interromper. Por favor.

Arnoldo assentiu, divertido, imaginando que ela lhe pediria alguma propriedade de valor, disposto de antemão a dar o que sua amante quisesse.

– Senhor, uma vez eu lhe disse que era enamorada de um rapaz pobre e sem ambições. Esse rapaz é Bernardo, que trabalha aqui. Ele me disse que irá embora para longe e pediu para que eu o acompanhe, na qualidade de esposa. Quero ir com ele. Posso contar com sua bênção e com sua permissão?

– Então, era isso? Deseja se livrar de mim, como se eu fosse um carrapato que a está incomodando?

A voz dele era furiosa e Matilde se encolheu no leito.

– Pois lhe afianço que isso nunca ocorrerá! Eu já sabia da identidade de seu apaixonado e por isso é que o estou enviando para longe. Quero que saia de nosso caminho. Não se casará com outro, jamais! A partir do momento em que decidi ser minha, não será de mais ninguém. Isso é inegociável. E lhe adianto uma coisa: se insistir nisso, tratarei de mandar matar esse rapaz tolo e sem ambições. Junto dele, você viverá sempre na pobreza, ao passo que comigo nada lhe faltará.

– Mas, senhor, eu amo Bernardo.

– Você o ama e deita-se comigo há meses! Uma estranha espécie de amor esse. Esqueça. Isso é uma bobagem, uma tolice de juventude.

Matilde ainda tentou firmar posição.

– Senhor, por favor. Desde o princípio eu lhe disse que estava pensando em meu futuro, para depois poder casar.

– Se é casamento que deseja, posso pensar em desposá-la. Se não for o caso, tratarei de instalá-la como minha concubina em uma vasta vivenda. Mas nunca será de outro.

Matilde começou a chorar, o que irritou o comerciante ainda mais.

– Você tem dúvidas de que eu mande matar Bernardo, caso decida se casar com

ele?

– ...

– O que ele pensaria se eu lhe contasse que você se deita comigo por presentes há tanto tempo?

– ...

– Penso ser necessário encerrar essa história de uma vez por todas. Tão logo esteja melhor e consiga sair de seu quarto, terá uma conversa definitiva com o rapaz. Ela se dará em meu escritório, que tem um reposteiro, atrás do qual eu estarei. Irei ouvir o que falarão. Tratará de dispensá-lo sem meias palavras e de modo que ele desista de qualquer projeto em relação a você. Caso isso não ocorra, prometo-lhe que Bernardo não chegará vivo em sua casa no final do dia. Você escolhe, Matilde: ele viverá longe ou morrerá perto de você.

Decidido, Arnaldo se levantou e caminhou para fora do quarto, tomado de uma fúria terrível.

Matilde viveu dias de intensa tortura. Imaginou meios de fugir com Bernardo, mas sabia inexistir escapatória. Se fugissem, seguramente Arnaldo os encontraria e haveria de matar o moço na sua frente, em meio a torturas. Já o vira ser extremamente cruel com servos desonestos, mesmo com alguns muito jovens, que furtaram coisas pequenas, mais por leviandade. Certa feita, horrorizada, ficara sabendo de que ele decepara a mão direita de um rapaz. Ademais, como explicaria para Bernardo a razão da fuga?

Após muito chorar e se lamentar, terminou por aceitar o que lhe parecia inevitável: precisava desistir de seu sonho de amor para que o rapaz continuasse vivo. Jamais poderia viver com a culpa por ter sido a causadora da morte dele.

Alguns dias depois, extremamente pálida, Matilde entrou no escritório de Arnaldo. Este lhe lançou um olhar cruel e decidido.

– Imaginei que nunca tomaria coragem e eu precisaria resolver a situação sem esperar sua decisão. Irá desfazer-se do rapazelho sem vintém?

– Sim, farei como quer.

– Ótimo. Deixe-me aviá-la.

A contragosto, mas sem ter energias para resistir, Matilde permitiu-se enfeitar ricamente. O comerciante a envolveu em um amplo e rico xale e a adornou com joias. Aí, orientou-a:

– Ficarei atrás do reposteiro, ouvindo tudo. Lembre-se: ou ele desiste de você ou morrerá ainda hoje. Faça-o entender que não a merece, que é pobre demais. Seja cruel, pois senão ele poderá permanecer importunando-a. Se eu souber que a procurou mais uma vez sequer, cuidarei para que morra de forma dolorosa.

Dito isso, abriu a porta e falou para um dos jovens servos:

– Avise Bernardo de que Matilde precisa falar urgentemente com ele, aqui em meu gabinete.

Arnoldo se retirou para trás do reposteiro, enquanto Matilde permaneceu em pé, pois estava desassossegada demais para conseguir sentar e ficar quieta. Após um tempo, Bernardo, com um sorriso luminoso no rosto, deu entrada no aposento.

– Por Deus, Matilde, acha que aqui é o melhor lugar para decidirmos os detalhes de nosso casamento?

O sorriso desapareceu do rosto do rapaz e deu lugar a uma imensa perplexidade, quando ela se virou da janela em que mirava o pátio principal da residência. Ricamente vestida, adornada de joias, Matilde tinha um ar gélido, que ao rapaz pareceu o prenúncio de uma desgraça.

– O que faz vestida assim? Onde conseguiu essas joias?

– Bernardo, é o momento de as coisas ficarem claras entre nós.

– ...

– Não posso me casar com você. Não é homem para mim. Tenho gostos caros, que nunca poderá atender.

– Matilde, não diga isso! Eu me esforçarei para lhe dar o melhor que puder, prometo! Haveremos de ser muito felizes.

– O melhor que você pode conseguir é muito pouco para mim. Amo o luxo, joias, perfumes caros, roupas finas. Não posso nem quero ser a esposa de um criado, por melhor colocado que ele se imagine.

– Matilde...

– Vê como estou vestida? Devo isto à generosidade do senhor Arnaldo, que tem cuidado de mim com especial carinho.

O semblante de Bernardo estava devastado enquanto entendia que um abismo intransponível se abria entre ele e a moça que amava. Ao vê-la ricamente vestida, familiarmente instalada no escritório de Arnaldo, compreendeu a natureza do vínculo que havia entre os dois. Sentiu-se inferior, por sua pobreza, por sua falta de traquejo. Seus olhos se encheram de lágrimas, que passaram a lhe rolar pelo rosto, enquanto mirava a moça que amava e que o desprezava.

– Jamais poderia ir embora com você para um longínquo entreposto, para viver longe de todos, sem diversão alguma. Seria o inferno para mim.

– Entendo, Matilde.

– Espero que esteja mesmo entendendo e não volte a me incomodar.

– acredite, jamais ouvirá minha voz novamente. Apenas quero dizer que a amei e ainda amo com ternura. Desde a primeira vez que a vi, pareceu especial para mim e senti que algo nos unia. Mas entendo que precisa de coisas que jamais poderei lhe dar. Espero que seja feliz com sua escolha. Quanto a mim, irei embora o mais rapidamente possível. Se puder, jamais voltarei para cá. Desejo-lhe sinceramente o melhor, Matilde.

Eles trocaram um longo olhar. Ela se esforçando para parecer fria, afetando desprezo pelo rapaz. Já este, com as lágrimas rolando pelo rosto, era o retrato da desolação. Ele fez uma mesura, como se ela realmente fosse uma grande senhora, e se afastou. Fechou a porta com vagar e foi embora.

Após a porta se fechar, Matilde começou a chorar baixinho, para logo romper em soluços cada vez mais fortes. Arnaldo saiu de trás do reposteiro, com um sorriso maldoso no rosto.

– Matilde, você foi perfeita. Parabéns! Creio que o rapaz nunca mais terá

coragem de lhe dirigir a palavra. Estou tão satisfeito com o que fez que nem levarei em conta seu choro. Considero-o apenas como um alívio de tensão. Agora, precisamos falar de nós.

Extremamente exausta, ela lhe lançou um olhar de incompreensão.

– Ainda hoje pretendo falar de nossa situação com seu pai. Tenciono instalá-la em uma casa aqui perto, na qualidade de minha concubina.

Um olhar de terror foi a resposta.

– Não tema. Ficaré perto daqui. É importante que saia de junto de seus pais, para ter mais liberdade e ganhar desenvoltura. Seu pai haverá de entender. Eu lhe explicarei o que ocorre. Antônio é um homem prático, compreenderá as sobejas vantagens que posso oferecer a todos vocês.

– Por favor, não conte a meu pai.

– Isso está fora de questão. Quero acertar nossa situação. Em uma casa apartada daqui, onde irei ter com você toda noite, logo a coisa ficará confortável. Confie em mim.

A moça recomeçou a chorar, tomada de profundo desespero. Mas Arnoldo não lhe deu muita atenção. Estava seguro do que fazia e de que tudo terminaria bem.

Matilde se desfez das pedrarias e do xale, com horror, como se fossem animais peçonhentos. Como uma sonâmbula, dirigiu-se a seu quarto e nele se trancou, morta de medo e de tristeza.

Angélica entendeu que algo ocorria e foi ter com ela. Bateu longamente, chamou a moça de forma incansável, até que ela abriu a porta. Ao ver o semblante devastado, Angélica demonstrou preocupação.

– O senhor Arnoldo desistiu de você?

– Não, mãe, é muito pior.

– O que houve?

Por entre soluços, Matilde explicou o ocorrido para uma Angélica que ia ficando

mais e mais contente à medida que a história se desenrolava.

– Matilde, isso é excelente! Você se livrou definitivamente de Bernardo, que apenas poderia atrasar sua vida. E será instalada ricamente como concubina do patrão.

– Mãe, eu amo Bernardo.

– O amor é uma ilusão. Dinheiro é algo real. Aproveite a situação para tirar muitas coisas do patrão enquanto é jovem. Quando a idade chega para a mulher, os homens costumam se tornar avarentos.

– Mãe, por favor!

– Falo a verdade, ora essa.

– O pai irá me matar!

– Irá nada. Ficaré feliz como eu, acredite.

No fundo, Angélica duvidava de que Antônio realmente ficasse contente. Mas imaginava que ele nada poderia fazer contra o patrão sem colocar em risco a segurança da família toda. Ninguém ignorava a crueldade e a falta de escrúpulos do rico comerciante.

Rusgas antigas

O dia foi bastante atarefado para Arnaldo, que precisou decidir todos os detalhes da ida de Bernardo. Sem falar com ele diretamente, o rapaz mandou um recado de que estava pronto para partir e gostaria de fazê-lo imediatamente.

Tudo ficou acertado para que o moço partisse na madrugada do dia seguinte, com uma pequena caravana destinada a abastecer o longínquo entreposto.

Antônio, encarregado de finalizar os aspectos práticos da empreitada, estranhou o semblante triste do rapaz e imaginou que a filha rejeitara o pedido de casamento. Sempre achara que eles formavam um casal apaixonado, embora Matilde mostrasse algumas reticências quanto à pobreza do jovem. Isso não deixava de incomodá-lo um pouco. Via nisso um retrato de Angélica, sempre preocupada em medir seus bens com os dos outros.

Tentou fazer o rapaz falar, mas não teve muito sucesso e preferiu ser gentil. Compreendeu que ele se afastava por longo tempo, talvez até para sempre, em estado de rompimento com sua filha.

O que ocorreria com Matilde, agora? Aliás, a menina lhe parecia muito estranha nos últimos tempos, sempre nervosa e sobressaltada. Antes ela era mais alegre e espontânea. Pensou em falar com Angélica, mas desistiu, sabedor de que sua esposa não tinha muito juízo e vivia para banalidades.

Foi no começo da noite que Arnaldo lhe disse que precisava falar com ele.

– Patrão, estou sujo de dar medo, envolvi-me diretamente com os preparativos da caravana. Se a conversa for longa, permitirá que eu me asseie um pouco? Estou meio desconfortável até de entrar em seu escritório assim.

– A conversa é importante, mas não é urgente. Banhe-se, alimente-se e depois venha ter comigo. Estarei aqui, esperando você.

Antônio pensou perceber algo de diferente na voz de Arnaldo, mas, como ele se mostrava gentil, imaginou que nada de grave ocorrera.

No jantar, comentou que o patrão desejava lhe falar mais tarde e reparou que Matilde e Angélica pareceram ficar tensas. Em especial a menina, que teve um acesso de tosse e pareceu querer fugir.

Sem imaginar sequer o que ocorria, pensou que a moça estava transtornada pelo término de seu quase compromisso com Bernardo. Talvez já estivesse arrependida! Ah, a juventude e sua inconstância...

Pouco tempo depois, foi um Antônio sereno quem bateu à porta do escritório de Arnaldo. Este o convidou para entrar, aparentando uma tranquilidade que não sentia.

– O que deseja, patrão?

– Há algo importante que precisamos acertar. Mas antes quero que saiba que estou muito contente com seu trabalho e com a presença de sua família aqui. Está comigo há quantos anos?

– Nem sei, senhor. Eu era um rapazinho quando meu pai me colocou a seu serviço. Os anos passaram rápido.

– Está satisfeito?

– Como não estaria, senhor? Eu e minha família vivemos bem aqui. Acaso pretende me enviar para longe?

– Na verdade, quero falar de sua filha.

– O que tem Matilde?

– Tenho pensado a respeito dela e desejo instalá-la em uma casa perto daqui.

– Não precisa. Ela vive bem comigo e com Angélica. Não fica bem uma moça morar sozinha e apartada dos pais.

Nem passou pela cabeça de Antônio qual o real motivo do interesse de Arnaldo.

– Creio que não entendeu. Instalarei Matilde na qualidade de minha concubina.

– O patrão está brincando comigo! Ela tem idade para ser sua neta!

– Mas não é minha neta. Falo sério. O que me diz?

– O patrão vai me desculpar, mas não posso concordar com isso. Criei Matilde com rigor para que seja um exemplo de mulher. Haverá de encontrar um bom

marido e formar família. Penso que ela também jamais concordaria com isso.

– Ela já concordou.

– Isso não tem valor! Eu sou o responsável por ela e não posso permitir que minha filha seja a amante de um homem, ainda que esse homem seja o senhor.

Antônio começava a ficar exaltado, indignado mesmo, sentindo-se desrespeitado. Arnaldo de seu lado também começava a ficar agastado. Achava que seu criado deveria ficar alegre pela perspectiva de que cuidasse da filha dele.

– Antônio, essa conversa está tomando um rumo estranho. Serei claro com você: Matilde é minha amante há vários meses. Apenas vou regularizar a situação.

– Como?

– Sim, ela me visita em meu quarto à noite há muito tempo. Não a forcei a nada, ela veio a mim de boa vontade.

– Mas é uma criança sem juízo. E o senhor tem idade para ser avô dela!

– Matilde não pensa assim. Mas os fatos são estes: ela já é minha amante, queira você ou não. Vou instalá-la ricamente, cuidar do futuro dela. Não há mais possibilidade de que se case com outro. O melhor agora é o que proponho.

– Mas isso é uma indecência. Aproveitou-se da confiança que sempre tive no senhor para seduzir e perder minha filha. É um patife!

– Alto lá! É melhor que se cale antes que seja tarde demais.

– O que fará comigo? Matar-me, cortar minha mão direita, expulsar-me daqui? Pois se for fazer qualquer coisa, recomendo que seja me matar! Do contrário, espalharei aos quatro ventos a história de sua indignidade, de tudo o que faz de estranho, de suas visitas a bordéis. E bordéis vergonhosamente abastecidos com jovens, homens e mulheres. Deixará de ser recebido pelas pessoas de bem da região. Virará um pária.

– Cale-se, idiota! Estou fazendo um favor a sua família. Sua filha já está desonrada, não há recuperação para isso. O ponto é se você continuará vivo ou não.

Os dois bufaram, e Antônio se retirou lançando um olhar de puro ódio para Arnaldo. Encaminhou-se diretamente para o quarto em que Matilde estava fechada e passou a chamá-la em altos brados.

– Matilde, abra esta porta que precisamos conversar! Já sei de tudo o que você anda fazendo! Terá de me explicar isso muito bem!

A moça chorava dentro do quarto e seus soluços podiam ser ouvidos do lado de fora.

– Agora chora, sua perdida! Na hora de nos enxovalhar o nome, certamente não chorou. Vamos, abra!

Angélica, como todos os que habitavam no local, ouviu aquilo. Criados do comerciante começaram a se aproximar para ver o que ocorria. A mãe de Matilde tentou acalmar o marido, sem êxito. Ele lhe lançou um olhar entendido e cheio de raiva.

– Você seguramente sabia o que ocorria, não é mesmo?

– Por Deus, homem, cale-se. Veja o espetáculo que está dando.

Nisso, Antônio notou a quantidade de pessoas que se aproximavam para testemunhar o evento. Começou a gritar:

– Pois é bom que todos presenciem isso, para que deem testemunho e saibam o que ocorre na casa do desavergonhado do Arnaldo! Acreditam que ele me desonrou a filha? Aproveitou-se de minha confiança e da proximidade com ela para pôr a perder uma menina que tem idade para ser neta dele! Cuidem-se todos vocês. Cuidem de suas filhas e esposas. Servimos a um bandido, a um homem sem a menor dignidade.

Um silêncio terrível recebeu aqueles gritos.

– Mas isso não é novidade, não? Ele é mesmo uma pessoa indigna. Vocês sabem que ele frequenta bordéis? E bordéis onde se vendem homens e mulheres jovens? Pois o desgraçado gosta de posar de homem honrado.

Arnaldo ouvia aquilo tudo de seu gabinete, sem ter coragem para enfrentar a situação. Abriu a porta e encarregou um dos homens de sua confiança de colocar

ordem na coisa e fazer Antônio calar.

Não demorou para alguns dos seguranças aparecerem no pátio interno, tomarem Antônio à força e o colocarem para dentro dos aposentos que ocupava com a família. Ali, bateram nele sem piedade, deixando-o desacordado.

Angélica a tudo assistia, aterrorizada. Ela velou pelo sono do marido até ele acordar, em plena madrugada. Pouco a pouco, foi se tomando de profundo arrependimento ao compreender a extensão da conduta que havia incentivado na própria filha. Entendeu que incentivara nela o gosto por bobagens desde muito cedo, o que acabara por perder a todos.

Quando Antônio acordou, demorou um tempo para tomar consciência de sua situação e lembrar-se do ocorrido. Aí lançou um olhar de ódio para a esposa, em si já bastante infeliz e desconfortável com a própria consciência. Sem lhe dirigir a palavra, o homem buscou banhar-se e vestir-se de forma decente. Quando o dia ameaçava nascer, fez menção de sair dos aposentos da família.

– Por Deus, homem, que loucura pretende fazer?

Angélica obteve como resposta apenas um olhar feroz. Sabia que seu marido era um homem orgulhoso, mas apenas agora media a intensidade desse defeito e temia pelo destino de toda a sua família.

Antônio se esgueirou por uma saída próxima para a rua e logo se lançou em uma empreitada difamatória de Arnaldo. Sabia que este não lhe perdoaria o escândalo da noite anterior e não via como os dois poderiam continuar a conviver. Uma coisa era certa: vivia seus últimos dias como assalariado do comerciante. Ou seria colocado para fora ou assassinado.

Decidido, visitou vários parceiros de negócios de Arnaldo e fez-lhes um relato de pai indignado, entremeado de revelações de condutas estranhas que presenciara ao longo do tempo em que servira ao comerciante.

Enquanto a manhã avançava, ele se dedicava a isso. Ocorre que Arnaldo tinha, dentre seus parceiros de negócios, um homem que também era seu companheiro de deboches. Este afetou um ar de virtuoso escândalo, mas logo que pôde enviou uma missiva para o patrão de Antônio.

Assim, quando o dia caminhava para sua plenitude, ao atravessar uma viela,

Antônio foi assaltado por alguns homens, que o depararam completamente, ao tempo em que o sovavam de modo cruel, até a morte.

Foi no princípio da noite que uma apavorada Angélica recebeu o corpo de seu marido em casa. Ninguém ignorava o que realmente havia ocorrido, mas quem teria coragem de falá-lo abertamente? O velório foi feito ali mesmo na residência de Arnaldo, que magnanimamente se fez presente.

Angélica e Matilde entenderam-se entre si no sentido que precisavam manter as boas graças do comerciante, pois, se este resolvesse expulsá-las, não teriam para onde ir. Sentindo-se infinitamente desgraçada, Matilde aceitou a posição de concubina oficial de Arnaldo e passou a morar com a mãe em uma rica e afastada vivenda.

Quanto a Arnaldo, experimentou um golpe em sua reputação com as revelações feitas por Antônio, a quem passou a votar um ódio terrível. Frequentemente, lembrava-se dele e se tomava de uma fúria descomunal. Tinha ímpetos de se vingar do falecido de mais algum modo. Apenas não matava Angélica por causa de Matilde, mas abominava vê-la na casa em que mantinha sua jovem amante.

Entendendo-se indesejada, a viúva de Antônio buscava se tornar invisível. Ao tempo em que estava arrependida do papel que desempenhara nos episódios que culminaram na perda de sua filha e na morte do esposo, ela desenvolvera um profundo ódio de Arnaldo. Em silêncio, planejava prejudicá-lo.

Aconselhou a filha a se fazer mais e mais importante para ele, enfronhar-se em seus negócios, a fim de obter todas as vantagens possíveis. A Matilde, a ideia pareceu inicialmente ruim, mas ela logo se apaixonou pela perspectiva de punir Arnaldo por todo o mal que lhe fizera.

Convenceu-o a lhe deixar retomar o trabalho nos entrepostos, fazendo-se sua companheira não apenas no leito e na casa em que vivia, mas também nos negócios. Pouco a pouco foi se assenhoreando de tudo.

Arnaldo se tornava a cada dia mais dependente de Matilde, a quem passara a querer ternamente. Irene detestou a novidade, mas não houve nada que pudesse fazer. Gradualmente, viu-se na condição de submetida a Matilde, que não lhe perdoava a chantagem pretérita.

Esperta, a amante de Arnaldo passou a manter criados fiéis em postos-chave,

para saber de tudo o que ocorria. Assim, descobriu que Irene estava grávida de um de seus pretendentes, por quem se apaixonara. A jovem hesitava em fazer um aborto, na esperança de se casar com o jovem. Entretanto, a prejudicada reputação de seu avô tornava a situação complicada.

Ciente do ocorrido, Matilde cuidou de alertar Arnaldo da situação da neta. Embora fosse venal, ele era orgulhoso e se tomou de uma fúria terrível com a perspectiva de ter um neto bastardo.

Matilde, que não mais engravidara, convenceu-o de que a gestação deveria ser mantida em segredo, com proibição de que Irene visse ou fosse vista por qualquer pessoa. Para tornar o plano exequível, a jovem foi enviada, junto com alguns servos de confiança, para ficar em uma fazenda afastada. Após o nascimento da criança, Matilde pretendia criá-lo como se fosse seu filho.

O comerciante, cada vez mais apaixonado, e vendo tudo pela lente dos olhos de Matilde, achou a solução perfeita. Ninguém pensou na tristeza da mãe, que seria privada do próprio filho logo após o período de aleitamento. Tudo foi feito como combinado.

Pouco mais de um ano depois, Matilde criava como se fosse seu filho um bebê de nome Henrique. Quanto a Irene, foi forçada pelo avô a contrair matrimônio com o administrador da fazenda em que tivera a criança.

Almas em redenção

As coisas iam nesse diapasão, quando a saúde de Arnaldo começou a dar sinais de fragilidade. Ele não sabia, mas Matilde e Angélica ministravam em sua alimentação medicamentos destinados a acalmar seu apetite de amor. Esses preparados terminaram por envenená-lo e ele fenecia a olhos vistos.

Certa noite, Arnaldo acordou tomado de grande sufocação, com calor e dificuldade para respirar. Tinha as faces congestionadas e sofria muito, como vinha ocorrendo há vários meses. Não encontrou a concubina na cama ao seu lado e saiu a andar pela casa. Foi quando a vislumbrou em uma espécie de área que dava para um pátio interno, conversando com a própria mãe.

Estarrecido, ouviu-as falando em como as beberagens que preparavam para ele estavam dando resultados. Angélica mostrava um profundo ódio dele e comentava com desprezo sobre como parecia velho e acabado. Também desfilou pela conversa o domínio que a moça tinha dos negócios e de como estava preparada para tomar conta de tudo. Tomado de profunda ira, ele entrou no campo de visão das duas, que levaram um imenso susto.

– Vocês estão me envenenando? E você está se preparando para me roubar, Matilde? Pois vou colocar as duas na cadeia, vou destruir a vida de vocês!

Entendendo-se descobertas em seu plano, elas ficaram apavoradas e nem procuraram fingir. Trocaram um mudo olhar de terror, enquanto Arnaldo se encaminhava para o exterior da residência.

Em um ato de desespero, Angélica correu atrás dele e, no ímpeto de segurá-lo, derrubou-o, pois o homem estava mesmo bastante fraco. Ele caiu e desmaiou, pois batera com a cabeça em uma pedra. Apavoradas, mãe e filha não sabiam o que fazer e decidiram conduzi-lo ao leito, enquanto estava desacordado.

Cientes de que a vingança seria cruel, se o comerciante tivesse condições de empreendê-la, passaram a drogá-lo para que permanecesse inconsciente boa parte do tempo, e confuso na outra parte.

Arnaldo já estava bastante enfermo, em decorrência do longo envenenamento a que fora submetido. Não era de se esperar esse resultado, mas ele reagira muito negativamente aos preparados que Angélica havia adquirido e começado a ministrar há alguns meses.

O homem não mais saiu do leito, onde ficava delirando. Ele se confundia com o ocorrido e guardava a imagem de Matilde planejando sua perda. Delirava e chorava, afirmando amá-la. Ora se perdia em declarações de amor, ora em promessas de vingança e palavras de ódio. Compreensivelmente, a criadagem fácil se convenceu de que ele estava louco.

Sentindo-se terrivelmente culpada, Matilde cogitava parar com aquilo e enfrentar as consequências, mas Angélica a demovia. Lembrava que ele matara o esposo e pai de ambas, e que haveria de torturá-las de modo terrível, caso se recuperasse. Como a moça já havia presenciado muitas maldades de Arnaldo, ela hesitava e continuava a fazer o triste papel de envenenadora de seu amante.

Com a mente confusa, Arnaldo por vezes parecia adquirir alguma lucidez e mirava Matilde por entre lágrimas, o que a fazia se sentir imensamente mal. Como o homem não era mesmo jovem, e estava sendo envenenado há um tempo considerável, não resistiu muito e em poucas semanas foi a óbito.

Sempre instigada pela mãe, Matilde subtraiu uma parte do patrimônio do finado, em prejuízo de seus netos, e cuidou de se retirar do local, levando seu filho. Infelizmente para ela, o menino não viveu muito tempo e morreu em decorrência de uma gripe que se agravou.

Matilde agora era rica, morava em uma fazenda afastada em companhia da mãe. Não tinha filhos nem esperança de tê-los, havia perdido para sempre o afeto de Bernardo e o respeito por si mesma. Tinha certo horror de si própria por tudo o que fizera, e não gozava de paz alguma.

Felizmente para ela, começou a se interessar pelas crianças pobres das famílias que viviam nas cercanias de sua fazenda. Gradualmente, tomou-se de extremo amor por elas, de quem cuidava com enlevo.

Lembrava-se do filho que matara em seu ventre, do filho que roubara de Irene e morrera em seus braços, e chorava bastante. Também pensava muito no triste papel que desempenhara, na imagem final que ofertara a Bernardo, a quem havia decepcionado de modo cruel. Igualmente se arrependia de tudo o que se relacionava a Arnaldo, desde o princípio até o último dia.

Era essencialmente uma mulher arrependida e com a consciência extremamente pesada, que não tinha paz. Sua dedicação às crianças, em quem pensava ver os meninos que perdera, era seu único lenitivo.

Matilde envelheceu precocemente em meio a tantas dores morais, tornando-se fisicamente frágil muito antes do que seria normal. Morreu antes de sua mãe, em decorrência de uma forte pneumonia que apanhara.

A pobre Angélica, também ela já imensamente arrependida de tudo o que fizera, gastou seus últimos anos a pensar em seus atos. Recordava como incutira na filha gostos vãos, de como a incentivara a manter o relacionamento espúrio com Arnaldo. Sentia-se culpada da morte do esposo, como se o houvesse matado com as próprias mãos.

Quanto a Arnaldo, sua culpa era igualmente grande. Embora o ódio que lhe votara durante certo tempo, em determinado momento não conseguiu se impedir de reconhecer que o assassinara. Perceber-se como uma mãe venal, uma mulher gananciosa que perdera a própria família, e também como assassina, tudo isso a torturou por longos anos.

Também ela, que ficara com os bens de Matilde, buscou gastá-los com atividades de benemerência. Muitos anos após a morte de sua filha, era uma velha amargurada, mas que muitos reputavam extremamente bondosa.

Quando a elogiavam, Angélica sentia um desgosto profundo. Sabia que dava o dinheiro que conquistara à custa da felicidade de sua família, da vida de um homem e dos direitos dos herdeiros dele.

O tempo passou e o dia da morte de Angélica chegou. Foi honrada e pranteada por todos aqueles a quem havia beneficiado por longos anos.

Irene viveu em relativa paz com o marido que seu avô lhe impusera, um homem mais velho chamado André, que possuía bom coração e a tratava com muito carinho. Ela teve outros filhos, mas jamais conseguiu esquecer o menino que haviam arrebatado de seus braços com poucos meses de idade. Sentia um ódio profundo de Matilde e de Arnaldo, sentimento este que cultivou até o fim da vida.

Eu analiso todos esses fatos, tantas decisões infelizes tomadas pelas pessoas cuja vida acompanho, e me tomo de compaixão.

Entendo as causas das dores que experimentaram na existência em que novamente se reuniram para acertar suas contas com a justiça divina.

Compreendo os desdobramentos e noto como muitos evoluíram e amadureceram, enquanto outros parecem pouco ter aprendido.

É impossível deixar de observar o funcionamento perfeito da Lei Divina, a recolocar as peças da engrenagem da vida desses seres, a fim de aprender que é impossível causar sofrimentos ao próximo sem experimentá-los na sequência. São tantos detalhes ricos de transcendente significado...

A jovem Irene chantageara Matilde, em razão de seu relacionamento espúrio e da gravidez que a ele se sucedera. Também ela, em essência leviana, terminara por sucumbir ao peso de chantagem semelhante.

Claro que poderia ter sido diferente. Irene poderia ter-se mantido na condição de esposa digna, que jamais teria sido chantageada. Mas o ponto é que ela portava em si o vício que apontara na vida de outra mulher, tão infeliz quanto ela.

Digo isso para que não se pense que os erros devem se perpetrar, o que constitui um equívoco.

O acerto com a Consciência Cósmica faz-se primordialmente pela retificação da própria intimidade, que deve enriquecer-se em ternura e dignidade, para espalhar-se na forma de bênçãos que se repartem com os sofredores do mundo.

Mas quem não toma as decisões e as atitudes necessárias, ainda que a custo de duras retificações, candidata-se naturalmente a sofrer o que fez os outros sofrerem. Isso para que aprenda sobre a igualdade essencial dos homens em face da dor, e perca o gosto de espalhar misérias e tragédias nos caminhos alheios.

São muitos os detalhes que o leitor atento poderá perceber, como a evolução de Matilde, que se tomou de amor pelas crianças pobres, amor este que levou para a existência posterior.

Também é digno de nota que ela se apoderou do filho de Irene, para depois sofrer na própria pele a dor de uma mãe privada da presença de um filho.

Entretanto, se observei a origem de muitas dores, meu desejo de entender os desdobramentos de tantas opções infelizes permanece.

Sinto que é necessário avançar no tempo, para surpreender os personagens já tão conhecidos quando novamente se reuniram, após a vida em que Arnoldo foi um

temido comandante de guerra.

Mais uma vez eu lanço minha percepção no infinito, tentando identificar a presença desses seres cuja história aos poucos desvendo.

Gradualmente, vou identificando o ritmo correto, sinto o pulsar do éter cósmico e me deixo envolver, ao sabor de uma tranquila intuição. De repente, é como se um vagalhão me sacudisse e o tempo parecesse passar de forma extremamente rápida.

Em dado momento, sinto que devo observar de forma detida o que ocorre.

Identifico um pequeno órfão a quem falta tudo. Seus pais morreram e ninguém quis cuidar dele. O pobre é desgracioso, com uma perna mais curta do que a outra, e possui o braço direito mirrado. Além de tudo, uma doença de pele lhe torna o aspecto muito desagradável.

Que idade teria? 8, 9, 10 anos? Não consigo identificar, pois é sofrido demais.

Ganha a vida pedindo esmolas. Tem de tomar cuidado, pois sua aparência o torna constantemente alvo de perseguição, como se fosse um amaldiçoado. Para completar suas desgraças, o pequeno tem os lábios fendidos e sua voz soa algo grotesca.

Não preciso prestar muita atenção para identificar Arnoldo, novamente no palco do mundo.

Ele passava fome, frio e solidão. Além de tudo, era revoltado, pois se sentia um injustiçado. Observava as crianças que eram amadas e protegidas e sentia raiva da Humanidade. Se pudesse, esmagaria todas as pessoas que cruzam seu caminho.

Felizmente para ele, passara o tempo de seu poder, quando infundia medo nos outros. Estava em um momento de penitência, em que precisava expiar para retificar seu modo de ver e sentir a vida. Durante muito tempo fora poderoso e distribuía desgraças e causara dores sem fim.

Ainda não vivia o momento do resgate, pois não estava pronto para isso. Resgatar pressupõe trabalho ativo no bem, algo próprio de um espírito maduro. Arnoldo simplesmente sofria o necessário para perder o gosto por causar dores

nos semelhantes.

O tempo passava e ele penava muito. Não chegava a morar embaixo da escadaria que havia atrás de uma igreja, apenas se escondia ali durante a noite, de onde saía logo cedo. Durante o dia, vagava pela cidade e pelos campos tentando obter alimentos.

Em certo momento, a desnutrição e a carência de tudo levaram a melhor sobre seu corpo já fraco. Era noite, chovia e fazia frio, e ele tiritava, tomado de forte febre. Tinha apenas um cobertor surrado e era uma figura lamentável.

A que situação o egoísmo e o orgulho de Arnaldo o conduziram!

Era de se temer que não conseguisse suportar a provação, que desencarnasse naquela noite mesmo, pois seria muito cedo. Pouco aprendeu, continuava um espírito rebelde.

Mas ele aguentou, pois era necessário que vivesse. Na manhã seguinte, permaneceu no local, pois não tinha forças para sair. Ardia em febre e tossia muito: era a imagem da dor e do abandono.

Perto da hora do almoço, duas jovens se aproximaram bastante alegres. Eram freiras que se encaminhavam para a igreja, que costumavam limpar e adornar. Elas ouviram o barulho produzido pelo pequeno Arnaldo e resolveram verificar o que ocorria, um tanto receosas.

Depararam-se com o rapazinho privado de tudo, assustaram-se com sua aparência. Mas, como eram cristãs genuínas, imediatamente sentiram compaixão do enfermo. Tentaram falar com ele, que não pareceu entender, em seu delírio febril.

– Por Deus, irmã Matilde, precisamos acudir esse rapaz.

– Fique aqui com ele, irmã Angélica. Vou falar com o padre e já volto.

Não demorou muito e Matilde retornou com o padre André.

– Ele está muito mal, padre. O que faremos?

– Vamos abrigá-lo na casa paroquial. Não deve ter família nem qualquer recurso.

As três criaturas bondosas rápido providenciaram a remoção do infortunado Arnoldo. Ao final da tarde daquele mesmo dia, ele estava instalado em um anexo da casa paroquial, onde o padre tinha o hábito de acolher viajantes, enfermos, necessitados em geral. Banhado, medicado e aquecido, o rapaz continuava muito mal.

Matilde decidiu ficar vigiando o enfermo durante a noite. Ela lutava consigo mesma e se sentia mal por experimentar certa antipatia por Arnoldo. Entristecida, pensava que era uma má cristã, por ter prevenção contra um indigente privado de tudo. Mas ao mirá-lo algo dentro dela se revoltava. Experimentava uma mágoa estranha, certo rancor que não conseguia entender.

A moça chegou a chorar por achar que era a aparência do mendigo que a incomodava e a fazia antipatizar com ele. Ela orou longamente no correr da noite, rogando a Deus que socorresse o rapaz e a ajudasse a vencer aquele sentimento estranho. Fez a solene promessa de que, se o enfermo melhorasse, iria se dedicar a ajudá-lo, faria de tudo para superar o desconforto tão estranho que experimentava ao mirá-lo.

Arnoldo resfolegou, suou e sofreu a noite toda, sob o olhar de Matilde, que lutava consigo própria para ter compaixão e não ojeriza. Ela desfiou o rosário, implorando à Virgem que a auxiliasse a ser uma boa cristã.

Suas orações surtiram efeito, pois pela manhã Arnoldo parecia estar melhor. Ele recuperou a consciência e observou a jovem freira que dormia sentada a seu lado, com o rosário na mão. Sem saber o motivo, sentia certa intimidade ao observá-la, como se a conhecesse de algum lugar. Notou suas faces, que lhe pareciam tocadas de certa pureza, e ficou triste.

Nisso, Matilde acordou e o percebeu a mirá-la. Experimentou uma impressão penosa sob aquele olhar, mas estava decidida a gostar dele e a ampará-lo, sob o signo do Cristo. Sorriu para o enjeitado, que não se recordava de alguma vez ter recebido qualquer carinho.

– Vejo que está melhor. Temi por sua vida e velei por você durante toda a noite. Como se chama?

– Arnoldo.

A moça segurou um estremecimento ao ouvir a voz desagradável e lutou para

manter um sorriso no rosto. Logo ela estava alimentando Arnoldo, com carinho e atenção, embora seu íntimo continuasse tumultuado.

O rapazinho não estava acostumado a falar, pois ninguém se ocupava dele havia muito tempo. Mas Matilde começou a lhe fazer perguntas, com voz suave, e pouco a pouco foi-se desvelando uma vida de misérias e humilhações.

A freira ficou chocada com a quantidade de dores já vividas por aquele adolescente e seu coração se enterneceu. Entretanto, ela vivia uma contradição, que não conseguia entender. Um lado seu, humano e cristão, sentia piedade e desejo de auxiliar. Outro, que lhe causava certo horror, parecia se rejubilar com o relato de dores do enfermo, como se fosse alguém muito detestado.

A moça vivia um calvário moral e seus olhos brilhavam de lágrimas de decepção consigo própria. Já Arnoldo, acostumado a ser brutalizado, escorraçado, quando não espancado, viu aquelas lágrimas e começou a soluçar. Era a primeira vez que algum ser humano parecia gostar dele. Sim, pois seus pais, que haviam morrido fazia vários anos, consideravam-no um castigo divino, por suas enfermidades.

Ao ver Arnoldo chorando, Matilde ficou ainda pior. Teve vontade de lhe fazer um carinho, mas isso parecia demais para ela. Confortou-o, prometeu que buscaria ajudá-lo, disse que o padre André era uma santa criatura, que seguramente se interessaria por ele.

Após um tempo, Matilde foi embora e deixou um Arnoldo perturbado. Era um adolescente frágil e enfermo, mas com a sexualidade desabrochando em caráter perturbador. Ele era complexado, cheio de recalques, e sua mente se desnortou com a ideia de que aquela freira que lhe parecia a mulher mais linda do mundo gostasse dele.

Pouco tempo depois, Matilde estava chorando em um recanto da casa paroquial, quando o padre entrou e a encontrou.

– O que houve, irmã?

– Ah, padre, eu sou uma péssima cristã!

– Por que diz isso? Não consigo ver nada de péssimo em você.

– Padre, já que me pergunta, serei sincera. Sabe, aquele rapazinho que

recolhemos debaixo da escada da igreja?

– O que há com ele? Piorou?

– Não, ele está melhorando. O problema é comigo. Às vezes, eu acho que o detesto. Ele acaba de me contar as imensas tristezas de sua vida. Uma parte de mim lamentou muito e pensou como deve tudo ter sido difícil. Fiquei com vontade de ajudar o rapaz. Mas outra parte, ah, que vergonha! Outra parte ficou cinicamente satisfeita, como se eu o julgasse merecedor do sofrimento.

Ao dizer isso, ela rompeu em fortes soluços, pois estava mesmo muito decepcionada consigo mesma.

– Matilde, não se entristeça nem se impressione muito com isso. Somos todos contraditórios. Às vezes, ouvimos a voz dos anjos, outras, a da tentação. O importante é o que você faz. Isso é que define o cristão: a conduta. Você foi boa com ele?

– Eu tentei, padre. Dei-lhe comida, falei com ele, confortei-o, mas me sentindo um pouco hipócrita.

– Não há hipocrisia em você.

– Ele me parece tão repulsivo e tenho tanta vergonha por isso.

– Bonito ele não é mesmo. Mas amar gente bonita e educada é fácil. O desafio é amparar os enjeitados do mundo. Acho que devemos fazer um trato.

– Que trato?

– Vamos nos apoiar para amar e amparar o rapazinho. Será o nosso desafio, que venceremos juntos.

– Ah, padre, o senhor é muito bom! Sei que não precisa de ajuda para amar ninguém e apenas quer me ajudar.

– Trato feito, então?

– Sim, trato feito.

A partir daquele dia, os dois se empenharam em demonstrar carinho para Arnoldo. Cuidavam dele, conversavam, davam atenção. O jovem se sentia reviver. Angélica rapidamente aderiu ao plano. Também ela não simpatizava muito com o enfermo e achava o programa bom. Foi um desafio que as freiras se impuseram, o de amar incondicionalmente e de amparar aquele que surgira de repente em seu caminho, nas condições mais desfavoráveis.

Matilde falara a verdade quanto à natureza do padre. André era um homem genuinamente bom, um exemplo de sacerdote, ativo, decidido, mas nem por isso ingênuo. Ele não demorou para verificar que Arnoldo se emocionava com a presença de Matilde.

Logo o moço estava curado da enfermidade que o prostrara, mas permaneceu no local, como um protegido do trio. Decidido, o padre André começou a catequizá-lo, no sentido específico de conferir-lhe educação moral. Nunca ninguém se ocupara disso e Arnoldo era completamente tosco, inclusive quanto a questões elementares de convívio e de higiene.

Foi uma árdua e longa tarefa, na qual se fez presente a importância de respeitar as mulheres. O padre deixou absolutamente claro que Matilde e Angélica eram dedicadas a Deus e não podiam ser cobiçadas, mas apenas amadas fraternalmente.

Os exemplos da vida de Jesus desfilaram pela boca inspirada do padre para um Arnoldo um tanto cético e desgostoso. Ele não se rebelava, pois gostava do conforto da casa paroquial. Não mais passava fome nem frio, não precisava sair pedindo pelas ruas, não apanhava de meninos malvados. Mas tinha de se sujeitar a uma educação rígida, a falar corretamente, sem palavrões. Especialmente, precisava controlar a paixão que sentia por Matilde.

Demorou muito para a moça experimentar algum arrefecimento em sua prevenção com Arnoldo. Angélica teve mais facilidade, embora também não tivesse nenhuma preferência por ele.

O rapaz era em essência um revoltado e, logo que desenvolveu alguma intimidade, mostrou-se insatisfeito e reclamador, mal agradecido, parecendo que fazia um favor em permanecer no local. As moças se agastavam com ele e experimentavam com frequência o desejo de mostrar-lhe a porta de saída. Mas o padre André a tudo contornava. Chamava a atenção de Arnoldo com vigor,

educava-o, fazia com que admitisse seus erros.

Assim os anos foram passando, com Arnaldo com constantes crises morais e de saúde. Ele nutria uma violenta paixão por Matilde, que nem era tão secreta assim. Quando percebia os olhares que ele lhe dedicava, a freira estremecia, sentindo-se ultrajada.

A saúde frágil de Arnaldo era um poderoso auxiliar de todos. Ele frequentemente passava mal, sua pele piorava muito, ardia, coçava, cobria-se de pústulas. Isso sem falar em outros pequenos problemas, normais para todo mundo, mas que nele sempre tinham uma intensidade maior.

Quando tinha em torno de 20 anos, Arnaldo viu sua saúde piorar sensivelmente. Em decorrência de sua estrutura física prejudicada desde sempre, com as pernas desiguais, ele passou a ter um grave problema de coluna e logo não conseguia mais andar. Ficava preso o dia todo em uma poltrona, com frequência reclamando de tudo e exigindo atenção. Acostumados, os três não mais valorizavam aquelas crises. Brincavam com ele, debochavam de como parecia um velho reclamão.

A saúde dele foi piorando e em breve não mais saía da cama, sentindo constantes dores.

Os anos que se seguiram foram preciosos para Arnaldo, Matilde e Angélica. Ele penava na cama, em um suplício doloroso perene. Suas dores, por força da misericórdia divina e dos cuidados que recebia sem cessar, não chegavam a ser lancinantes, mas jamais o abandonavam. As freiras, com o passar do tempo, perderam suas prevenções e desenvolveram carinho por ele.

Angélica teve mais facilidade nesse processo, pois havia sofrido menos nas mãos de Arnaldo no passado. Mas mesmo Matilde em determinado momento teve seu coração tocado pela trajetória daquele homem tão infeliz, tão frágil e carente de atenção.

À medida que Arnaldo definhava no leito, também definhavam os sentimentos doentios que o vinculavam a Matilde e a Angélica. Nos últimos tempos, Matilde sentia sincera ternura por Arnaldo, orava por ele, encontrava prazer em ler para distraí-lo, em conversar com ele por tempo prolongado.

O padre André jamais cansava de ministrar lições evangélicas àquela alma

perturbada que aos poucos ia aparando suas piores arestas.

Tantas dores, tantas decepções, tantos sonhos que não conseguira realizar minavam a antiga dureza do coração de Arnaldo.

Quando ele faleceu, perto dos 30 anos, foi sinceramente pranteado por Matilde, Angélica e André, que o consideravam um amigo. Eles jamais deixaram de se lembrar do enfermo de que haviam cuidado e de orar em sua intenção durante o resto de suas vidas.

Foi uma existência de importantes expiações e ajustes, mas claramente ainda insuficiente para ornar Arnaldo dos valores necessários à obra de sua redenção. Ele perdera a dureza, a crueldade, tornara-se mais suave, mas continuava egoísta e leviano.

Em seu coração, durante todo aquele período, mantivera pensamentos profanos em relação a Matilde. Com o tempo, passara a ocultá-los melhor, pois compreendera que a freira merecia seu respeito. Como desrespeitar alguém que cuidava dele o tempo todo, era sua amiga como nunca antes ninguém o fora?

Matilde, Angélica e André viveram até atingir idades avançadas, sempre mantendo conduta digna.

No tribunal da consciência

Ao perceber como tudo se encaminhara bem para eles, especialmente para as freiras, que conseguiram reajustar seus sentimentos em relação a Arnaldo, fico feliz. Compreendo que foi uma vida bem proveitosa para todos os envolvidos.

Contudo, percebo que a narrativa deve se estender um pouco mais, pois há alguns laços sobre os quais seria interessante verificar como e quando se purificaram.

Então, repito a antiga operação de sondar o éter cósmico com o específico propósito de identificar a próxima encarnação de Arnaldo. Quero ver como ele ressurgiu no mundo e esse desejo intenso guia minha percepção pelo espaço e pelo tempo.

Em dado momento, sinto que preciso prestar atenção no que ocorre.

Passava-se uma cena bucólica, de uma dama com dois filhos, dos quais cuidava com grande carinho. Tratava-se da senhora Gerana e seus filhos Antônio e Arnaldo.

Era a viúva de Armando, rico comerciante, que deixara a família amparada no sentido financeiro. Armando morrera bem jovem, logo após o nascimento de Arnaldo, que era o filho caçula. Gerana contava com o auxílio de um intendente, que administrava os negócios da família.

Ela se dedicava aos cuidados dos pobres, sendo presença constante nas atividades beneficentes mantidas pelo padre André na casa paroquial.

Desde cedo, cuidara de inculcar nos filhos a importância dos cuidados com os pobres e dos valores cristãos em geral. Não teve a menor dificuldade com Antônio, que desde a infância mostrava grande pendor para a religião e inclusive desejava se tornar padre. Já com Arnaldo a situação era mais complicada. Ele não tinha mau coração, mas era um tanto egoísta e leviano. Logo na adolescência, começou a mostrar pendor para o jogo e para relacionamentos de conveniência. A mãe, atenta, tudo fazia para educar o rapaz, que era mais sem juízo do que mau.

Gerana cedo desenvolveu importante problema cardíaco, que a fazia ficar em casa, sem poder sair com frequência para a rua. Percebendo que não viveria

muito, cuidou de sondar o espírito do filho mais velho.

– Antônio, meu filho, sinto que não viverei muito.

– Não diga isso, mãe.

– É verdade. Você sabe que devemos aceitar a vontade de Deus. Não há razão para ignorarmos que estou a cada dia mais doente. Morrer não me assusta. Apenas me preocupo com você e com seu irmão.

– Não gosto que fale em sua morte.

– Isso não é algo de que se possa gostar ou não. Preciso conversar seriamente com você.

O rapaz lançou um olhar inquiridor para a mãe.

– Antônio, sei que você quer ser padre.

– É verdade. Já que estamos falando nisso, vou abrir meu coração. Nunca entendi porque a senhora sempre me pede para esperar, para pensar melhor. O que há de errado com minha vocação?

– Não há nada de errado. Ela é linda e muito me alegra. A questão é que estou sentindo minhas forças decaírem faz muito tempo. E temo por Arnaldo, se você não estiver perto dele.

Os olhos de Antônio brilharam ao compreender a que a mãe aludia.

– Ele não tem muito juízo, precisa de alguém que cuide dele, que o oriente. Quando eu me for, se você estiver no seminário ou em alguma paróquia distante, temo que se perca.

– Então, a senhora acha que não posso ser padre.

– Ao contrário, acho que deve ser. Apenas peço que antes ensine Arnaldo a respeito dos negócios da família. Você está inteirado de tudo, sempre gostou de trabalhar nos armazéns. Seria um sacrifício grande demais?

– Não, não é, mãe. Talvez pelo fato de o pai ter morrido tão cedo e eu ser bem

mais velho do que meu irmão, sempre o considereei um pouco como meu filho. É o meu melhor amigo. Jamais poderia ter paz sabendo que ele pode estar tendo dificuldades.

– Você é um bom homem, meu filho.

– Sabe, mãe, não sei ao certo a razão, mas sinto uma necessidade profunda de olhar por Arnoldo.

– É o seu bom coração falando.

Antônio era realmente dez anos mais velho do que Arnoldo, de modo que figurava para este um pouco à conta de um pai. Ao menos era assim que Antônio via a situação, pois o irmão mais novo parecia manter certas reservas em relação ao mais velho. Via-o como a um sabichão, achava-o um tanto irritante com o que considerava uma carolice despropositada.

Alguns meses após essa conversa, Gerana morreu, e Antônio passou a tutelar a casa e os negócios da família.

Arnoldo sentiu sinceramente a ausência da mãe e não se conformou com facilidade com a situação de subordinado de Antônio. Este se esforçava ao máximo para cuidar do irmão mais novo, orientá-lo, mas sempre encontrava alguma resistência.

Com o correr dos anos, tanta dedicação rendeu frutos. Estabeleceu-se uma relação fraterna entre eles. Malgrado seu, Arnoldo foi-se deixando tocar pela constância do irmão em protegê-lo. Ele tinha o hábito de reclamar e de se achar injustiçado, então buscava defeitos em Antônio, montava discursos mentais das vezes em que ele o aborrecera, impedira seus projetos.

Havia, é preciso reconhecer, certa mágoa secreta que Arnoldo mantinha em relação ao irmão, sem que ele lograsse perceber a origem. Era como se o outro fosse seu eterno devedor. Mas, morando apenas eles na ampla residência, o convívio forçado estabeleceu importante vínculo de parceria.

Esta parceria apenas não era mais profunda porque Antônio precisava colocar freios no ímpeto gastador de Arnoldo. Este tinha hábitos dispendiosos e em particular gastava muito dinheiro ao frequentar certa casa de má reputação. Era um misto de bordel e de antro de jogos, mas muito sofisticado e discreto.

O ambiente em questão pertencia a um importante político da região, que contava com o auxílio de policiais para manter a ordem. Corrupto, o político aliciava agentes policiais para que atuassem como seus seguranças e capangas fora do expediente de trabalho da delegacia e mesmo durante ele.

Tais agentes cobravam contas, assustavam devedores, colocavam ordem no ambiente, puniam os que eram motivo de algum tumulto. Assim, à custa de força bruta e violências, subornos, ameaças e dinheiro, a casa em questão era muito organizada e atraía a elite corrupta da cidade.

Arnoldo estava entre os frequentadores habituais e com isso gastava muito dinheiro. Percebendo que o irmão dilapidava a parte que lhe cabia na herança, Antônio resolveu ter uma conversa séria com ele.

Para tanto, ficou esperando que Arnoldo chegasse após uma de suas noitadas. Este chegou em plena madrugada, mas alterado demais pelo álcool e cansado em excesso para tratar de qualquer coisa séria.

Paciente, o irmão cuidou dele, fê-lo banhar-se, preparou-lhe um café, ajudou-o a deitar-se, com uma paciência de santo. Em seu coração, Antônio se sentia responsável pelo irmão, cuja vida e bem-estar eram para ele os bens mais preciosos. Entendia que ele não era mau, apenas jovem e inconsequente. Quando o tempo passasse, haveria de amadurecer.

Decidido a colocar um ponto final nas dissipações de Arnoldo, Antônio não foi trabalhar naquela manhã, como era seu hábito. Os dois irmãos trabalhavam nos armazéns da família, embora Arnoldo o fizesse sem muito afinco. Tinha compromissos sociais em excesso, passava mal com frequência, em razão de suas noitadas de orgias, jogos e bebedeira. Quando acordou, perto da hora do almoço, Arnoldo deu de cara com o irmão, sentado em uma cadeira a mirá-lo.

– Nossa, você parece uma assombração aí me olhando.

– Você diz isso porque ainda não se olhou no espelho. Precisa criar juízo, meu irmão. Sua saúde não vai durar para sempre, nesse ritmo. Lembre-se de que nossos pais morreram cedo.

– Não me rogue praga!

– Não estou rogando pragas, mas alertando.

– O que faz aí, parado como uma estátua, a me observar?

– Precisamos falar sério.

– Ih, lá vem bronca, de novo. Antônio, vou lembrá-lo mais uma vez de que não é meu pai nem me sustenta. Não pode ficar chamando minha atenção.

– Tem razão, mas há uma coisa que posso fazer para ajudá-lo a tomar juízo.

Arnoldo não gostou do tom firme utilizado pelo irmão e disse que estava mal.

Paciente, Antônio esperou que ele se asseasse, tomasse um café, mas não se afastou, decidido a tomar as rédeas da situação.

Finalmente, os dois se sentaram para conversar em um gabinete privado.

Com ar de enfado, levemente provocador, Arnoldo encarou o irmão.

– O que pretende fazer comigo? Colocar-me de castigo?

– Gostaria muito de fazer algo assim, pois você anda merecendo. Mas está velho demais para isso.

– Sim, sou um homem adulto e mando em minha vida.

– Com efeito, mas preciso alertá-lo sobre sua situação financeira.

Os olhos de Arnoldo brilharam algo incomodados.

– Desde que nossa mãe morreu, você tem gastado excessivamente. A continuar nesse ritmo, em breve não terá mais nada.

– Somos muito ricos.

– Eu sou rico, você não é mais tanto assim. Tem tirado adiantamentos demais sobre os negócios, a ponto de colocar em xeque nossa sociedade. Se não fosse eu colocar dinheiro, estaríamos passando por dificuldades com os fornecedores.

– Ainda assim, devo ter muito dinheiro. Não posso estar pobre.

– Ainda não está, mas logo ficará, se continuar gastando nesse ritmo.

– Da minha vida cuido eu.

– Sim, mas do seu dinheiro eu vou cuidar de agora em diante.

– Era só o que me faltava. Tente mexer em meu dinheiro para ver o que lhe acontece!

– Você parece ter memória curta. Lembra-se do testamento de nossa mãe? Fiquei como o administrador dos bens da família. Você só terá acesso pleno a seus bens ao completar 30 anos. Por enquanto, eu o deixei agir com liberdade, na esperança de que criasse juízo ao administrar o que é seu. Contudo, parece que sou eu quem está agindo de forma desajuizada.

Arnoldo estava boquiaberto. Sempre considerara o irmão meio fraco, jamais esperara vê-lo tão firme.

– Doravante eu fixarei uma mesada para você. Está proibido de tirar adiantamentos dos negócios e de receber qualquer dinheiro de lá, fora o que lhe darei. Fixarei uma quantia generosa, suficiente para que viva com dignidade. Tem tudo o de que precisa aqui em casa. Claro que terá de manejar com as noitadas, especialmente com suas jogatinas.

Seguiu-se uma terrível insubordinação de Arnoldo, que bradou, xingou, fez-se de ofendido, mas sem o menor sucesso. Antônio estava decidido e não se deixou abalar.

O problema é que Arnoldo devia muito, especialmente em razão de sucessivas perdas que sofrera nos últimos dias nas mesas de jogo. Ele tentou subornar alguns empregados dos armazéns, para que burlassem as ordens do irmão, mas não teve êxito. Antônio era respeitado demais, e as razões fundadas que o moviam eram de todos conhecidas.

Poucas semanas depois, Arnoldo deixara de sair à noite. Não por ter criado juízo, mas por medo das cobranças cada vez mais insistentes que lhe eram dirigidas. Certa tarde, quando passava perto da delegacia, um policial o abordou.

– Senhor Arnoldo, o delegado quer falar com o senhor.

– Não posso falar com ele agora, estou ocupado.

O agente, com um gesto, mostrou-lhe o revólver.

– É urgente, senhor. Ele me deu ordens para levá-lo, por bem ou por mal.

Suando frio, Arnoldo se encaminhou para a delegacia. Em pouco tempo, estava sozinho com o delegado, na sala dele.

– Senhor Arnoldo, há dias que busco lhe falar. Parece que tem fugido de mim. Não mais comparece no estabelecimento do doutor Frederico.

– Não tenho passado muito bem.

– Serei sincero, senhor Arnoldo. Sua dívida com o doutor precisa ser satisfeita logo. Ele tem sido paciente em atenção a seu histórico. Sempre pagou seus débitos no prazo. Mas já faz dois meses que deve e simplesmente desapareceu.

– Estou com pouca disponibilidade no momento.

– E quando terá essa disponibilidade?

– Não posso afirmar. Logo, espero.

– O doutor Frederico pediu para eu ser claro com o senhor. Ele soube que seu irmão tomou as rédeas do dinheiro da família e passou a lhe dar apenas uma modesta mesada.

– Como ele soube disso?

– O doutor tem informantes em todo lugar. A questão é a seguinte: tem duas semanas para pagar a dívida ou ele colocará o senhor na cadeia.

– Ele não pode fazer isso comigo!

– Claro que pode. O senhor deve e não paga. Isso dá cadeia.

– Passo por um momento difícil.

– Todo mundo passa. Por isso, o doutor precisa receber o dinheiro. Venha comigo, quero lhe mostrar uma coisa.

O delegado tomou Arnoldo pelo braço e o conduziu para ver as celas escuras,

feias e frias, cheirando a mofo. Havia alguns elementos mal encarados, que lançaram olhares de mofa e desrespeito a Arnaldo, que se apavorou.

– A vida aqui é difícil. Especialmente para quem deve para o doutor Frederico. Ele é um benfeitor nosso. Todos sabem que ele não lucra nada em ter devedor preso. O doutor quer mesmo é receber. Assim, aqueles que têm débito com ele, acabam tendo algumas complicações aqui. Especialmente para um homem como o senhor, bonito e acostumado a ser bem tratado, a coisa pode ser bem difícil.

Ao dizer isso, lançou um olhar malicioso para um apavorado Arnaldo. Em razão de seu histórico espiritual, das vezes em que se vira imobilizado, e também de períodos que passara em regiões infelizes do plano espiritual, o irmão de Antônio tinha pavor da ideia de ser preso, de ter a própria liberdade cerceada.

De modo surpreendente, ele começou a chorar, virando motivo de chacota dos presos, que lhe dirigiram comentários do mais baixo calão. O delegado o conduziu para a própria sala, deu-lhe água, com um brilho de desprezo nos olhos.

– Tem duas semanas para fazer o pagamento.

– Não tenho de onde tirar o dinheiro.

– Peça para seu irmão. Os negócios da família são prósperos.

– Nunca vi meu irmão tão firme. Ele está decidido a me manter com pouco dinheiro. Acha que preciso criar juízo.

– Ora, se seu irmão é o problema, livre-se dele!

– Como assim?

– Tenho dois camaradas que podem fazer um serviço limpo. Seu irmão parece que não o respeita, trata-o como a uma criança. Impede que gaste seu próprio dinheiro. Se ele desaparecer, todos os seus problemas se resolverão. Poderá pagar o doutor Frederico e ficará novamente rico, podendo gastar e viver como merece.

Arnaldo olhou chocado para o policial, inclusive porque a ideia não lhe pareceu tão odiosa como deveria.

Ele foi embora e passou dias de intenso medo. Via-se preso na cela, sendo maltratado e abusado, e suava frio. De outro lado, desenvolvia uma espécie de ódio do irmão, a quem acusava de insensível. Tentou convencê-lo a lhe adiantar mais dinheiro, sem especificar a razão, mas não teve êxito. Ele se debatia sem saber o que fazer, quando o prazo venceu.

Nisso, seu irmão avisou-o de que dentro de alguns dias se afastaria da cidade a negócios e permaneceria fora por algumas semanas. Foi o golpe de misericórdia para Arnoldo. Ele esperava a cada dia achar uma solução. Não mais saía na rua, fingindo-se de doente, mas morto de medo de ser novamente abordado pelos policiais.

Contudo, sabia que, a partir do momento em que sua prisão fosse pedida, estaria perdido. Passou uma noite em claro, pensando e temendo ser preso, noite esta em que se convenceu de que seu irmão o prejudicava demais.

Infelizmente para ele, a ideia do irmão assassinado por malfeitores parecia-lhe justa de algum modo. Era como se em sua mente isso repercutisse uma imagem antiga. Sentia-se injustiçado por ele, cuja rigidez o colocava na situação de preso dentro da própria casa, e sujeito a ser realmente colocado na prisão.

Não passou pela cabeça de Arnoldo ser sincero com o irmão e expor o que lhe acontecia. Estava tão tomado de medo, que receava com isso fechar sua única esperança de liberdade: apoderar-se de todo o patrimônio da família. E se o irmão dissesse que ele tinha de encarar as consequências dos próprios atos e se deixar prender?

Assim, na manhã do dia seguinte, foi um assustado Arnoldo que se encaminhou para a delegacia. Nela, acertou os detalhes do que seria o negócio mais triste de sua vida: o assassinato de seu dedicado irmão. Ele estava meio insano de medo, revivendo antigas mágoas, conscientes e inconscientes, convencido de que era um injustiçado, de que o irmão o prejudicava para dispor do que era dele.

Ficou combinado que Antônio seria abordado naquele dia mesmo. Ele tinha o hábito de frequentar novenas e haveria uma logo mais à noite.

Arnoldo sentiu-se doente o resto do dia. Foi trabalhar nos armazéns e, para sua tortura, o irmão o convocou para ficar perto dele o tempo todo.

– Arnoldo, percebo que está mais refletido, mais moderado. Não tem saído mais,

fica em casa. Estou feliz com sua mudança.

Um sorriso triste recebeu essa informação. Antônio partilhou informações sobre os negócios com Arnaldo, instruiu-o, brincou com ele, contou de seus planos para expandir os empreendimentos. Havia ternura e confiança no irmão mais velho.

Naquela noite, eles jantaram juntos e Arnaldo teve o ímpeto de reter o irmão, de não deixá-lo ir à igreja. Chegou a sugerir isso, timidamente e de forma indecisa. Mas Antônio disse que tinha necessidade de ir à igreja, de alimentar-se espiritualmente.

Desconfortável ao extremo, mas temeroso de ir para a cadeia, Arnaldo não tomou nenhuma atitude para impedir a saída do irmão. A partir do momento em que se viu sozinho, começou a sentir uma tortura moral infinita, que haveria de ser o estopim de sua evolução espiritual.

Ele se recolheu a seus aposentos, suando frio. Chorou, gritou, debateu-se e angustiou-se sem medida, enquanto as horas passavam. Tinha receio de sair de seu quarto e confirmar que o irmão não retornara.

Pela manhã, criou coragem e foi para o quarto de Antônio. Quando viu sua cama intocada e o aposento em silêncio, sentou-se no chão, completamente sem forças para continuar em pé, tomado de uma tristeza sem fim, de um remorso extremo. Tentava se convencer, sem muito sucesso, de que fizera a única coisa que pudera, que não tivera alternativa.

Em sua mente, uma voz lhe indagava o que sua mãe pensaria se viesse a saber do ocorrido. A ideia de rever a mãe o apavorava sobremaneira.

Arnaldo finalmente se convenceu de que não podia parecer culpado, de modo que se banhou, vestiu-se e fez de conta que cuidava de alguns papéis, isso para que os empregados da casa de nada desconfiassem. Foi perto do almoço que o delegado apareceu e pediu para ser recebido. Arnaldo o recebeu onde estava mesmo, na sala principal da casa, de onde os criados podiam ouvir a conversa.

Foi assim que ele foi oficialmente comunicado de que o corpo de Antônio havia sido encontrado em uma viela. Suspeitava-se de que fora abordado por alguns criminosos, ao voltar da novena pelo caminho que habitualmente fazia. Os meliantes, após roubá-lo, haviam-no abatido à custa de porretadas e facadas.

Aqueles detalhes cruéis, que o delegado fez questão de fornecer olhando-o nos olhos, abateram ainda mais o ânimo de Arnaldo, que não imaginara algo assim. Ele fez um discurso que havia ensaiado, no sentido de que, como o irmão costumava sair cedo, não estranhara ao não o encontrar em casa pela manhã.

Tudo o que se seguiu foi muito triste e torturante. O velório e o sepultamento de Antônio, que era muito respeitado pela coletividade, enquanto Arnaldo, tomado de um desconforto íntimo cada vez mais intenso, sentia que corria o risco de enlouquecer.

Ele buscava se convencer de que não tivera alternativa, mas sua consciência não o deixava em paz. Passava os dias e as noites remoendo o ocorrido. Suas noites passaram a ser uma tortura silenciosa, sempre recordando as figuras do irmão, do pai e da mãe, na solidão da casa que era finalmente toda sua.

Durante um tempo, ensaiou retomar suas noitadas, mas sem sucesso. É que pensava ver a figura do irmão a mirá-lo, e isso lhe tirava o entusiasmo.

Desenvolveu o hábito de beber sozinho, tomado de um remorso cada vez mais terrível. Sua consciência já não mais admitia desculpas e ele um dia se convenceu de que teria sido preferível ir para a cadeia, sofrer fisicamente tudo o que fosse preciso, ao invés de ter de lidar com a consciência pesada pelo assassinato do irmão.

Gradualmente, brotou no íntimo de Arnaldo um imenso desejo de confessar o crime e de ser responsabilizado por ele.

O irmão de Antônio flertava fortemente com o alcoolismo e a loucura quando certa tarde, ao passar pela frente da igreja, sentiu uma imperiosa vontade de entrar. Lembrou que sua vítima gostava muito do local e isso o torturou ainda mais, mas após hesitar bastante, entrou no ambiente santo. Este estava fresco e levemente penumbroso, em um clima que convidava à paz e à meditação.

Arnaldo sentou-se em um banco e ficou mirando as imagens, em especial a figura de Jesus crucificado. Foi a primeira vez que pensou seriamente no sentido da religião e na figura do Cristo. Lembrou-se das longas conversas que tivera com a mãe, nas quais a história de Jesus estava sempre presente. Pensou que ele fora traído pelo povo a quem tanto amara e ajudara. Fez uma correlação com o que fizera com seu irmão e em seu íntimo algo se partiu. Lágrimas ardentes começaram a lhe rolar pelo rosto, enquanto se ajoelhava, completamente frágil,

rogando por um perdão que sentia não merecer.

Nisso o padre André entrou na igreja, pela parte detrás do altar, e viu ali o filho de sua falecida amiga Gerana. Observou que o homem orava muito contritamente e ficou feliz. Mas alguma coisa na postura dele lhe chamou a atenção. Temendo que o fiel estivesse tendo uma convulsão, aproximou-se cautelosamente. Mas Arnoldo em verdade soluçava de forma incontida.

O sacerdote se aproximou e colocou a mão no ombro do comerciante.

– O que tem, meu filho?

Arnoldo pulou de susto, mas ficou de certa forma aliviado ao ver o padre e pensou que poderia lhe contar tudo o que fizera. Com as lágrimas correndo pelo rosto, falou:

– Padre, eu sou um pecador, um assassino. Matei o meu irmão!

O padre André entendeu que ali havia um drama de grande extensão e abraçou Arnoldo com um carinho infinito. Sentindo-se acolhido, este chorou longamente, até se acalmar um pouco.

Felizmente, não havia mais ninguém na igreja. Mas o sacerdote, cauteloso, ofereceu-se para ouvir Arnoldo em confissão na casa paroquial, que ficava ao lado da igreja. Assim, poucos instantes depois eles deixavam o local.

A residência do padre também era um local de grande paz. Ele colocou os paramentos e se dispôs a ouvir a confissão em seu próprio quarto, em clima de total intimidade.

Ali, junto daquela alma bondosa, que já o amparara no passado longínquo, Arnoldo foi tomado de uma profunda sensação de familiaridade e abriu o coração. Contou todo o drama que vivera, sem ocultar nenhum detalhe nem buscar minimizar o ocorrido. Despiu sua alma, chorou longamente e se sentiu melhor.

O padre ouviu com carinho e tristeza, lamentando saber o terrível drama que abatera os filhos de Gerana. Sim, pois se Antônio morrera, Arnoldo era ainda mais infeliz, pois tinha de conviver com a consciência pesada pelo fratricídio.

André era um homem sábio e buscou encaminhar aquela alma torturada pelo caminho de um arrependimento sadio. Lembrou-o de que o irmão falecido era muito religioso e, seguindo os exemplos da mãe de ambos, dedicava-se ao socorro dos pobres.

Além das orações e penitências de praxe, deu orientações específicas para que Arnaldo pudesse alcançar o perdão que ele podia ofertar. Que seguisse os exemplos do irmão falecido e o substituísse, em alguma medida, nas coisas boas que fazia.

Dissuadiu-o de se entregar à polícia, argumentando que seria mais útil trabalhando, produzindo e auxiliando com a fortuna da família os menos favorecidos. Era um programa completamente novo, e Arnaldo começou a segui-lo sem muita convicção, movido mais pela ascendência do padre sobre ele do que por qualquer outra coisa.

Mas aquela conversa e a amizade que facilmente estabeleceu com o sacerdote foram sua salvação. Ele nunca chegou a ficar em paz, no restante de sua vida, e tinha de lutar com a lembrança do que fizera. Entretanto, a tutela do bom sacerdote o auxiliava grandemente. Era como um pai que encontrava e a quem gostava de obedecer.

Arnaldo não viveu muito tempo. Cedo desenvolveu um problema cardíaco, à semelhança da mãe, e veio a falecer ainda antes dos 40 anos.

Contudo, algo muito importante ocorrera em seu íntimo, ao peso do pungente remorso decorrente do assassinato do irmão. Passara a se interessar por religião, tomara horror de noitadas e jogatinas e desenvolvera certo temor de causar mal aos outros. Era como uma espécie de fobia, bem longe ainda do equilíbrio, mas que deveria guiá-lo no futuro. Isso o ajudaria a tomar as resoluções e as atitudes necessárias ao projeto de reajuste que o esperava nas encarnações seguintes.

Do Invisível

Ao terminar a narrativa, penso como Arnaldo evoluiu durante a sucessão de suas vidas terrenas. Durante muito tempo, fora extremamente cruel e matara e infelicitara muitas pessoas. À custa de sofrimentos, na última encarnação narrada, bastara um assassinato para arremessá-lo nos braços do mais profundo e fecundo arrependimento.

É impossível deixar de anotar a sabedoria e a bondade de Deus, que concede tantas oportunidades quantas Seus filhos necessitem para se redimir.

Arnaldo precisara primeiro se acertar com Matilde e Angélica, e para isso renascera em condições muito desfavoráveis. O fervor religioso das duas, que lhes inspirara o desejo ardente de gostar do próximo e de ampará-lo, auxiliara o reajuste.

Feito este, surgira o momento de Arnaldo e Antônio se cruzarem pelas veredas do destino. Eles tinham um histórico de desavenças e golpes trocados e era necessário que se acertassem. O futuro reserva o momento em que retomarão em um contexto feliz a fraternidade ensaiada no passado.

Na última existência descrita, movido pelo remorso do que fizera com o comandante, Antônio desde cedo sentira pelo irmão mais moço carinho e responsabilidade.

Já Arnaldo, ainda imaturo espiritualmente, guardava em si antigas mágoas inconscientes. Em sua vida como comandante, acalentara na mente por muito tempo a imagem de Antônio sendo morto por malfeitores a quem ele agenciava.

Essa imagem infeliz nutrida por Arnaldo ficara gravada em seu psiquismo e brotou em um momento de crise, facilitando sua queda.

Isso bem diz do perigo de acalentar imagens nocivas, do que não se pode ou não se deseja realmente fazer. Elas podem criar raízes e em um momento crítico emergir à consciência, como se fosse algo natural ou aceitável.

A narrativa das encarnações de Matilde, Arnaldo e seus companheiros, amigos ou inimigos, traz importantes lições sobre como o espírito pode complicar seu destino por leviandades. Feita a sementeira, a colheita se torna imperiosa.

Um vínculo que se decide estabelecer, de forma doentia, persiste ao menos até ser saneado e se purificar.

Matilde caminhava ao meu lado, no curso de algumas vidas, até que certas opções suas a fizeram se distanciar para viver outras experiências.

Tal evidencia a falsidade da teoria que pretende que algumas almas são desde o princípio destinadas a evoluir em conjunto, como companheiras inseparáveis. Esse companheirismo pode ou não estabelecer-se, manter-se ou não, a depender da vontade dos envolvidos.

Hoje Matilde evolui ao lado de Arnaldo, que é o seu companheiro. No presente momento, formam um casal equilibrado no mundo, que vive segundo os valores cristãos e educa seus filhos com carinho e responsabilidade.

Sinto por ambos uma ternura de irmão, quem sabe de pai, e os observo feliz em sua jornada rumo à redenção.

FIM